

H-88.244

OS TRÊS CARNAVAIS DA BIENAL



Completando seu 12.º ano de atividades imobiliárias, a C. I. I. C. aproveita o ensejo para agradecer a confiança e a preferência com que o público tem correspondido à linha de suas realizações.

Com a colaboração de firmas construtoras como:

Pires Santos & Cia. Ltda.
Cia. Construtora Nacional S. A.
Construtora Mello Cunha S. A.
Construtora Duvivier S. A.
Construtora Mantiqueira S. A.

e arquitetos como:

M. M. M. Roberto, Jacques Pilon, Oscar Niemeyer e Hélio Uchôa, Henrique Mindlin, João Khair e S. Gost.

a C. I. I. C. construiu nesse periodo, um total de 24 edifícios e mais de 1.000 casas populares.

PRESIDENTE
Henryk Alfred Spitzman Jordan

VICE-PRESIDENTE
Dr. Rodrigo Octávio Filho

DIRETORES
Dr. Carlos de Sabóia Bandeira de Mello - Henryk Landsberg - Stefan Neuding - Dr. João Pedro Bandeira de Mello - Dr. Julio Zalszupin.

CONSELHO CONSULTIVO
Dr. A. J. Peixoto de Castro Junior - Dr. Antônio Gallotti - Dr. Dornelles - Dr. E. Batista Pereira - Dr. José Armando d'Affonseca - Senador Ivo d'Aquino - Dr. Vicente Galliez - Dr. Vicente Noronha.

CONSELHO FISCAL
Senador Francisco de Assis Chateaubriand — Senador Arthur Bernardes Filho — Mário d'Almeida.

CIIC

Vega Publicidade

Companhia de Importações Industrial e Construtora: Av. Nilo Peçanha, 155 . 4.º andar - Salas 401/407 - Edifício Nilomex - Tel.: 52-0365 - Rio de Janeiro

REVISTA DA SEMANA

ANO LI — Nº 9 — 27-2-54

SUMÁRIO

Mais roupa para Danielle	8/13
Na praia de Pernambuco	14/17
Em ponto de bala o sabiá da crônica	20/23
Os três carnavais da Bienal	28/31
Portinari em grande gala	42/45
Os políticos são assim	48/49
Tragédia e morte na Guanabara	54/57
Um carnaval	3
Houve confusão no festival de São Paulo	4/6
Eu vi as cadeiras na calçada	19
O mar	26
Para praia e piscina	32/33
Conversa de mulher	36/37
Semana literária	46/47
Semana política	52/53
Último flash	58

CAPA:

DANIELLE LAMAR (Foto Jhon Pratt)

(Veja reportagem nas páginas 8 a 11)

● Redator-Chefe: **Joel Silveira**
● Assistente: **Hélio Abreu**
● Paginação: **Victor Tapajós**
● Desenhos: **Alberto Lima**
● Publicidade: **J. M. Costa Júnior**

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933. — Propriedade da **CIA. EDITÔRA AMERICANA.**

● Diretor: **Gratuliano Brito**
● Assistente: **Renato de Alencar**

ENDEREÇOS E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8847 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES

Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal, 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires. Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO

Distribuição: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Tel.: 34-1569
Publicidade: M. Gonçalves da Silva — Rua 15 de Novembro, 228, 5º andar, sala 517 — Tel.: 33-4811.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano ...	Cr$ 250,00
Seis meses ...	Cr$ 125,00
Registrada — Um ano ...	Cr$ 280,00
Seis meses ...	Cr$ 140,00

ASSINATURA PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano ...	Cr$ 400,00
Seis meses ...	Cr$ 200,00

O número avulso custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 6,00.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. Êste número tem 76 páginas.



O DRAMA DE NINON

● Muita festa, muita alegria, mas para a bela Ninon Sevilla, a rainha absoluta da Rumba, o Festival de Cinema virou data de luto. Ladrões (possivelmente internacionais, atraídos a S. Paulo pelo aglomerado de famas e glórias) conseguiram penetrar na luxuosa «suite» da estrêla mexicana, no novíssimo Hotel Jaraguá, e arrebanharam jóias no valor de 8 milhões de cruzeiros. A polícia inteira de S. Paulo, alertada, está em pé de guerra. E, entrementes, enquanto não tem de novo os seus brilhantes, a bela Ninon chora, tranca-se no apartamento, diz que não quer ver ninguém, não vai mais à festa alguma, e grita entre soluços: «Eu preferia ter perdido as pernas!»

(Nas páginas seguintes: HOUVE CONFUSÃO NO FESTIVAL DE CINEMA)

REVISTA DA SEMANA

VAI

DISTRIBUIR PRÊMIOS A TODOS OS REPÓRTERES DO BRASIL!

● ● ●

VEJA NO PRÓXIMO NÚMERO AS BASES DO SENSACIONAL CONCURSO DE REPORTAGENS!

Chuva de estrêlas (e de canastrões) em São Paulo

Celebridades anunciadas não vieram, mas chegaram outras que ninguém esperava ★ Muita mulher bonita, alguns (poucos) filmes bons e sucesso absoluto de Von Stroheim ★ Quanto à parte dramática, ficou a cargo da bela Ninon Sevilla, de quem roubaram 8 milhões de cruzeiros em jóias.

Reportagem de MARITA LIMA ★ **Fotos de NORBERTO ESTEVES**

(PRIMEIRA DE UMA SÉRIE)

O I Festival Internacional de Cinema, agora em realização em S. Paulo, é também o primeiro Festival de Cinema, do mundo, que se faz em uma cidade tão grande e populada. Em geral, são realizados em lugares como Cannes ou Veneza. Mesmo o de Berlim foi afastado bastante de qualquer centro urbano capaz de causar atropelos. Mas neste, de S. Paulo, não se cogitou disto. O Festival de Cinema faz parte das comemorações do «IV Centenário» da cidade, e veio precedido de uma grande campanha publicitária, dirigida no sentido de interessar o maior número de pessoas e atingir a massa. No entanto, não é o que se diz agora.

A verdade é que as coisas falharam. Um imenso número de celebridades foi largamente anunciada e prometida. Mas não vieram. Um número reduzido de atores de segunda categoria andam pelas ruas, imersos no anonimato. E surge uma desculpa andrajosa para o fato. Dizem que o Festival não é para o povo. Que é um intercâmbio intelectual entre técnicos, artistas e profissionais de todos os ramos da cinematografia que têm interêsses comuns e podem se beneficiar com o contato. E ficamos nós sem compreender, então, o que foram fazer nos outros festivais êstes «astros» e «estrêlas» que por cá não brilham, nem brilharão.

Mas a coisa é outra. O que pauta verdadeiramente o caráter do Festival de Cinema em S. Paulo é a desorganização completa. A imprensa não consegue se manter informada, graças à ausência absoluta de informações «oficiais». As credenciais para jornalistas sòmente dão direito a ingresso nas sessões do Cinema Marrocos, onde se exibem os filmes oficialmente inscritos. As Jornadas Nacionais (filmes já premiados) e as sessões de cinema retrospectivo, que se efetuam

Aqui vemos Maruja Asquerino, uma morena espanhola de grandes olhos pretos. E' uma das boas atrizes de Espanha e, em matéria de beleza, uma das sensações do Festival de Cinema.





O Japão brilha intensamente. Fubuki Ko[...] Michio Aratama, êstes são os nomes da[...] **japone[...] hora c[...]**



Aqui está a delegação francesa, assistin[...] sessão inaugural do Festival. O mais rec[...] **cível é[...] Michel[...]**

HOUV[...] C[...]



japonesinhas que aparecem aí em cima. Na hora das entrevistas, ambas falam francês.



O instantâneo é de antes do roubo das jóias oito milhões de cruzeiros): nêle, a atriz cinematográfica, Ninon Sevilla, a rainha da rumba, aparece ao lado do ator Ramon Armendogue.



cível é Ray Ventura. Atrás, vê-se Abel Gance. Michel Simon não compareceu por estar doente.



Na foto, a delegação espanhola, numa ceia oferecida aos delegados. Desta festa se retirou a delegação francesa por falta de lugar. Houve graves confusões no Festival.

CONFUSÃO NO FESTIVAL DE CINEMA

SEGUE

HOUVE CONFUSÃO NO FESTIVAL DE CINEMA



Eric Von Stronheim é uma das maiores «vedetes» do Festival. Embora envelhecido, o seu aspecto é o mesmo. Aqui está a prova de que, quando enfrenta a objetiva, êle sempre é o Stronheim.

no Cinema Arlequim e no Museu de Arte Mode
são inacessíveis, pois dependem da compra de ingre
já totalmente vendidos. A Alfândega e a Polícia, tra
lhando com a sua peculiar morosidade, têm dificul
bastante o trânsito dos que chegam. E mais do
tudo, existe uma imensa desorganização nos conv

OS NAO CONVIDADOS

Soube-se que o ator Errol Flynn, bastante conhe
do nosso público e por sua vez conhecedor de no
terra, telefonou para uns amigos brasileiros, em Ro
dizendo que tinha sabido de um futuro Festival
Cinema no Brasil, do qual gostaria de participar.
o caso é que o Festival seria inaugurado dali a
dias e não houve jeito de fazer mais nada. Tam
Orson Welles lamentou não ser convidado, pois
certamente, de vez que conhece o Brasil e g
muito daqui.

Dos nacionais, mesmo falando sòmente dos pro
sionais de cinema, isto é, daqueles que indubita
mente se beneficiariam com o Festival, soubemos
não receberam convites muitos atores, entre os qu
alguns participantes dos filmes exibidos no certa
diretores como Bolini, que representará o Brasil
a «Senda do Crime», Luciano Salce, Carlos Thir
outros. Cacilda Beker e Jardel Jercolis foram pur
simplesmente barrados na entrada. E mais surp
endente ainda é o caso sucedido com Mazzaropi.
último filme — «Candinho» — está em exibição
cidade, em terceira semana. Rendeu mais de
milhões na primeira. Mas apesar disto o popular
não recebeu convite. Interessado no Festival e teim
por natureza, foi ao Serviço do Festival, na vésp
da inauguração, pedir convite. Ficou lá de quatro
tarde às duas e meia da manhã, para ser atend
Por fim, tomaram nota de seu nome, para estuda
caso e verem se êle merecia esta honra rara
ingressar no Festival. Realmente, no dia segui
recebeu seu ingresso. Mas era exclusivamente p
a sessão inaugural e nada mais. E quando che
a hora, no Cinema Marrocos, com um batalhão
polícia tomando conta iluminação feérica, um mo
mento incrível de carros chegando, cordão de iso
mento e o povo à cunha, para assistir a entrada
celebridades, surgiu Mazzaropi. Logo reconhecido pe
fãs, foi chamado, aplaudido com gritos, piadas
palmas, recebendo desta forma a maior aclamação
sua carreira. Ninon Sevilla e Mazzaropi foram as únic



Sophie Desmaret é uma atriz francesa de algum prestígio na Europa. Alegre e elegante, foi uma das atrações do Festival do Cinema. É bela e saudável. E adora dar entrevistas.



Sonika Bo é russa de nascimento e francesa por naturalização. Há vinte e um anos especializou-se em cinema infantil. Ela própria já produziu três películas que correram mundo.



A delegação argentina foi uma das que dec
cionaram. Só havia produtores e pessoal técnic
Mas, com pequeno atraso, chegou Laura Hid
go, que levantou o cartaz de sua delegaçã



O gov. Garcez, acompanhado de sua senhora, chega ao local da inauguração do Festival. Atrás, entre os dois, vê-se o sr. Andrade Figueira.



A sra. Prestes Maia, ex-atriz por sua vez, conversa com Leitão de Barros, o diretor português responsável por «Camões», e outros filmes famosos.

pessoas reconhecidas e aplaudidas pelo povo. Mazzaropi, êste pobre desconhecido que não mereceu mais do que o ingresso para uma sessão, após horas inteiras de fila.

OS QUE VIERAM

Já inaugurado e em plena função o Festival, as delegações ainda não chegaram tôdas. E as que aqui pousaram são, na sua maioria, decepcionantes. Da França, a grande «vedete» é Michel Simon, extremamente simpático e acessível. Já desceu do avião dizendo estar muito contente por conhecer o Brasil, sorrindo para todos e distribuindo abraços. Mas logo após sua chegada foi obrigado a guardar leito, atacado de violenta gripe. O resto da delegação, inclusive alguns brotos muito bonitinhos e simpáticos é de uma tal maneira desconhecida do público, que quem brilhou numa reunião na chácara «Jangada», pela França, foi Teresinha Solbiati, uma grã-fina de S. Paulo que não tem nada a ver com cinema. Mas também veio Abel Gance. De uma simpatia extrema e de uma simplicidade capaz de favorecer qualquer contato, anda êle, com seu porte digno e sua cabeleira branca, atendendo indistintamente a quem o solicita. Porém, trata-se mais de um monumento histórico do que de qualquer outra coisa. Tendo realizado «La Roue» e «Napoléon», conquistou para si um dos lugares altos no cinema dos primeiros tempos. Agora não atua mais, mantendo-se mesmo afastado dos estúdios.

Da Inglaterra não veio um único ator, só desembarcando pessoal técnico e da produção. Desta delegação, a figura de maior destaque é o diretor Henry Cornelius, que quer muito conversar com Alberto Cavalcânti e tem vontade de fazer um filme no Brasil, mas com história e humor inglêses. Pensa num enrêdo que comece com a entrada de um garção servindo cafèzinho, pois acha uma graça imensa, no fato de em um país com tanto café, como o Brasil, êle ser servido em xícaras tão pequenas.

Da Suíça vieram apenas um produtor e um jornalista. Do Japão duas atrizes de identificação tão difícil quanto seus nomes: Fubuki Koshiji e Michio Aratama.

E assim estão as coisas, com os hotéis lotados de gente desconhecida dêste povo que agora, já que tudo está falhando, passa a não ter mais nada a ver com o Festival de Cinema.

VON STROHEIM

Chegou doente. Seu aspecto é exatamente aquêle das telas. Durão de fisionomia e com trejeitos prussianos, não deixava transparecer sequer seu mal-estar. Declarou estar encantado com a retrospectiva de seus filmes, o que o torna grato ao Brasil. Numa entrevista coletiva disse que Hollywood teve de melhor o que êle próprio dirigiu. Mas agora está desligado do cinema norte-americano que o considera «ferro-velho».

Stroheim é uma das pessoas reconhecidas pelo público e empalidece algumas mulheres que lhe pedem autógrafo. Anda sempre acompanhado por sua bela espôsa, uma das mulheres mais elegantes do Festival. No entanto, o grande ator e diretor é incrivelmente inacessível, repelindo rudemente qualquer aproximação.

Sérgio Cardoso e Nídia Lícia, admiradores de sua obra, procuraram ser apresentados a êle. Mas irritado, Stroheim repeliu-os, alteando a voz para dizer que não. «Basta. Não quero ser apresentado a mais ninguém. Estou farto de conhecer gente». Sérgio, desmontado, não encontrou palavras para dizer. Mas Nídia, entre outras coisas poliglota, respondeu à altura a grosseria, em bom alemão.

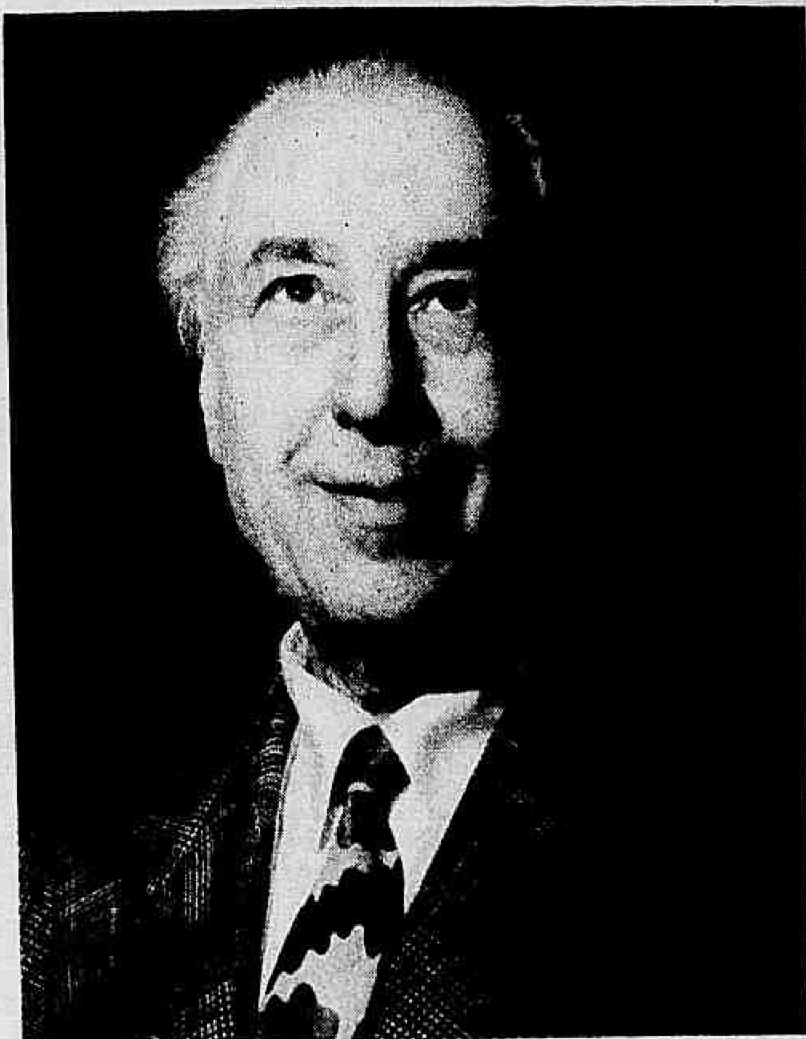
Ao lhe ser apresentado Alberto Rushel disse simplesmente: «Tem mesmo cara de cangaceiro». E virou-lhe as costas. Mariza Prado êle recusou conhecer, dizendo que se não se interessa por artistas de Hollywood, muito menos por brasileiras.



Claude Mauriac é a atração dos intelectuais. Filho de André Mauriac, é por sua vez crítico cinematográfico do «Le Figaro». Assim que chegou, os grã-finos tomaram conta dêle.



Bela, loura, sempre atraente, mas ela nada tem a ver com o cinema. É a senhora de Ray Ventura. Seu marido é o nosso velho conhecido, dos dourados tempos da «Urca».



Êste foi um dos homens mais importantes do cinema dos tempos antigos. Agora está bastante envelhecido e completamente afastado dos estúdios. Seu nome é êste: Abel Gance.

ULTIMATUM EM LONDRES:

MAIS ROUPA PARA DANIELLE!



A CENSURA NÃO DEIXOU VÊ-LA POR TRÁS DO BIOMBO.

A «ESTRÊLA» NORTE-AMERICANA BRILHOU NA BROADWAY, MA
QUASE DESENCADEIA UMA REVOLUÇÃO NA CAPITAL BRITÂNIC



TIRANDO A ROUPA; MAS FORA DO ALCANCE DA CÂMARA...



ASSIM, PODE, MISS LAMAR. NÃO HÁ MUITO ESCÂNDALO

DANIELL
mavere
França. S
famoso na
dos Unido
Richard A
achou que
"estrêla".
qualquer
britânica
novidades
admiração
tes. Nada
contrato c
para os "
inglêsa.
• Mr. Af
sucesso d
Lamar n
mas, com
não é o
Unidos, c
logo de p
poderia c
aparelhos
"pouca ro
tumava s
norte-ame
considera
formosas
do louco,
ela própr
mostrar s
mínimo c
perfil bel
cia de
orientais.
e atraent
se carac
sensual.
• Bispo
muitas e
os maric
"mulher
TV. Mas
panha
houve u
Inglaterr
de ver
Mas foi
trato, a
as londr
sua nud
tagem,
"sex app
esteja
roupa,
side; sim
segrêdo
possuir

Não r
nielle L
que faz
de Lond

DANIELLE Lamar tem 25 primaveras e chegava da França. Seu nome se tornara famoso na televisão dos Estados Unidos, e o empresário Richard Afton, de Londres, achou que devia contratar a "estrêla". Como sucede em qualquer país, também a TV britânica anda ansiosa por novidades e "bombas" de admiração para os seus clientes. Nada melhor do que um contrato com Danielle Lamar, para os "shows" da televisão inglêsa.

- Mr. Afton sabia do imenso sucesso da endiabrada miss Lamar nos Estados Unidos; mas, como o público britânico não é o mesmo dos Estados Unidos, o empresário tratou logo de preveni-la de que não poderia aparecer na tela dos aparelhos inglêses com a "pouca roupa" com que costumava surgir aos olhos dos norte-americanos. A artista é considerada uma das mais formosas de corpo dêste mundo louco, e, por isso mesmo, ela própria acha que tem que mostrar suas curvas com um mínimo de panos. Tem um perfil belíssimo, uma elegância de princesa de lendas orientais. Canta com voz doce e atraente, mas suas canções se caracterizam pelo sentido sensual.

- Bispos a escomungaram e muitas espôsas brigaram com os maridos por causa dessa "mulher perigosa", mesmo na TV. Mas, apesar dessa campanha de reprovação, não houve um lar com TV na Inglaterra que não gostasse de ver o "fim de mundo". Mas foi obrigada pelo contrato, a ter mais discrição com as londrinas e não abusar de sua nudez. Falando à reportagem, ela declarou que o "sex appeal" não é coisa que esteja "na cara", nem na roupa, nem nas formas. Reside, sim, nos sentidos, e é um segrêdo que ela sabe como o possuir e usa.

Não resta dúvida: essa Danielle Lamar vai dar muito o que fazer às senhoras casadas de Londres.





NUMA ATITUDE TEATRAL, MAS COM BASTANTE PANO...



OH! MISS LAMAR! NÃO AVANCE TANTO ASSIM O SINAL

Ultimatum em Londres: MAIS ROUPA PARA DANIELLE



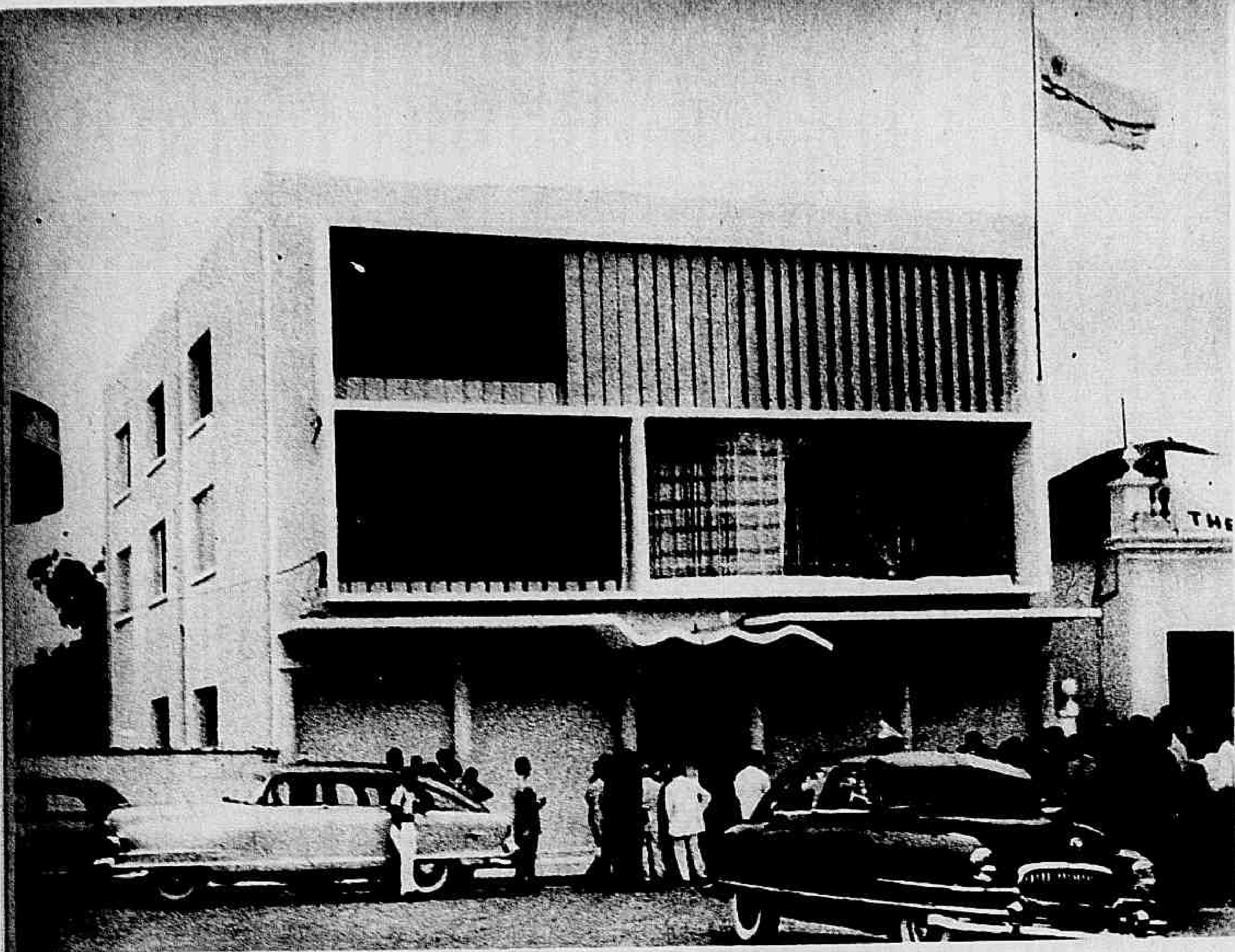
DANIELLE LAMAR LANÇA LONGE A SAIA E CANTA ALEGRE.



DÁ UM PONTAPÉ NO «SOUTIEN» E GRITA: FORA ISSO

CENA QUE NEM NO PIGALLE SE VIU. NEM NA TV





O belo edifício do Centro do Comércio de Café de Paranaguá.



O sr. João Ferraz de Campos, presiden[te do] Centro do Comércio de Café de Paran[aguá,] dircursou na inauguração da nova sede. [À] direita o ministro do Haiti, sr. Pierre Ri[...]

NO CONGRESSO MUNDIAL DO CAFÉ

INAUGURADA A NOVA SEDE DO CENTRO DO COMÉRCIO DE CAFÉ DE PARANAGUÁ

COM a presença de numerosos congressistas nacionais e estrangeiros, participantes do 1º Congresso Mundial do Café então reunido em Curitiba, foi festivamente inaugurada, a 17 de janeiro último, a nova sede do Centro do Comércio de Café de Paranaguá, um dos maiores escoadouros do nosso principal produto. Falou no ato o presidente do Centro, sr. João Ferraz de Campos, saudando os visitantes e discorrendo sôbre a magnífica realização, tendo os srs. João Pacheco e Chaves, presidente do Instituto Brasileiro do Café, e Rubens de Melo Braga, secretário de Agricultura do Paraná, cortado a fita simbólica. O prédio inaugurado é uma obra lançada em estilo moderno, com suas dependências confortável e luxuosamente instaladas, recebendo a diretoria do Centro os mais justos aplausos pela sua iniciativa. Após a inauguração, em cerimônia realizada no auditório do Centro, o sr. João Ferraz de Campos recebeu o título de Sócio Correspondente do Centro do Comércio de Café do Rio de Janeiro. Fêz a entrega do documento o sr. Antônio Esteves Marques, que discursou alusivamente, tendo o homenageado agradecido. O Centro do Comércio de Café de Paranaguá ofereceu aos presentes um esplêndido almôço no Clube Olímpico, servido por ilustres damas da sociedade local, que constituiu uma nota de alta distinção. Falaram no agape o representante do prefeito de Paranaguá, o presidente do I. B. C., sr. João Pacheco e Chaves, e o representante do governador Munhoz da Rocha, sr. Rubens de Melo Braga. Foi, enfim, um dia encantador, o que aquela entidade de classe proporcionou aos participantes do 1º Congresso Mundial do Café.



O sr. Antônio Esteves Marques entrega a[o sr.] João Ferraz de Campos o título de Sócio Co[rres]pondente do Centro do Comércio de Ca[fé do] Rio de Janeiro, em cerimônia para êsse [...]



O Centro do Comércio de Café de Paranaguá ofereceu aos participantes do 1º Congresso Mundial do Café um magnífico almôço a americana, no Clube Olímpico, servido por ilustres damas da sociedade local. Foi uma festa de alta distinção. O clube da bela cidade portuária paranaense achava-se todo ornamentado caprichosamente com fôlhas e frutos da nossa rubiácea.



O secretário da Agricultura do Paraná, sr. [Ru]bens de Melo Braga, e o sr. João Pacheco [e] Chaves, presidente do Instituto Brasileiro [do] Café, inauguram a nova sede do Ce[ntro...]

NO JUCA'S O UÍSQUE É BOM E A INTELIGÊNCIA É FARTA



FERNANDO LÔBO fala mais do que bebe. A seu lado, Terezinha Austregésilo é, periòdicamente, uma das alegrias da casa. O senhor austero que vê-se ao fundo é o próprio Juca's Chaves, que também bebe o uísque da casa — atitude que representa uma garantia de segurança e inviolabilidade. O Juca's dispõe da melhor e mais fiel legião de prestimosos garçãos, sob o comando do experimentadíssimo e impávido Custódio.



DÁ DE TUDO NESTA MESA: Galã de cinema (Nilo Ruschel), romancistas (José Condé e Osvaldo Alves), poeta (Paulo Mendes Campos), crítico de arte (Flávio de Aquino), teatro (Terezinha Austregésilo), jornalistas (Medeiros Lima e Lúcio Rangel). E aparece, ainda, na ponta ao fundo, aquêle senhor de cigarro na bôca que não conseguiram identificar, mas que pelo jeito deve ser um ensaísta mineiro. Acrescente-se que é bom clima.

E HÁ AINDA UM TELEFONE MÁGICO E UM GRUPO DE GARÇÃOS QUE SÃO CORRELIGIONÁRIOS E PRIMOS NOSSOS

MODA vai, moda vem, mas o Juca's já é mais do que moda, é estado de espírito. Sumidades autorizadas na arte do bom beber e do bom falar atestam, categòricamente: trata-se, sem dúvida alguma, do bar mais simpático, mais ameno e agradável de todo o centro da cidade. O uísque é bom, rigorosamente sem sotaque ou quaisquer influências brasílicas, os «salgadinhos» são feitos em casa (incluindo aquêles magníficos siris que ainda trazem o gôsto do mar), e os garçãos, mais do que tais, são irmãos, primos, amigos fraternos, aliados, conterrâneos e correligionários. Há, ainda, um telefone mágico que pode ser desligado e ligado em qualquer mesa, a gôsto do freguês, e através do qual poderemos perfeitamente falar para casa ou o escritório (na primeira dose), ou Paris ou Roma (na décima).

Quanto à freqüência, impossível exigir melhor: das dezessete às vinte e uma horas, a inteligência fervilha em cada mesa e brilha em cada canto um talento. Poetas, romancistas, sociólogos, ensaístas, glórias consagradas e glórias inéditas — tudo se junta no Juca's numa orgia de engenhos e artes capaz de entontecer o mais firme. Mas a casa é honesta — e nem por isso, por oferecer no original o que temos de melhor em matéria de inteligência e cultura, Juca Chaves e seus comandados cobram o uísque mais caro. E já tem mesmo acontecido até cobrarem mais barato, o que, convenhamos, é, nestes tempos proibitivos, mais do que uma liberalidade, um gesto do mais acendrado civismo . . . escocês.

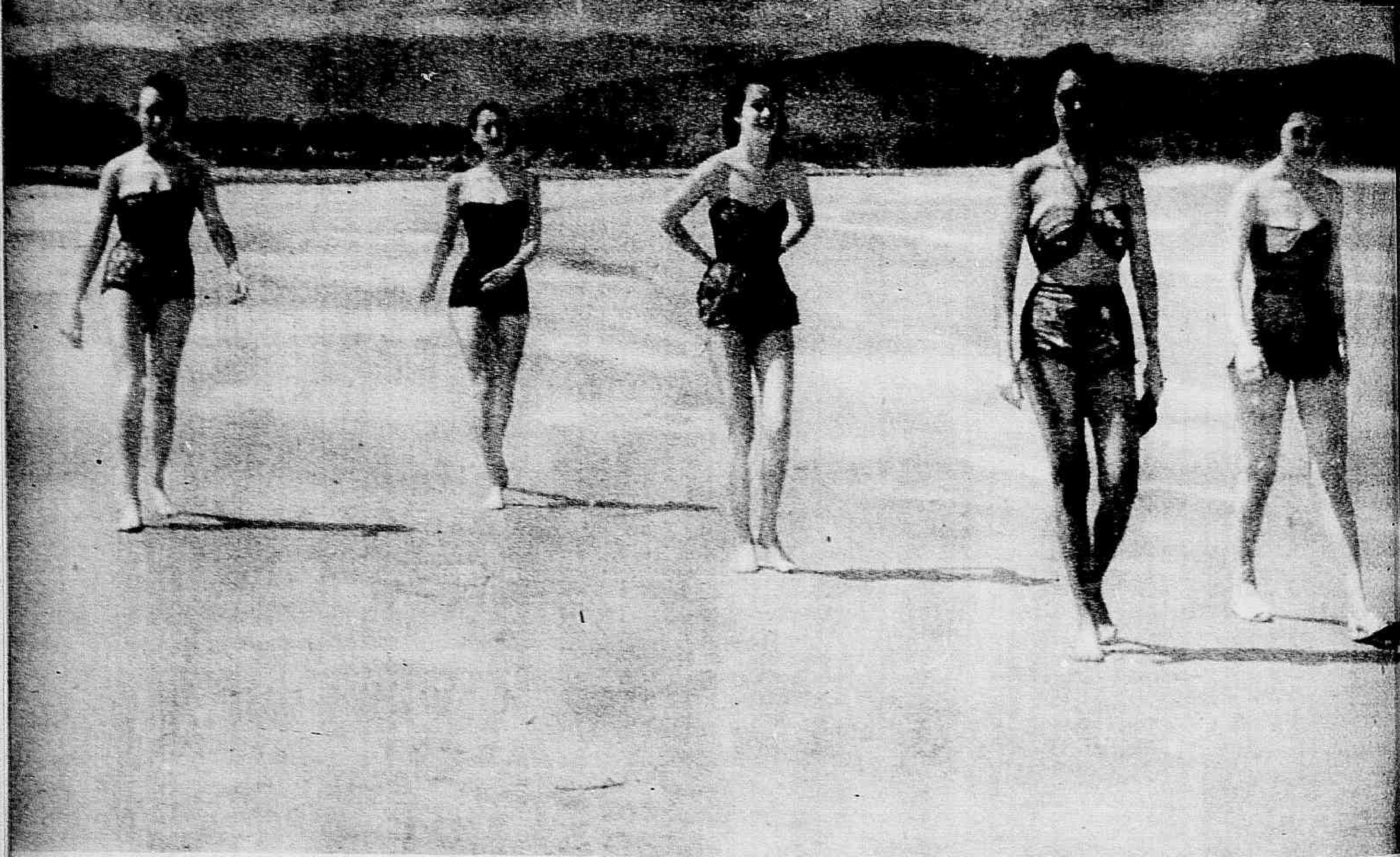




INGE SCHOENTHAL novamente, desta vez entre dois fulgurantes talentos da nova (ainda?) geração: Millor Fernandes, o Vão Gogo do «Cruzeiro», e Paulo Mendes Campos, que está de gravata nova. — TALENTO E FORMUSURA: — Da esquerda para a direita, Lúcio Rangel («expert» em jazz e trompetista teórico), a jornalista Inge Schoenthal, com o seu cabelinho de pé de vento e Sérgio Pôrto, que também é Stanislaw Ponte Preta. Quando tiramos o instântaneo, Lúcio acabava de liquidar a terceira dose (eram 19 horas), a mocinha enfrentava a metade da primeira e Stanislaw começava bravamente a quarta. E às 21 horas, o espírito do Senhor já boiava sôbre as águas. E como, vez por outra, aparece mulher bonita!

Casa, comida, bebida e paisagem

Na praia de Pernambuco

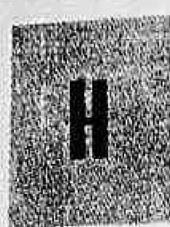


As moças regressam do banho de mar. Com o calor reinante em São Paulo, nada mais gostoso que a praia do Pernambuco. E na praia, nada melhor que a casa de Marjorie.

Max Bill, Walter Gropius, De Marchi, entre as mais belas moças da sociedade de São Paulo ★ Uma casa, um «drink», e um almôço, que só uma grande anfitriã pode oferecer ★ Na praia mais bela do Guarujá, a maior «hostess» do Brasil recebe cêrca de cinqüenta convidados em cada fim de semana ★ «Não fôsse uma casa tão pequena, com prazer receberia maior número de pessoas amigas», diz o sr. Jorge da Silva Prado, um dos maiores industriais de S. Paulo ★ Um dia de muito sol e muita alegria

Reportagem de MAXIMO BENEVIDES

Fotos de NORBERTO ESTEVES



HOUVE tempo em que todo o mundo perguntava, por música: você já foi à Bahia? Agora a pergunta é outra: — você já foi ao Guarujá? Porque o Guarujá é onde todo o mundo «bem» se encontra, o que facilita imenso a vida do cronista social. Dias passados, fomos até lá, porque acontecia uma reunião animadíssima na praia de Pernambuco, «chez» Marjorie da Silva Prado.

Nunca êste cronista desejou tanto ser dotado de uma memória fotográfica porque assim guardaria para todo o sempre os nomes (e os perfis) das «beautés» que encontrou. A travessia na balsa «Cunhambebe» é completamente pacífica e por isso nada há a registrar. Mas depois, naquela praia de Pernambuco... bom, é melhor olhar as inúmeras fotos que fizemos. Tôda a gente tem importância, tudo é **gente de algo** como o diria um cronista mundano nos tempos do Império.

TUDO BOM

Em volta dos paulistas de quatrocentos anos, melhor diríamos, em volta da Paulista de Quatrocentos anos que é Marjorie da Silva Prado (nós sabemos muito bem que ela é norte-americana de nascimento, mas o título de Paulista de Quatrocentos Anos foi-lhe conferido, por aclamação), se reunia o que há de melhor na sociedade paulistana, além de figuras com o nome no «Who's Who» das artes, da lite-



Na casa de d. Marjorie Prado, antes do almôço. Da esq. para a dir., de pé: srta. Maria Helena Crisóstomo de Oliveira, Osvaldo Gonçalves; srta. Anésia Pacheco Chaves e amiga; srta. Maria Helena Morganti, sr. Jorge da Silva Prado, o anfitrião e o sr. Pedro Sérgio Morganti.



Após o banho de mar descansam. No grupo, a sra. Marinela Monteiro de Barros, D. Marjorie Prado e o sr. Cornélio Procópio. Foi u'a manhã alegre.

NA PRAIA D



Tônia Carrero também passou o dia com o casal Jorge da Silva Prado, na praia de «Pernambuco». Ei-la, mais bela do que nunca.

ratura e da beleza da «Euro
França e Bahia». Gropius,
fabuloso Gropius, estava entus
madíssimo com a reunião e
o local, e com a intuição qu
mundo inteiro lhe reconhece,
mava que o Guarujá e, mais
priamente, a praia de Pernamb
se converteria dentro de bre
anos num dos pontos mais **im**
tantes do globo. Ouviram-se «
yes» e «jawohl» em resposta.
cronista, se não fôsse feio mete
com o super-Gropius, teria dito
êle conjugara o verbo **converter**
tempo errado. Porque o cronist
de opinião que a praia de
nambuco já se converteu num
pontos mais importantes do glo

A PAISAGEM PROIBE A DISCUSSÃO

Max Bill disse que não podia
cutir a opinião de Gropius.
ponto de vista é outro. Já o
dador da Bauhaus, por exempl
de opinião que Lúcio Costa
um dos maiores arquitetos do m
do. Max Bill discorda. Mas na p
de Pernambuco como não ha
nem haverá nunca, senão enc
tamento, tomavam «drinks», em
olhando a paisagem. O escultor
Marchi todo em êxtase por ca
da langüidez de Carmen Terezi
Solbiati disse da inspiração



No flagrante, a simpática sra. José Carlos Moreira Salles. «Pernambuco» vai-se transformando na Riviera paulista.



No fim da tarde, logo após a sesta, o escultor De Marchi aproveitou uma meia hora para esboçar o busto da anfitriã.



A srta. Maria Helena Morganti empresta, c sua graça e beleza melhor aspecto à paisag da praia de Pernambuco.

lhe trazia tão bonita moça. Pedro Sérgio Morganti, muito jovem ainda, está no páreo para um dos 10 mais elegantes do Brasil de 54.

Maria Helena Crisóstomo de Oliveira com sua alegria expontânea emprestava ao ambiente um pouco de sua alegria para contentamento geral, não deixando mesmo que os rapazes repousassem ou conversassem nos cantos aprazíveis da casa de dona Marjorie, levando-os ao mar, ou ao jôgo de boliche, no qual o cronista Jerry é um dos campeões.

Em meio a tôda essa alegria, do fim de semana de uma gente que de fato trabalha, o sr. Jorge Prado servia «drinks» cumprindo com esmêro sua satisfação de grande anfitrião. A tarde, quando o sol já iniciava seu declínio, lembramo-nos do samba de Noel Rosa que pede para o sol não vir agora «que as morenas vão logo embora». Era imensamente necessária a presença do sol, pois do contrário ficaríamos privados da presença de tão bonitas moças e simpáticos rapazes que graças a Deus todos os domingos retornam a praia de Pernambuco. Como não há poder de síntese possível para definir a casa de d. Marjorie Prado, na praia de Pernambuco, deixemos que as fotografias de Norberto Esteves falem por nós.



A senhora Loeb e a senhorita Carmen Teresinha Solbiati provam o mesmo «drink» antes do almôço. Parece que está bom.



O discutido arquiteto Max Bill almoça em companhia da sra. Jorge da Silva Prado, uma das melhores «hostess» do Brasil.



As duas Maria Helena. A Morganti e a Crisóstomo de Oliveira, ambas bonitas, ambas alegres, ambas cheias de graça.



A sra. Lúcia Alves Lima, uma das mais elegantes senhoras paulistas, serve-se, ela própria, do esplêndido almôço.

SORRIA SEMPRE ASSIM...

Prolongue a sua mocidade
PARA SORRIR SEMPRE ASSIM



A juventude
da cútis,
se consegue
com

Antisardina

ANTISARDINA renova as células gastas da epiderme, protege as células novas, restitui à pele cansada, ou prematuramente envelhecida, sua normal elasticidade, limpando-a de sardas, espinhas, manchas, rugas, panos, etc. ANTISARDINA é um creme de beleza CIENTIFICAMENTE preparado com ingredientes rigorosamente selecionados.

N ANTISARDINA LISOBARBA CABELOSAN ANTI



Semana ASTROLÓGICA

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 27 DE FEVEREIRO E 5 DE MARÇO DE 1954 — (Hemisfério Sul)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — O ambiente está completamente mudado. Sem a necessária prudência o leitor se arriscará a perdas e a aborrecimentos. Perdas nas especulações e aborrecimentos na vida doméstica. Os astros conspiram contra sua tranqüilidade. É preciso frustá-los.

★ TOURO (21/10 — 20/11) — Não haverá solução de continuidade na posição quase privilegiada que o leitor vem ocupando. Os astros continuam bem dispostos a seu respeito. Aproveite a oportunidade para a realização dos seus justos propósitos.

★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — Sua posição diante do Céu emissor vai ser melhorada, tanto no que diz respeito aos negócios profissionais, como no que tange à vida social. Num e no outro campo terá o leitor grandes compensações. Os melhores dias serão 3 e 5 de março.

★ CANCER (23/12 — 20/1) — Não inicie viagem nesta semana. Há perigo de acidente, agravado em relação aos dias 28 de fevereiro e 2 de março. Não se exceda na alimentação e em libações. Sua saúde se acha também ameaçada. Para seus negócios os dias melhores serão 2 e 4 de março.

★ LEAO (21/1 — 20/2) — A situação, na semana entrante será bem melhor para o leitor. Uma longa série de bons aspectos beneficiará o astro que lhe orienta o destino, proporcionando-lhe ótimas oportunidades para a realização dos seus objetivos.

★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — O leitor vai ter uma semana insignificante, sem chance, sem oportunidade e sem uma ambiência salutar para agir. Na vida doméstica a situação se mostrará muito insegura. Haverá contendas e desinteligência muito séria.

★ LIBRA (23/3 — 20/4) — Suas possibilidades, na próxima semana, serão bem maiores, principalmente no tocante à cooperação de que tiver necessidade nos negócios e na profissão. No lar e na sociedade só haverá motivos para satisfação.

★ ESCORPIAO (21/4 — 20/5) — Sua posição em face dos parentes, dos íntimos e dos que lhe formam a entourage, não será boa. Evite as companhias duvidosas e os meios que não lhe sejam habituais.

★ SAGITARIO (21/5 — 23/6) — Os astros vão liberar sua ação na semana vindoura. Poderá agir com inteira liberdade e sem maiores receios, pois nada de desagradável lhe poderá vir. Os negócios correrão a contento e de modo satisfatório a vida sentimental.

★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — Evite os velhos, durante a próxima semana. Do mesmo modo, não dar andamento aos negócios em atraso. Nada conseguirá. O período será favorável, porém, às iniciativas, ao lançamento de qualquer negócio, industrial principalmente.

★ AQUARIO (23/7 — 21/8) — A nova semana lhe dará ótima oportunidade para a realização dos seus projetos. Não se tome de precauções nem solicite conselhos. Aja guiado pelos instintos, certo de não errar. Os melhores dias serão 3 e 5 de março, para qualquer empreendimento novo.

★ PEIXES (22/8 — 20/9) — Tome uma orientação oposta à da semana anterior, se quiser colhêr algum resultado nos empreendimentos e nas decisões que tomar. Evite, como puder, o outro sexo e reflita maduramente sôbre os negócios a efetivar.

OS NOMES DA SEMANA

Fevereiro,	27	—	Elmano	—	Romélia
"	28	—	Sátiro	—	Egídia
Março,	1	—	Tibúrcio	—	Lénia
"	2	—	Joaquim	—	Joaquina
"	3	—	Eleutério	—	Sueli
"	4	—	Maximiano	—	Gertrudes
"	5	—	Anselmo	—	Rogéria

EFEMÉRIDE DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio-dia de Greenwich

				(SIGNO:)
Fevereiro,	27	—	8º - 21' - 43''	(Peixes)
"	28	—	9º - 21' - 50''	(")
Março,	1	—	10º - 22' - 13''	(")
"	2	—	11º - 22' - 26''	(")
"	3	—	12º - 22' - 37''	(")
"	4	—	13º - 22' - 46''	(")
"	5.	—	14º - 22' - 54''	(")

PÁGINA 19

EU VI AS Cadeiras na Calçada

RENATO DE ALENCAR

EM ruas quase centrais, em Fortaleza, eu vi cadeiras nas calçadas e gente a conversar. Chupando roletes de cana caiana, bebendo refrescos e cajuínas, aquelas famílias eram felizes. O céu estrelado parecia tão perto, que a gente sentia uma vontade infantil de pegar as estrêlas e fazer um colar com o Cruzeiro do Sul. A lua fininha escondendo as bochechas parecia um parêntese ocultando do mundo uma frase do céu. Ninguém se queixava do calor que fazia. Os alíseos chegavam das dunas cinzentas, trazendo nos sopros um cheiro gostoso de maturis. De um lado e de outro da rua comprida, certinha, linheira, havia cadeiras e gente a palrar. Conversa animada, explosões de risos de certo ao falarem de algum episódio do circo político. Ou então anedota, algum apelido lá do Aracati, ou histórias jocosas de algum papagaio que aprendeu sem querer a meter a tesoura na vizinha do lado. Mas ninguém se queixava da temperatura.

Um povo feliz o cearense, que ainda pode sentar-se em cadeiras às calçadas da própria capital e refrescar-se, a divertir-se com «histórias dos mais velhos», dos tempos da «Padaria Espiritual», de Quintino Cunha, língua respeitável, produtora de epigramas.

● Porque não se usa aqui no Rio o sistema de «cadeiras nas calçadas»? Com certeza porque os autos precisam delas para atropelar. E matar também. No Rio o calor mata, o automóvel mata, o açougue mata, a leitaria mata, o restaurante mata. Uns, violentamente; outros, lenta e persistentemente. Umas cadeiras na calçada, com assembléias de «mesa redonda» sem mesa visível, todo mundo podendo falar e criticar, chupando roletes de cana caiana ou a beber cajuínas tão refrescantes, seria ideal para todo êste povo do Rio, que assim, se fizesse, fugia ao calor, trocando anedotas e dando balanço na vidinha alheia. Os bancos das praças não resolvem o problema. São locais-privilégios para os namorados, que ali se instalam e começam as cenas que a decência reprova e a polícia não vê. As cadeiras nas calçadas são poéticas, provincianamente líricas, patriarcalmente amáveis, banhadas na doçura espiritual dos velhos tempos. Eu vi as cadeiras nas calçadas de ruas quase centrais de Fortaleza. Famílias inteiras a tagarelar, matronas gorduchas a balançar-se suavemente; crianças brincando, cantando nas **rodas**, nutrindo as belezas do folclore; senhores idosos contando anedotas da antiga aventura lá pelo Madeira; noivinhas dengosas, em arrulos de pombas, fazendo castelos a olhar para o céu. E os ventos alíseos num ambiente de sonho traziam da praia o cheiro gostoso de flor de caju.

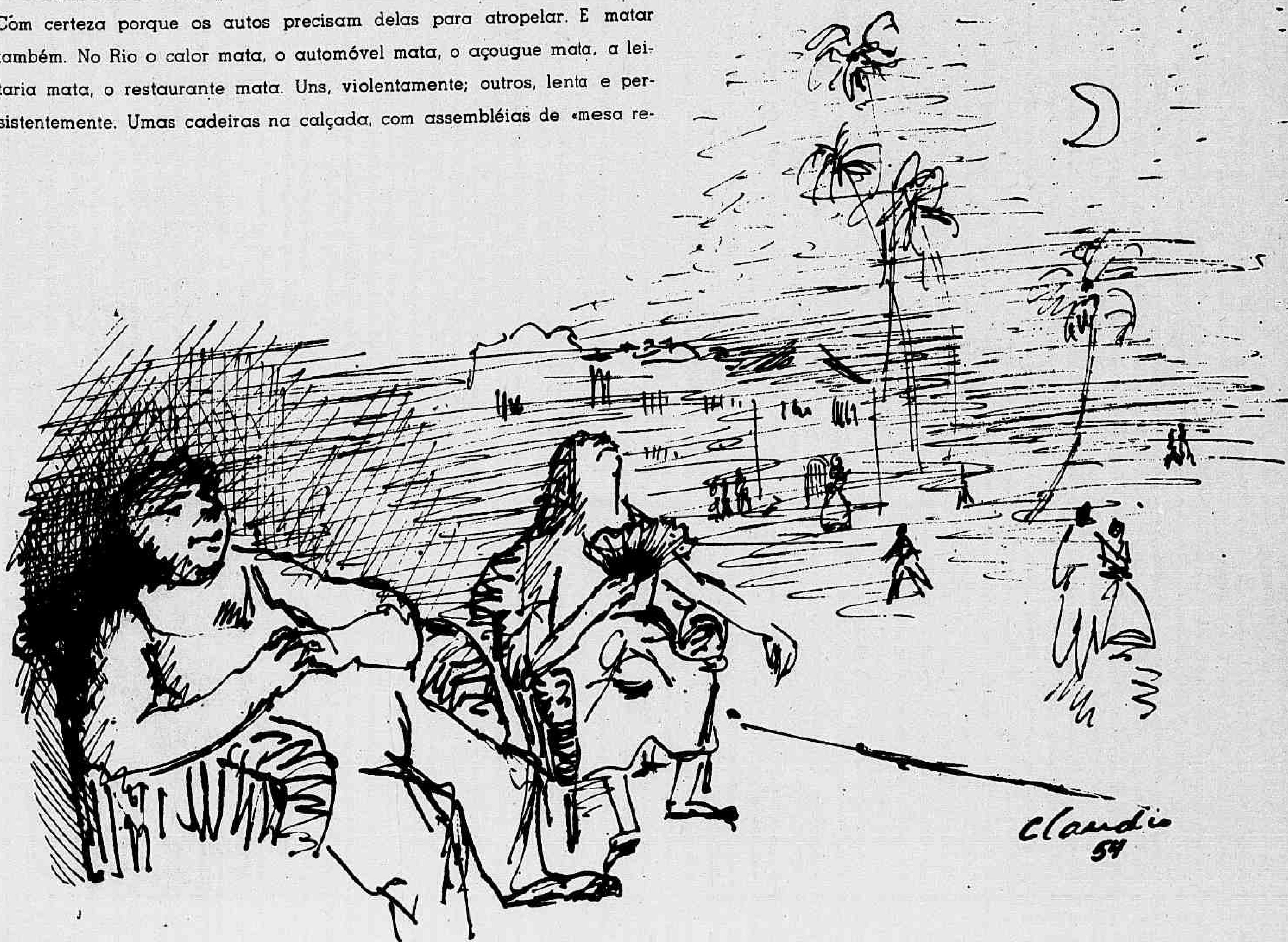


Ilustração de CLAUDIO CORRÊA E CASTRO

ENTREVIST
“PING-PONG

«Eu não tenho culpa de nada, eu não tenho culpa nenhuma!»

EM PONTO DE BALA O SABIÁ DA CRÔNICA



«Eu sou um dêsse estranhos animais que têm por «habitat» o Rio de Janeiro».

RUBEM BRAGA NÃO DEIXA PERGUNTA SEM RESPOSTA, MAS RONRONA QUANDO O REPÓRTER QUER SABER QUAL A MULHER MAIS BONITA QUE ÊLE JÁ VIU.

Reportagem de PAULO CARVALHO **Fotos de ARNALDO VIEIRA**

RUBEM Braga, como todos os seus semelhantes, é um homem estranho. Suas estranhezas aparecem em determinadas contradições, essas contradições fundamentais sem as quais as criaturas humanas seriam as mais aborrecidas e monótonas espécies do reino animal.

Rubem Braga é ao mesmo tempo boêmio e madrugador, notâmbulo e esportivo, rude e delicado, desmemoriado a respeito de muitas coisas e absolutamente preciso a respeito de outras recordações, mundano e agreste, preguiçoso incomparável para certas ações e de invulgar energia para outras emprêsas, de um instinto nômade que se tempera na maior capacidade de enraizar-se, um triste que é por vêzes um folgazão, um homem do mato que se dá bem nos salões grã-finos, capaz de sorver com o mesmo fervor uma taça de champanha em um cabaré elegante de Paris e um caneco de pinga em uma venda do interior capichaba, e, tendo uma dicção bastante engrolada, de repente, surpreende a todos fazendo um discurso claro e bem falado. Enfim, trata-se de um ser vivo, cheio de novidades, que não podemos definir apressadamente.

Rubem Braga faz crônicas desde a adolescência. Aqui está a unidade de sua vida. Êle, que poderia ser um grande repórter internacional ou um grande romancista brasileiro, traçou em suas crônicas o seu roteiro. As

Entrevista "Ping-Pong": EM PONTO DE BALA O SABIÁ DA CRÔNICA

crônicas são o seu diário íntimo. Nelas, em um dos melhores estilos da melhor tradição da língua, encontramos os incidentes todos de sua existência, todos os seus momentos de estudo, de poesia, de imaginação, de observação, de ociosidade. Nessa página e meia datilografada que êle entrega todos os dias ao jornal, mostra-se aos pedaços o romancista, o poeta, o político, o estudioso das coisas do Brasil, o humorista, o memorialista e até mesmo o colunista social. Na crônica êle reparte aquelas contradições e as torna explicáveis.

★

P — Qual a sua verdadeira vocação?

R — Turista.

P — Qual a poetisa que você levaria para uma ilha deserta?

R — Dolores Guinle.

P — Qual o poema que mais o impressionou?

R — «O Cântico dos Cânticos»

P — E o romance que mais o impressionou?

R — «As Aventuras de Júlio Jurenito», de Ilia Ehremburg.

P — E o romance famoso que mais o decepcionou?

R — «Le Rouge et le Noir», de Stendhal.

P — Os filmes de que mais gostou?

R — «O Anjo Azul», «Luzes da Cidade», «O Couraçado Potemkin», «Les Visiteurs du Soir» e um documentário alemão chamado «Bali, a ilha das virgens nuas».

P — Por que nunca vai ao teatro?

R — Porque tenho horror aos entreatos.

P — Qual seria a sua primeira medida como prefeito do Rio?

R — Água e árvores.

P — Quais as maiores personalidades, nacionais e internacionais, que você entrevistou?

R — Picasso e Tônia Carrero.

P — Quais os momentos de importância de que participou como jornalista?

R — Da revolução de 32, como correspondente dos «Diários Associados», de Minas; em 1945, fui o primeiro jornalista a entrar no Ministério da Guerra; da rendição de uma divisão alemã na Itália.

P — Quais os livros sôbre o Brasil que considera mais importantes?

R — «Os Sertões», de Euclides; «Casa Grande & Senzala», de Gilberto Freire; «Viagem ao Brasil», de Hans Staden; «Pedro I», de Otávio Tarquínio de Sousa; «Caçando e Pescando por todo o Brasil», de Francisco de Barros Júnior; e «A Pesca na Amazônia», de José Veríssimo.

P — Quais são os seus melhores amigos fora do Rio?

R — Prefiro dizer quais são os meus representantes autorizados em diversos lugares, com poderes para resolver quaisquer problemas meus, econômicos e sentimentais. Em Bruxelas, Newton Freitas; Amsterdan: José Augusto de Cesário Alvim; Paris: Cícero Dias; Belo Horizonte: Hermenegildo Chaves (muito mais conhecido por Monzeca); São Paulo: o delegado João Leite Sobrinho; Pôrto Alegre: Carlos Reverbel; Bahia: Caribé; Urca: Lourdes Lessa; Pôsto 6: Carlos Drummond de Andrade; Laranjeiras: Mário Cabral; no centro da cidade e zona bancária: Valdemar Bombonatti; na China: Egídio Squeff.

P — Qual a mais bela mulher que você já vi

R — Rrumumumumurum (incompreensível ron- ronar).

P — E o mais belo homem?

R — O bailarino espanhol Pedro de Córdob

P — Qual a qualidade que você mais distingu na beleza da mulher?

R — A qualidade da pele.

P — Qual o mais desagradável tipo de gente

R — O chato triste. Entre chatos, prefiro o alegres.

P — Qual o estilo literário que lhe cau niveja?

R — O estilo de Clarice Lispector.

P — Quando escreveu sua primeira crônica

R — No colégio. Chamava-se «A Lágrima».

P — Qual a experiência que gostaria de repeti

R — Isso eu não conto, não.

P — Qual a primeira pessoa que procurari no inferno?

R — Cleópatra.

P — E no céu?

R — Ema Bovary.

P — Quantas vêzes já foi prêso?

R — Nenhuma. Já fui detido muitas.

P — Já passou fome?

R — Relativamente: vivi de médias.

P — Qual o seu programa imediato?

R — Pagar minhas dívidas.

P — Quais as pessoas indispensáveis a um boa festa?

R — Antônio Maria, Di Cavalcânti, o advogad paulista Luís Coelho e, pelo menos, aind mais três gordos. Ao piano, «Fats» Elpídio

P — E as moças?

R — Não me preocupam. Onde os gordos vão, as moças aparecem.



«Sou homem de certa idade, e tenho visto coisas. Algumas aconteceram comigo, porém poucas».



«Faço crônicas: é exatamente o que sei fazer, assim dêsse jeito que os senhores vão vendo».



«Se soubesse cantar alguma coisa, cantaria «O Ébrio», de autoria de Vicente Celestino.

Rubem Braga se define

A mais acertada maneira de completar essa entrevista era buscar as confissões de Rubem Braga, espalhadas em seus livros «O Conde e o Passarinho», «Morro do Isolamento», «Um Pé de Milho», «O Homem Rouco», «Com a FEB na Itália» e «A Borboleta Amarela».

Eis aqui uma antologia delas:

«Entendo por vida o fato de um hômem viver fumando nos três primeiros bancos e falando ao motorneiro».

«Não entendo nada de canto».

«O mar entrou na minha infância e tomou conta de uma adolescência tôda, com o seu cheiro bom, os seus ventos, suas chuvas, seus peixes, seu barulho, sua grande e espantosa beleza».

«Em minhas andanças e paranças já andei e parei em Niterói, onde residi à rua Lopes Trovão, e recitiva habitualmente com muito desgôsto de uma vizinha: Caramuru, Caramuru, filho do fogo, mãe rua da Lopes Trovão».

«Normalmente gosto de fazer **vida social**».

«Quando me convencerei de que a ninguém interessam meus desmanchos internos?»

«Tenho vivido uma parte de minha vida no meio de livros, conheço livros, lido com livros, sou capaz de distinguir um livro à primeira vista no meio de quaisquer outros objetos, sejam êles garrafas, tijolos ou cerejas maduras».

«Sou um ignorante, um pobre homem de cidade».

«Nasci, modéstia à parte, em Cachoeiro do Itapemirim».

«Sou um homem de certa idade, e tenho visto côisas. Algumas aconteceram comigo, porém poucas».

«Falo francês como quem cospe pedra».

«Meu sonho é ter um «Consultório Sentimental». Não com o meu nome; com um pseudônimo que intrigasse e encantasse as damas».

«Tenho gasto um dinheirão, como diria um burguês grosseiro».

«Estou cercado de lembranças — sombras, murmúrios, vozes da infância, preás, mandis e sanhaços; gosto de ingá na ilha do rio, frutapão assada com manteiga, fumegante no café da tarde, lagostins saindo das locas e passeando na areia nas tardes quentes, piaus vermelhos, lua atrás do Itabira, nomes que esquecera, aquela menina lourinha, filha de seu Duarte, que morreu, entêrro alegre de meu irmão, acho que Francisquinho, com nós todos esperando debaixo do caramanchão; e meu pai na cadeira de balanço, Zina guiando o Ford, passando para o matadouro, mulheres de lenço na cabeça descendo do Amarelo, vendendo ovos a um «florim» a dúzia; e escorregamos em fôlha de pita pelo morro abaixo até o açude... Mergulho nesse mundo misterioso e doce e passeio nêle como um pequeno rei arbitrário que desconhece o tempo».

«A mim pessoalmente o que escrevi há muito tempo em geral me aborrece quando não chega a me dar remorso ou pejo».

«Devo confessar que não sou um «gentleman», venho de famílias portuguêsas, não digo pobres, mas de condição modesta, gente honrada e trabalhadora que, pelejando através dos séculos no cabo da enxada ou atrás do balcão, nunca teve tempo para se fazer «gentlemen» ou «ladies». Isso ficou privilegiado do ramo espúrio ainda que muito distinto dos Braga, os chamados Bragança».

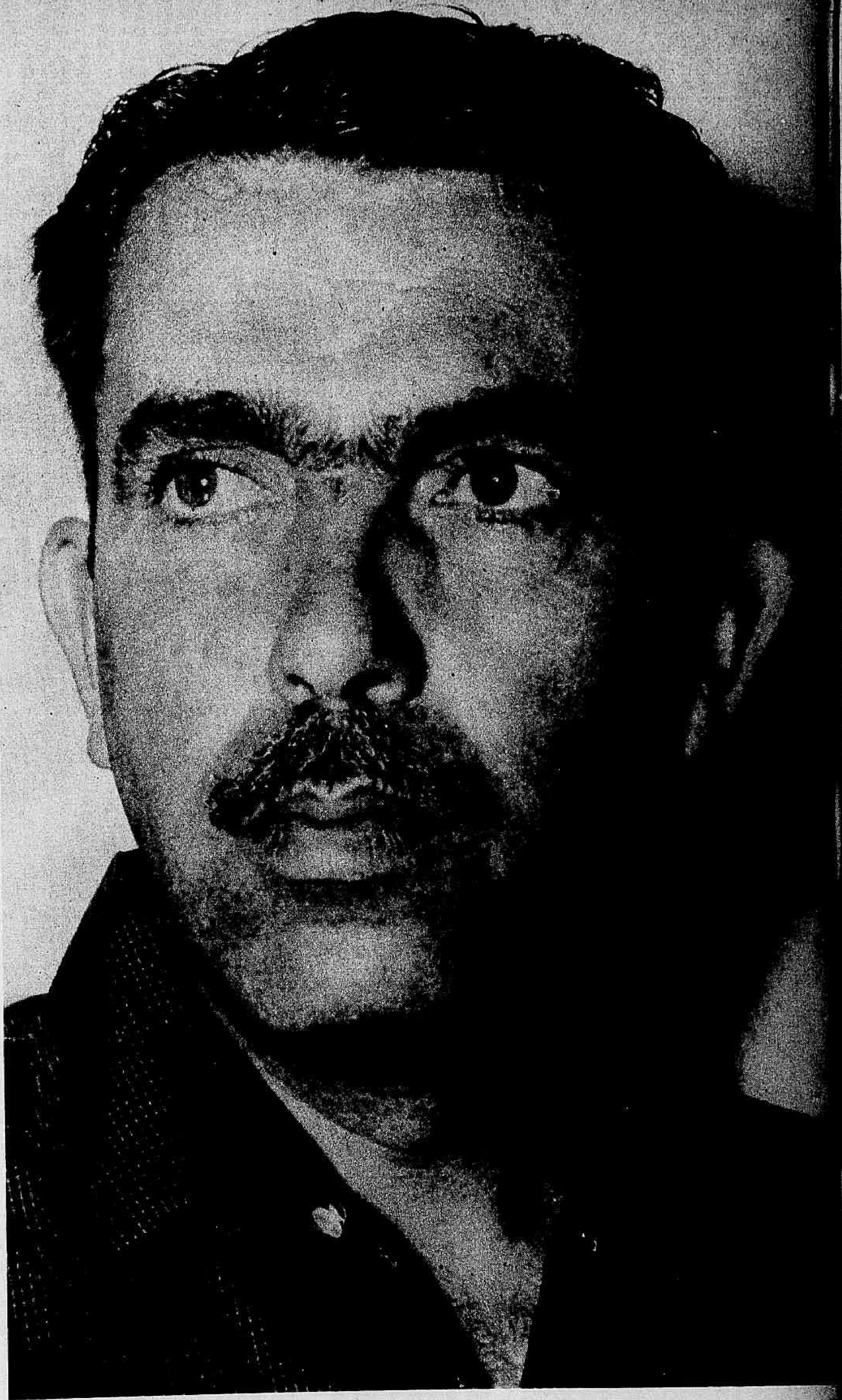
«Não tenho filhas moças e sou mau conhecedor da alma feminina».

«Minha voz sempre foi embrulhada e confusa; a mim próprio muitas vêzes parecia monótona, que dirá aos outros».

«Hoje vivo menos da vida que dos livros».

«Nós, os sentimentais, não devemos jogar «poker», jôgo de matemáticos».

«Já fui acusado de gostar de mulheres tristes. Não é verdade. Amo-as vivas e animais, distraídas com rôlas e egoístas como gato».



«SOU UM MORCEGÃO CORDIAL».

«Espero ainda viver bastante — embora olhando o meu horizonte, não consiga descobrir nada além de cinzentas melancolias. E gostaria de ser cremado, como o senhor Grandhi».

«Sou um escritor superficial, o último talvez dêste país cada dia mais transcendente e sublime; pois sempre que leio os novos sinto que êles são tão profundos que só caçam suas imagens com fuzis submarinos; seu traje de passeio, dêles, deve ser o escafandro».

«Aos 50 anos darei um bom vassourenro de bairro».

«Já quis tanto morrer jogando-me em águas escuras de mar noturno».

«Não sou comunista nem cristão, mas apenas um homem distraído e medíocre».

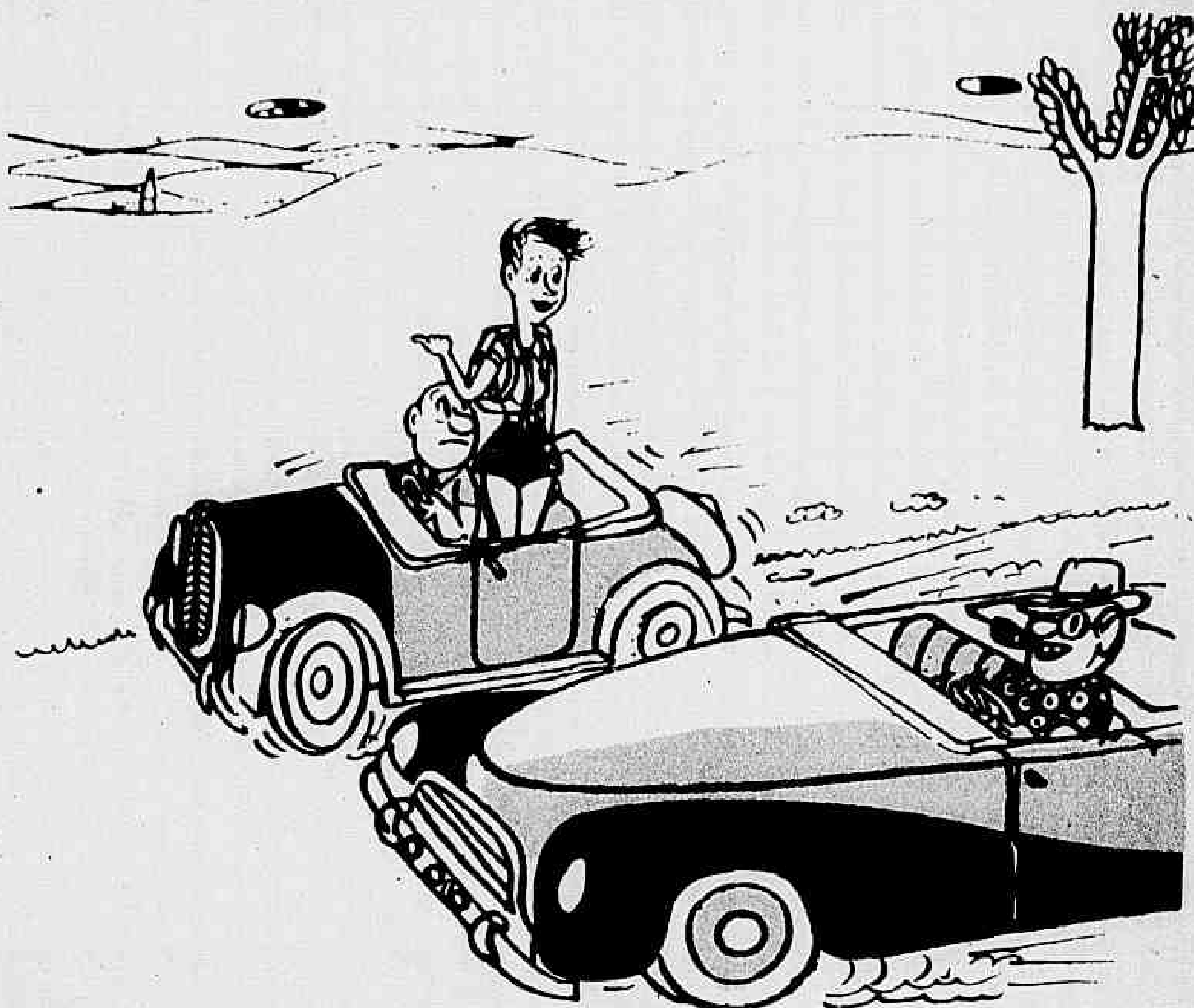
«Sou uma dessas criaturas tristes e sonhadoras que passa a vida esperando que de repente a Rita Hayworth me telefone para dizer que o Ali Khan morreu e ela está ansiosa para gastar com o velho Braga o dinheiro de sua herança, pois me acha muito simpático e insinuante, e confessa que em Paris muitas vêzes se escondeu em uma loja defronte do meu hotel só para me ver entrar».

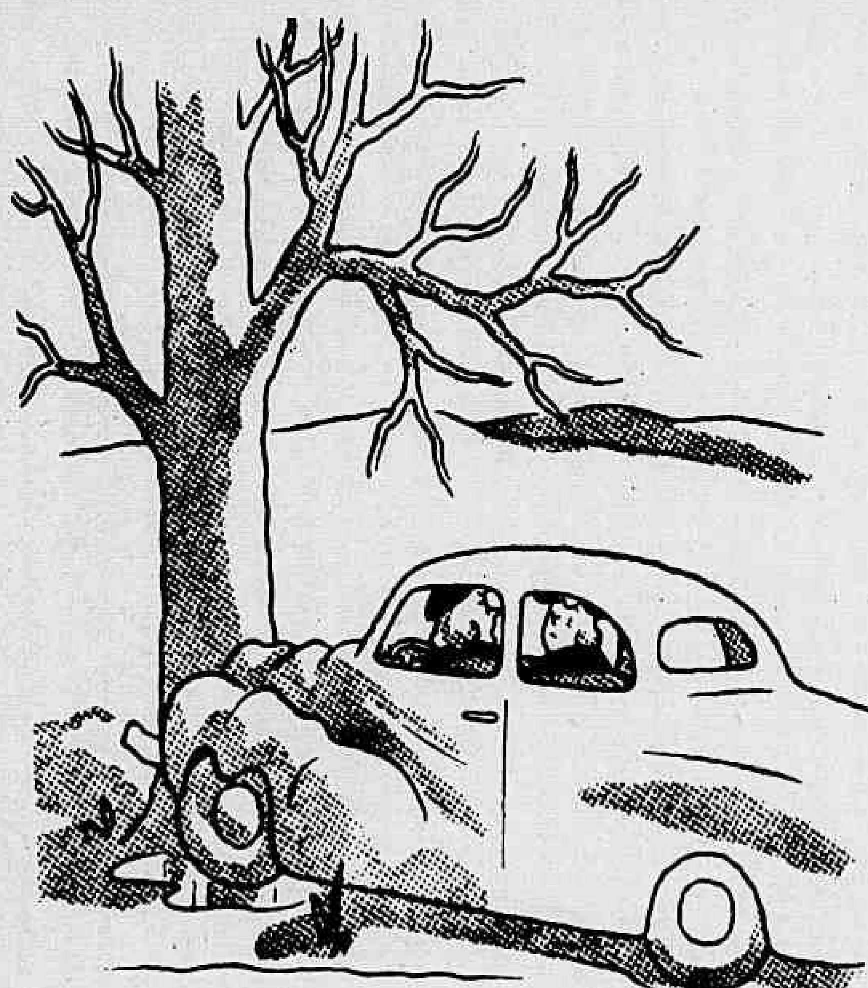
«Só tenho caçado brisas e tristezas».

«Estou cansado; quero parar, engordar, morrer».

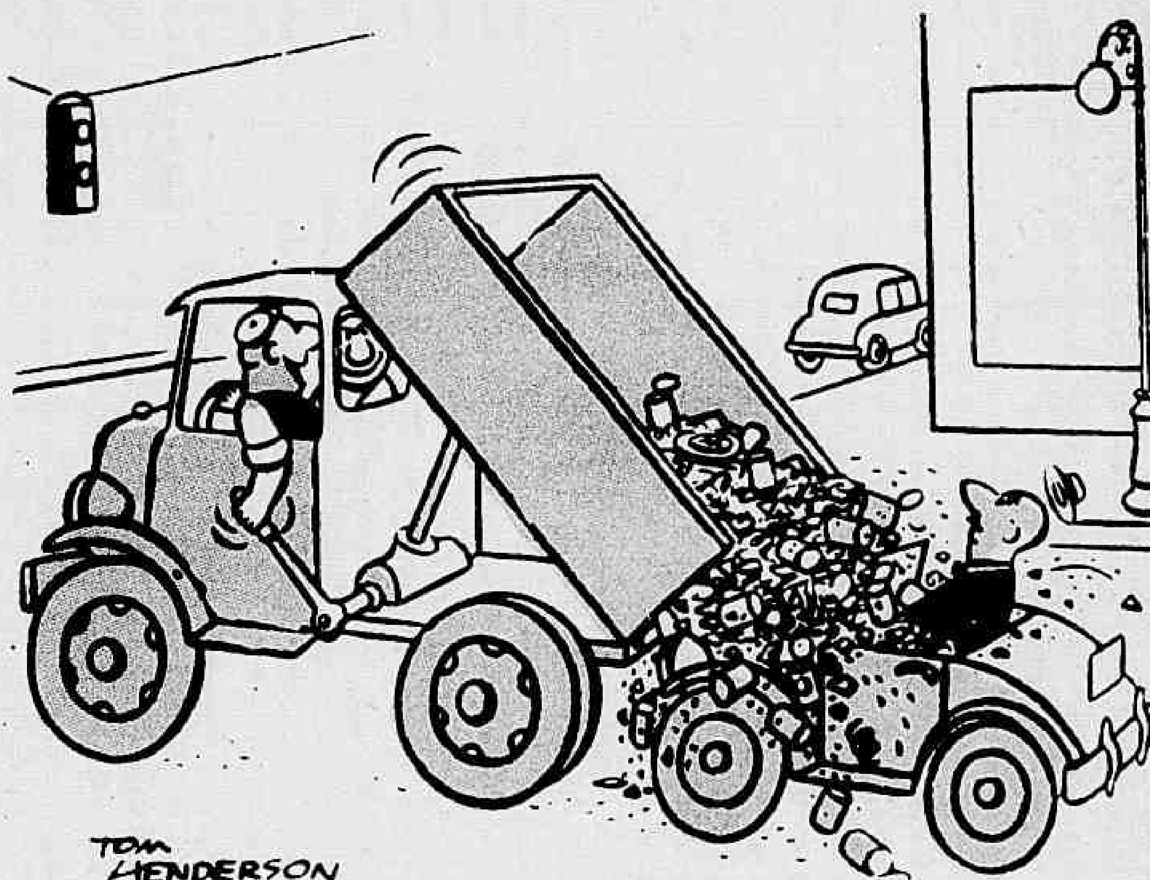
«Em minhas andanças, eu quase nunca soube se estava fugindo de alguma coisa ou caçando outra».

O AUTOMÓVEL NO RISO DOS OUTROS





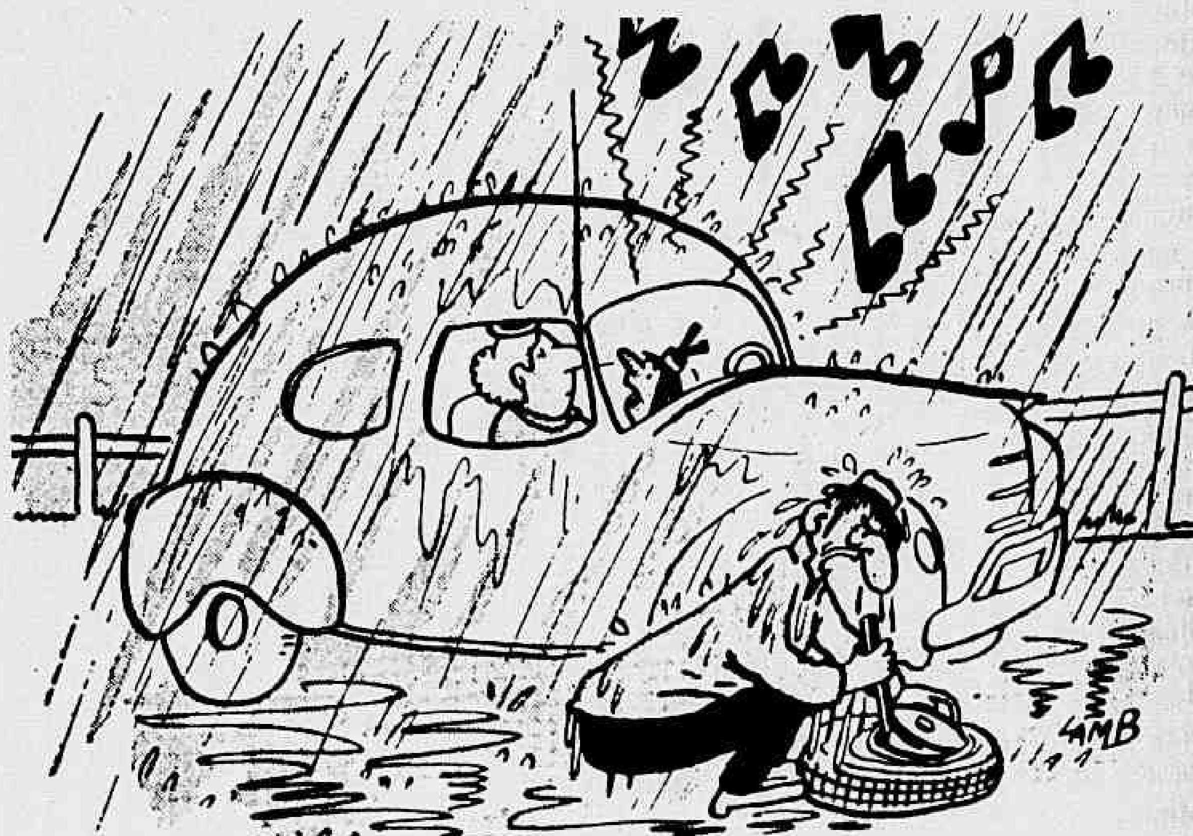
— Estas árvores!



— Odeio os tipos que buzinam assim que o sinal abre.



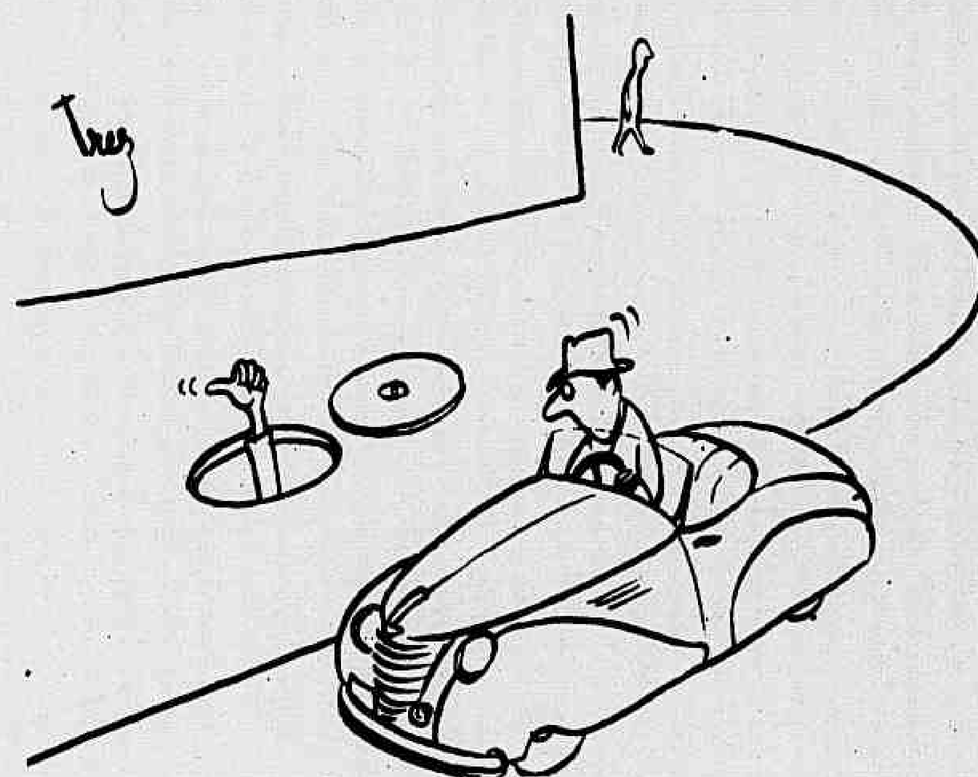
«Seus menores gestos serão obedecidos».



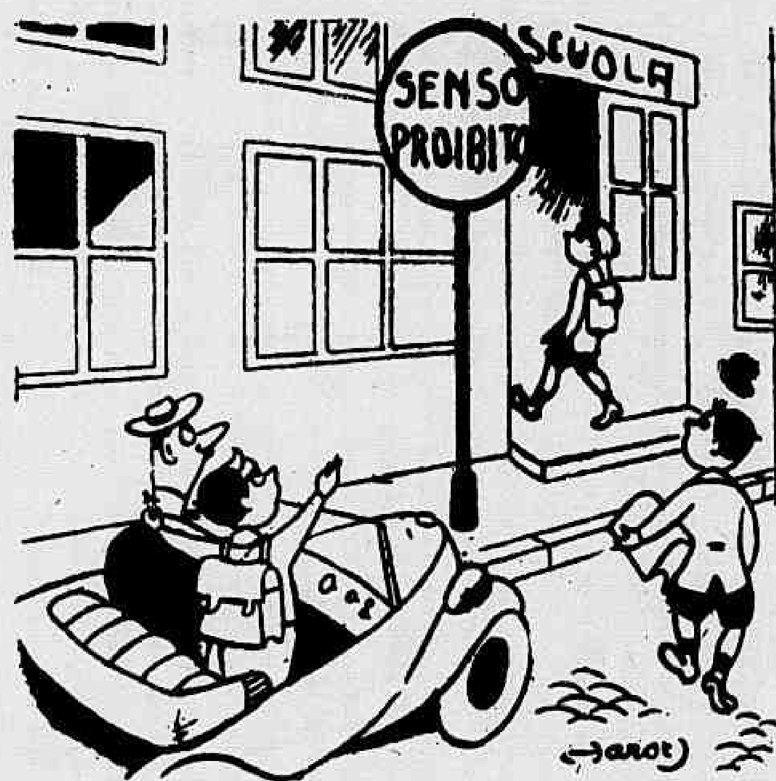
— O que papai está dizendo?



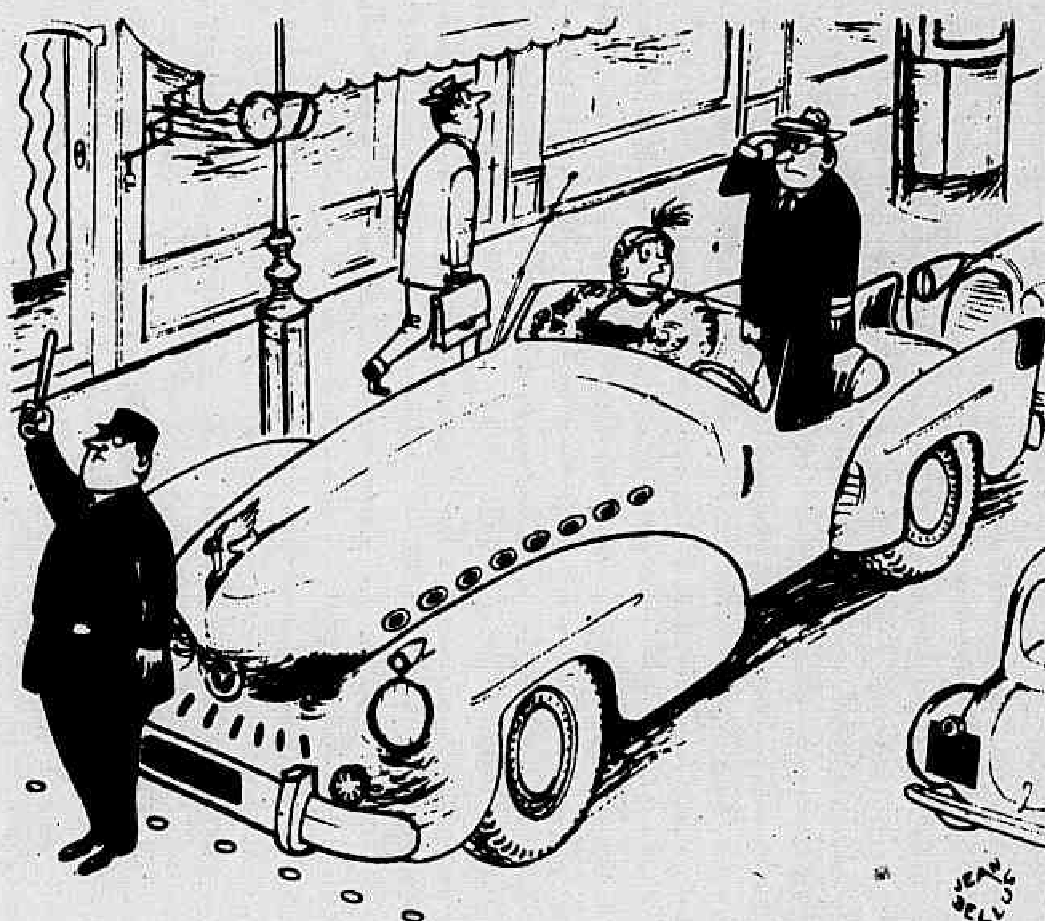
Ela: — Para que jornal é?



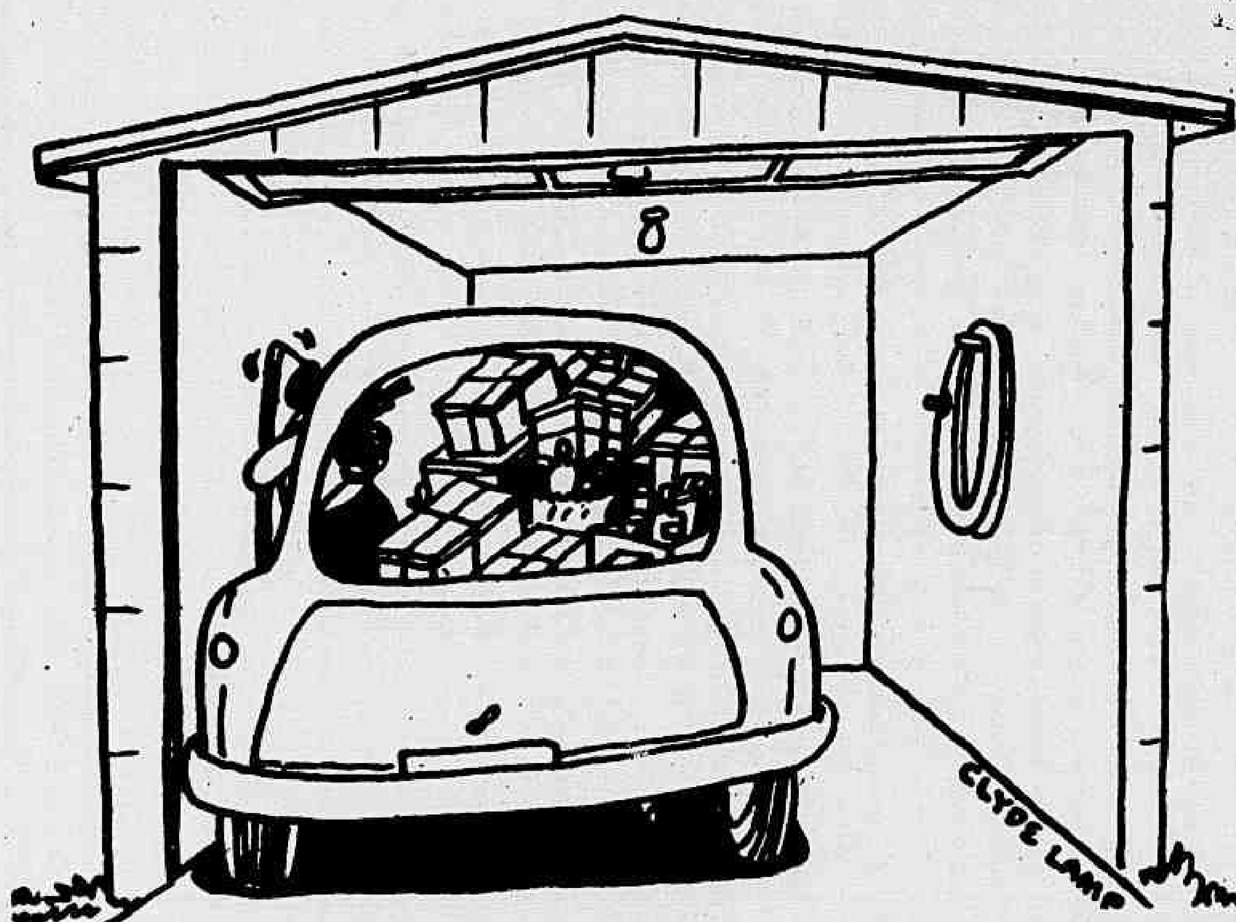
Sem legenda.



— Agora dobre à esquerda, papai.



— Ora! Será que cada vez você tem que subir aí, para ver por cima do capô?



Sem legenda.



— Pare, com isto, que você me irrita. Êste espelho está limpo.

O Mar

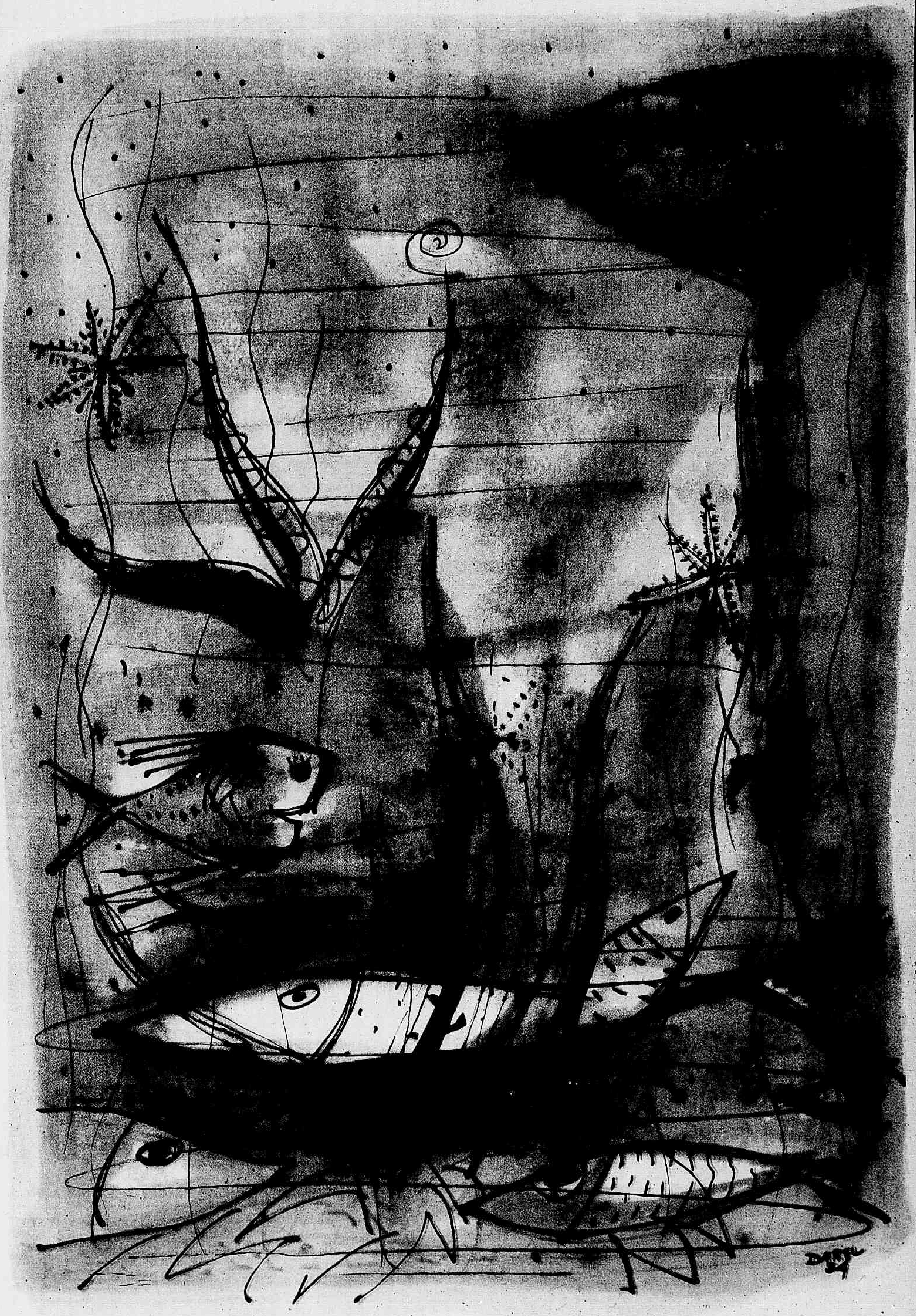
ANTONIO MARIA

O fundo do mar é bem mais bonito do que a gente pensava. Essa vegetação, que nasce ao longo dos rochedos imersos, é muito sortida em côres, muito bem desenhada pela natureza. O verde varia entre o **musgo** e o **asa de periquito**, enquanto o azul é de uma tonalidade só, muito mais **rei** que **pervenche.** Entre distâncias curtas, como em canteiros, há (em arrumação de **bouquet**) floração de violeta, esmaecida na orla das «pétalas» e desenhada, em traços finos de vermelho, dando idéia de que êsses caprichos foram riscados ou pintados depois da «pétala» pronta. Os peixes são lindos e, sobretudo, bem humorados. Há os azuis, com olhos rosados; há os negros, os cinzentos e os marrons, que ficam no fundo, chupando pedra (êstes são mal encarados), lentos e pensativos; mas, a grande maioria é verde-água, com o corpo riscado de amarelo, coral e havana. São muitos e, por isso, se sentem mais senhores, mas seguros do direito de sassaricar à vontade. Tenho a impressão de que jogam uma espécie de futebol, disputando uma bolota feita não sei de que. A onda, de vez em quando, modifica seus planos, atrasa seus lances, faz alguns desistirem da brincadeira e cuidar de outro divertimento. Só agora, com êsses óculos de mergulhador, é possível olhar e descobrir as minúcias de um pequeno mundo e de umas felizes criaturas, que se desprezava ou ignorava antes, porque o mergulho era um displicente exercício do banho de mar, para molhar o cabelo ou medir o fôlego. Agora, por exemplo, estou há não sei quanto tempo espiando a vida dêste raso e salgado fundo do mar — vida que, se não assume a importância da nossa, é mais bonita do que esta em que morremos, no asfalto, no banco de um bonde, no fundo de um bar fumacento ou no vôo monótono de um avião perigoso. Sinto-me como não me sentia há cêrca de 10 anos, deslumbrado. Pelo tempo dêste mergulho, pelo esquecimento das pessoas que ficaram em cima dágua ou tomam sol nas barracas, atinjo, em convivência, um pouco dessa categoria de sêr marinho, tão melhor que nós, em estar feliz e ser livre. Minha presença não os assusta, nem inibe. Talvez me confundam com um Mero e, como o Mero é geralmente imbecil, divertem-se e vivem sem que eu, em nada, os constranja.

● Dois peixinhos afastam-se do grupo e vão encontrar-se rente à areia. Ambos são verdes e pálidos e um dêles — o mais redondo — deve ser uma peixinha. Olham-se, parados, e o mais esguio (machinho) faz uma mesura com a cauda, assanhando a areia. Ela recua e fica de perfil, numa esquiva feminina, à espera de nova investida galante. O peixinho faz uma volta lenta em tôrno da namorada e outra vez se encontram, demorando-se em olhares. Estão mais ou menos entendidos e tenho a impressão de que a peixinha pediu alguma coisa. Êle se afasta, entra numa brecha da pedra e volta com um raminho prêso na bôca. Pensei: ela pediu uma flor e êle, coitado, foi correndo ao florista buscar o que, entre os peixes que namoram, se equivale à orquídea. Gentil, suave, ardiloso, êsse salteador de corações! Mas, não. O que êle trouxe não foi orquídea, nem rosa, nem cravos... foi um sanduíche do queijo ou do presunto dêles, porque estão comendo, a duas bôcas, com certa sofreguidão. A um palmo dos dois, pejada em virtudes, com ares espreitadores, passa uma peixa em marcha lenta e atitude grave. Os namorados lhe dão as costas, como quem encabula e disfarça. A peixa, que é mais volumosa e deve ser mais velha, sem se dar por achada, passa. Trata-se, com certeza, de uma senhora bisbilhoteira, que vigia os outros para infernizar e enredar.

Volta à tona para buscar resistências contra a vontade de ser peixe. Uma mulher circula, nadando mal. Um homem está refestelado numa câmara de ar. A onda — essa é a boa! — pega um rapaz distraído e joga-o na praia, virando espuma e fazendo os outros rir. Descubro que, antes dos óculos de mergulhador, só se sabia das artes perigosas e incômodas do mar: os naufrágios, os afogamentos, os enjôos de bordo, o temporal, a morte do pescador e a mentira de Yemanjá, tão usada em canções, tão ilustrativas em tiradas folclóricas. O mar continha, todavia, outro sentido, que ultrapassava o mistério e o mêdo; guardava essa beleza que, só depois de homem feito, só depois de gasto por tantas e tão violentas desilusões, pude descobrir. Dentro dêsses óculos, o homem, que muitas vêzes fechou seus olhos por cansaço e saciedade, encontra mais o que ver, mais o que sentir e amar, sem que seja preciso tomar de ninguém.

Desenho de DAREL





DI CAVALCANTI — «Mulheres na varanda» — 1953.

OS TRÊS CARNAVAIS DA

VÁRIAS reportagens já foram publicadas na imprensa brasileira sôbre a II Bienal de São Paulo. Reportagens, tôdas, altamente informativas, com dados exaustivos sôbre a quantidade de trabalhos expostos, número de países participantes, etc. Tudo muito documentado e dando uma idéia do que é a II Bienal com uma realização de proporções gigantescas. Impunha-se, portanto, aqui, seguir um outro caminho. Não, certamente, o de uma revisão artística de importância da Bienal, que escaparia ao âmbito jornalístico da REVISTA DA SEMANA. Também pretender orientar o público para uma apreciação mais compreensiva da arte moderna, teria um cunho didático que jamais poderia coadunar-se com o estado de espírito de todo leitor de revista, que não quer nunca passar por aprendiz. O leitor, o que deseja, sempre, é saber se o repórter pensa como êle... Que rumo seguir? Creio que é o que se vai ler adiante.

TRÊS REPORTAGENS NUMA SÓ

Certo, uma revista possui sempre três tipos, bem diversos, de leitores: os que são a favor, os que são contra e os **indiferentes.** Parece conceito de Acácio, mas, o que é, na verdade, é uma fatalidade de todo o trabalho jornalístico. Assim, vamos dar aqui uma chance a cada um dêstes três tipos de leitores. Todos ficarão satisfeitos! E' possível também desagradar aos três, ao mesmo tempo, mas isto não é assim





OSKAR KOKOSCHKA — «Retrato do Presidente Theodor Körner»

MUITA CÔR, MUITO ENGENHO E MUITO MISTÉRIO: NA MAIOR SELEÇÃO PLÁSTICA DO CONTINENTE ★ GRANDES E PEQUENOS SE MISTURAM (MAS NÃO SE COFUNDEM) NO AZUL E NO VERMELHO.

Reportagem de ANTÔNIO RANGEL BANDEIRA   Fotos de JACK PIRES

ELISA MIRANDA DA SILVEIRA — «Bumba meu boi» — 1953.



BIENAL

tão fácil. Portanto, em relação à II Bienal do Museu de Arte Moderna de São Paulo temos o leitor que não gosta da arte moderna, não a entende, não a compreende e duvida do bom-senso de quem a aprecia; há o leitor que sente, compreende e justifica estèticamente o que há de experimentação e pesquisa no mundo da arte e há o grupo independente dos indiferentes, aquêles que perguntam: «E eu com isto?» Êstes são muito perigosos, pois tudo que se publica numa revista deve interessar a todos

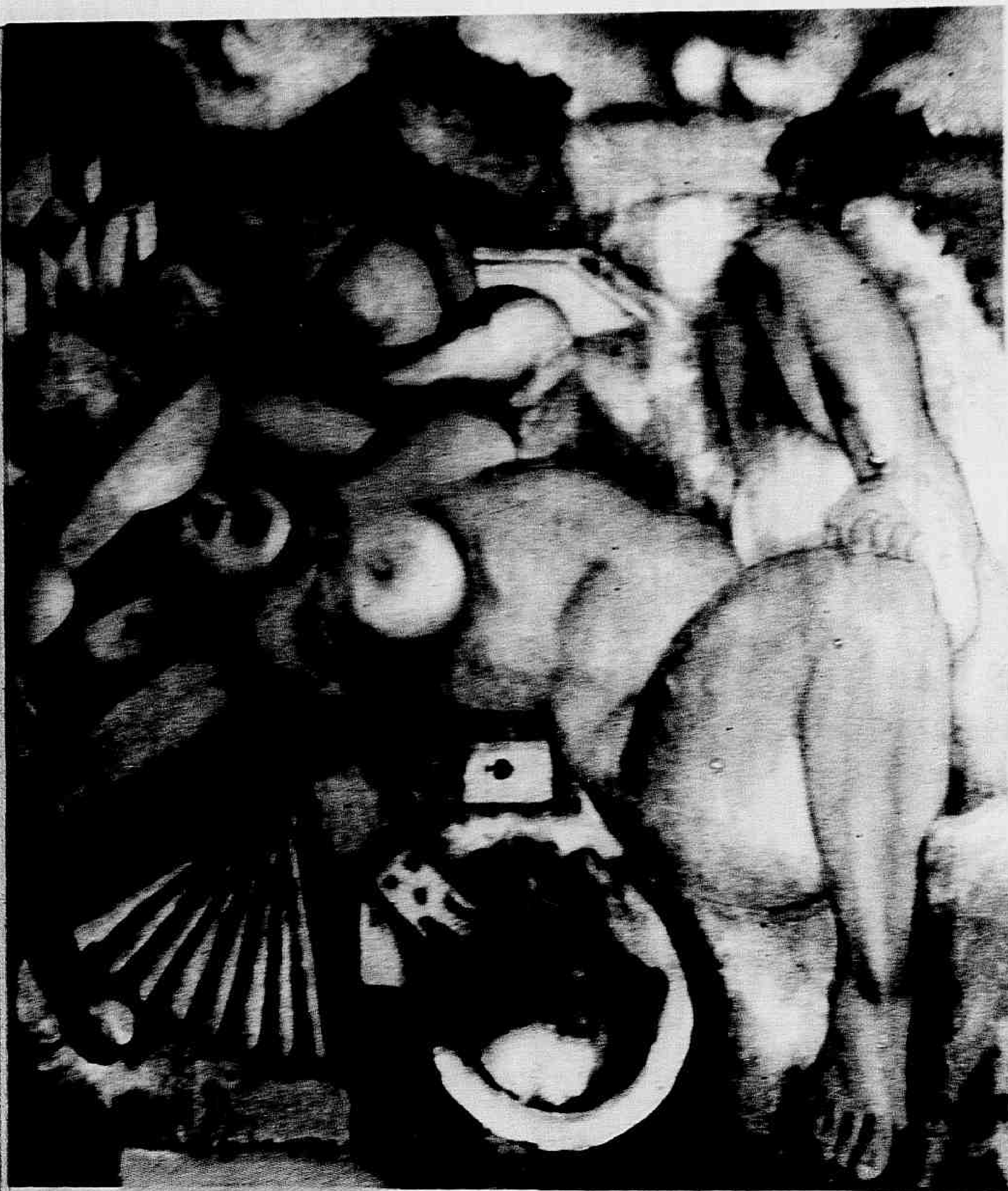
OS TRÊS CARNA

os leitores. Fiquem a postos, pois os nossos leitores. Uma só II Bienal vai transformar-se em três, quase como um novo mistério da unidade tripartida. Comecemos nos dirigindo para os leitores conservadores, com uma linguagem que êles gostam de ouvir.

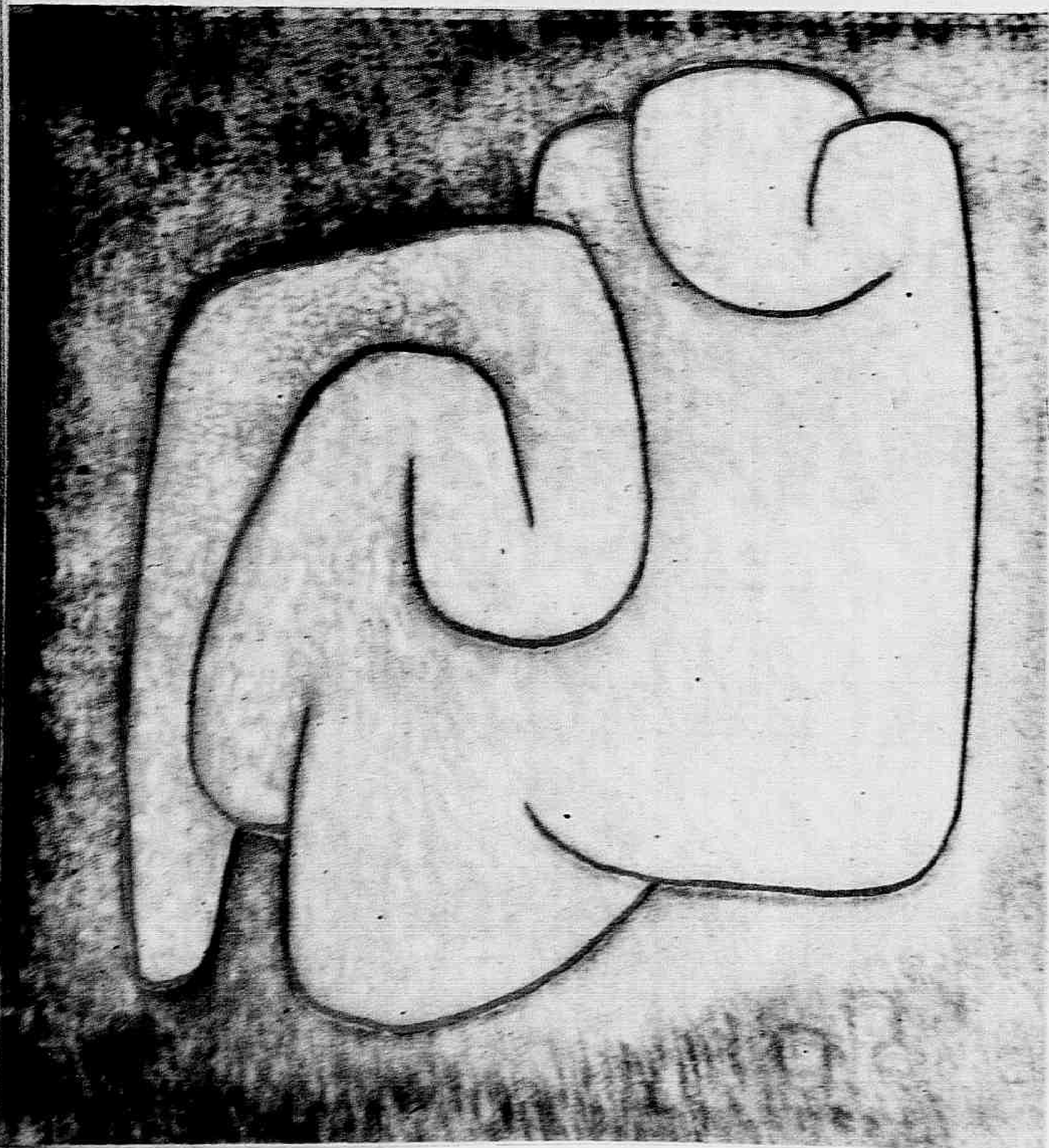
REPORTAGEM Nº 1

UM MUSEU DE HORRORES

Que é afinal de contas a II Bienal? Creio que poderemos dizer que é um museu de horrores. Mulheres de três cabeças, figuras disformes, estátuas que mais parecem urinóis, risquinhos coloridos que as crianças fazem melhor, um amontoado de maluquices. Afinal de contas, êsses falsos artistas pensam que nós somos imbecis? Diante da arte sublime dos antigos (o **misticismo** de El Greco, o **humanismo** de Miguel Ângelo, o **harmonioso** de Rubens), que respeitavam as proporções divinas da figura humana, como não nos revoltarmos com tudo aquilo que só mentes deformadas podem conceber? Eis o que é a II Bienal — um mundo de loucos, de «snobs», de gente que pensa que pintar é riscar dois garranchos numa tela branca. São Paulo é um dos maiores centros de cultura da América Latina, mas se continuar a reunir sob a sua proteção e com o seu dinheiro, os monstrengos de todo o mundo nessas aberrantes bienais, o que estará é prestando um imenso desserviço ao patrimônio cultural da humanidade. Aqui fica o nosso protesto.



ANDRÉ LHOTE — «La Bacante» — 1910



PAUL KLEE — «Plástica de ondas» — 1939



ARDENGO SOFFICI

REPORTAGEM Nº 2

ARTE, PENSAMENTO, CULTURA

Que é afinal de contas a Bienal? Creio que podemos afirmar sem mêdo de errar, que a II Bienal é um dos mais importantes acontecimentos artísticos do nosso hemisfério nos últimos

AIS DA BIENAL

dez anos. E isto, não sòmente pela quantidade de obras de arte que conseguiu reunir, mas, sobretudo, pelo que ela possui de conteúdo estético, de informativo, de esclarecedor, para todos os que desejam ficar em dia com as mais modernas conquistas da arte, do pensamento e da cultura. I isto é o que é a II Bienal. Não uma grande exposição de quadros (pintura, desenho, gravura), de esculturas, de projetos de arquitetura. Mas uma grande aula ilustrada, um perfeito documentário da linha de evolução do pensamento plástico contemporâneo. As duas retrospectivas do Futurismo Italiano e do Cubismo, valem por duas viagens à Europa. E isto sem falar nas salas dedicadas às obras de Oskar Kokoschka, de Edvard Munch, Alexander Calder, de Paul Klee, de Pieter Mondrian e, principalmente, de Pablo Picasso. Só de Picasso, além dos que estão na retrospectiva do Cubismo, há 75 quadros, inclusive a famosa Guernica,



SOFFICI — «Tipografie» — 1914.



PABLO PICASSO — «Natureza morta sôbre uma mesa» — 1931.

de 1937. E' um momento admirável de pintura; bem que poderíamos dizer, um momento admiràvelmente trágico da pintura moderna. O homem luta sempre para conseguir novos e poderosos meios de manifestação para a sua sensibilidade, sua dor e sua visão do mundo. A própria história da arte é a história da fixação dessa ansiedade por novos caminhos. Cada pintor, cada artista, alimentado por um pensamento estético, por êle herdado através de sua formação artística, tenta, por uma linguagem pessoal, ir um pouco (muitas vêzes, muito) adiante do que já foi feito. Tomemos três exemplos do passado. El Grego, visando comunicar às suas figuras uma dimensão sobreterrena, deformou-as, alongando-as em direção de um deus imaginário. Miguel Ângelo, exagerou o traço humano de suas figuras, comunicando aos sêres de essência divina, algo de humano, de condição humana, que não era própria dêles. Uma autêntica deformação espiritual, a serviço de sua arte. Rubens, na sua lubricidade plástica, acrescentou de tal maneira o que há de carnal nas suas figuras femininas, que o tipo «mulher de Rubens» não existe senão na pintura, ou por fôrça dela. No sentido de permitir ao estudioso das artes plásticas acompanhar alguns aspectos da evolução da pintura, a II Bienal é importantíssima. Não é uma exposição, é uma universidade viva do pensamento artístico de nossa época. E não é tão difícil acompanhar os passos inquietos e, por vêzes, inquietantes, da arte moderna; basta um pouco de humildade, de boa vontade e de preocupação estética. Com êsses elementos, como ponto de partida, uma visita à II Bienal é um estímulo e um enriquecimento para cada um de nós.

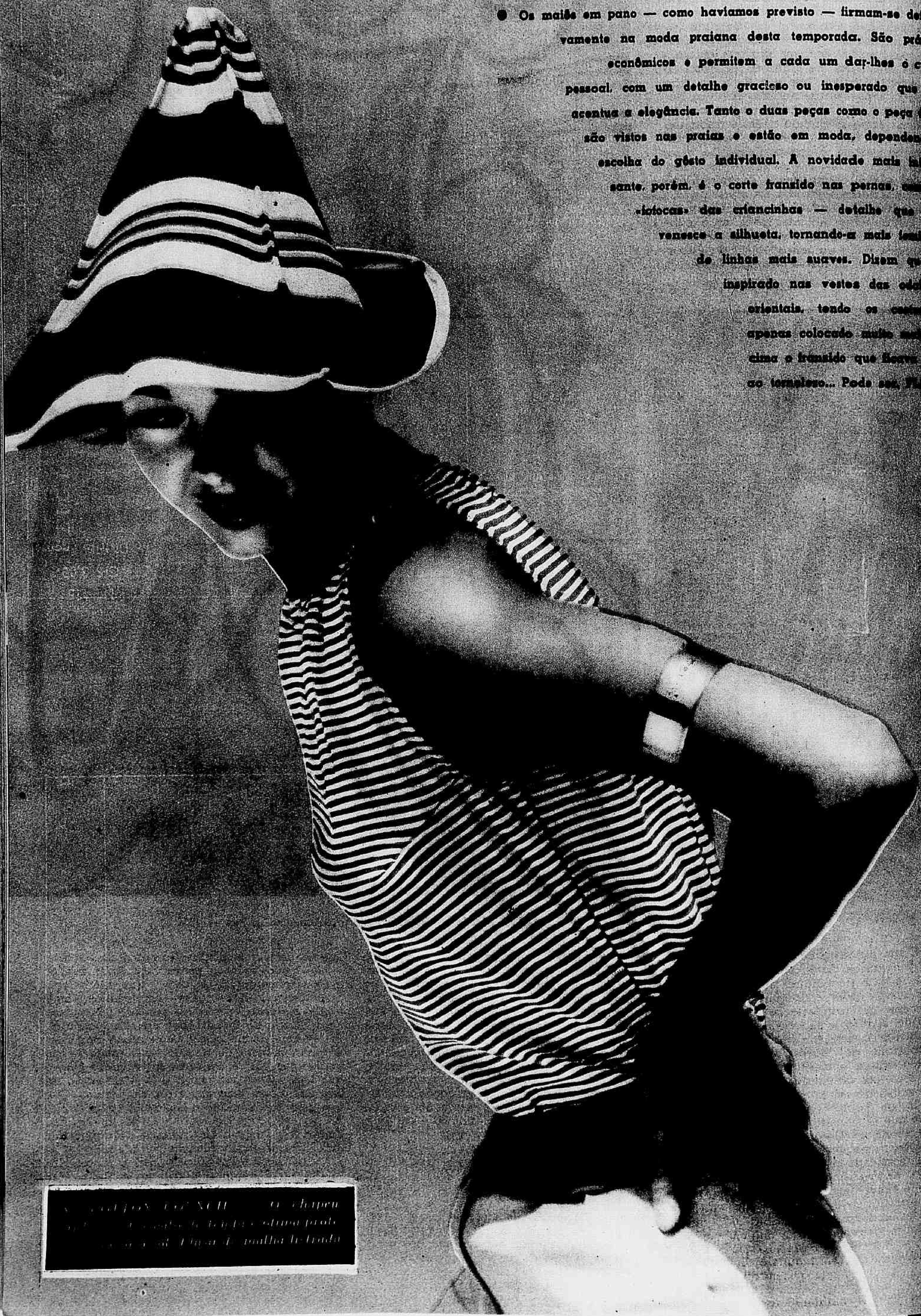
REPORTAGEM Nº 3

QUE II BIENAL?

Não sei de que Bienal tanto se fala e escreve. Bienal, que Bienal? Ah! já sei, aquela grande exposição de pintura que foi inaugurada em São Paulo, à guisa de comemoração do IV Centenário de sua fundação. Não entendo de arte e não tenho tempo a perder com êsses poetas e êsses pintores. Só os fatos é que interessam. Sinceramente, não posso compreender como Cicillo Matarazzo gasta seu precioso tempo com essa história de Bienal. Logo êle, um industrial, um homem de negócios. Enquanto o Brasil se encontra à beira do abismo, essa gente pensa em bienais. Não é um absurdo? Ainda o pior, é que essa gente comemora o IV Centenário de São Paulo com uma exposição de pintura. Que tem pintura a ver com a História de São Paulo? Ao que se saiba Nóbrega e Anchieta não fundaram São Paulo acompanhados de algum pintor. . . E' uma incongruência, um absurdo!

(Como o leitor já percebeu o repórter do tipo indiferente não era nada **indiferente.** O que êle é, é contra a Bienal, o Cicillo, a fundação de São Paulo, a pintura moderna, o Banco do Brasil, o sr. Samuel Weiner, a folhinha de Marilyn Monroe e contra tudo e contra todos. Assim são sempre os indiferentes.)

PARA PRAIA E PISCINA



● Os maiôs em pano — como havíamos previsto — firmam-se definiti-vamente na moda praiana desta temporada. São práticos, econômicos e permitem a cada um dar-lhes o cunho pessoal, com um detalhe gracioso ou inesperado que lhe acentua a elegância. Tanto o duas peças como o peça ú... são vistos nas praias e estão em moda, dependendo ... escolha do gôsto individual. A novidade mais interes-sante, porém, é o corte franzido nas pernas, como ... «fofocas» das criancinhas — detalhe que ... venesce a silhueta, tornando-a mais feminina, de linhas mais suaves. Dizem que ... inspirado nas vestes das odali... orientais, tendo os costure... apenas colocado muito mais ... cima o franzido que ficava ... ao tornozelo... Pode ser. FL...

[illegible]



BRILLIANT — Um modêlo que será visto com freqüência nas praias, confeccionado em algodão estampado.

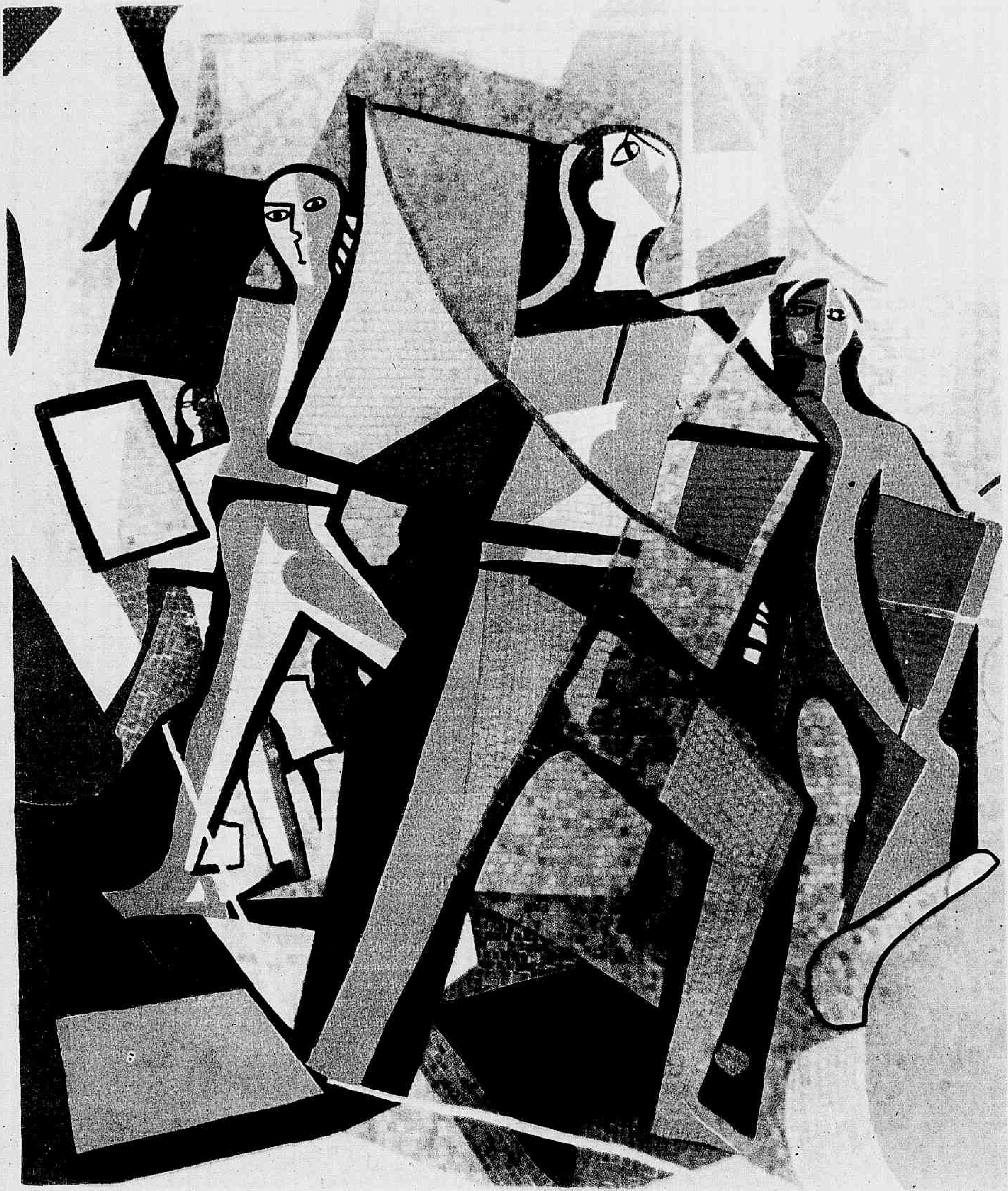


CALTEX — Maiô de duas peças confeccionado em tecido de algodão, com franzidos e babados nas pernas.

WEESE, da Califórnia — Um lindo estampado foi usado tanto para a maiô quanto para a saia curta.



PECK & PECK — Conjunto de maiô em duas peças, sendo o "short" na nova linha bufante. Casaco feito em tecido esponja, sendo todo forrado.



MOSAICO

VIDROSO

"VIDROTIL"

VENDAS:

SÃO PAULO: S/A DECORAÇÕES EDIS - Av. Brigadeiro Luiz Antônio, 300 - Telefone, 32-2326

Hors-d'Oeuvres

PARECE que os misteriosos hors-d'oeuvres *estão cada dia mais em moda. As mesas estão cheias dêles. São alguma coisa semelhante a pedaços de pão ou de torrada, redondos ou quadrados. Sôbre êles espalham-se pastas que, às vêzes, são côr de coral e outras de uma indefinida tonalidade verde. No centro há um pedaço de alguma coisa que nem sempre se consegue identificar. Se você o conseguir há de ver que é um rabo de sardinha. Em volta desta, uma outra c o i s a igualmente misteriosa de côr cinza. Ninguém sabe do que são feitos, a não ser a própria pessoa que os confeccionou. São indicados para quem tem um excelente sistema digestivo. Se os* hors-d'oeuvres *têm que ser salvos — e muita gente pensa que sim — o jeito é torná-los mais saudáveis.*



WEEK-END NA COZINHA



★ Eis, por exemplo, um **canapé de presunto e queijo** que começará a campanha de regeneração dos «hors d'oeuvres». Faz-se assim:

Inicie com meia xícará de presunto cozido, cortado em pedacinhos muito miúdos. Misture com um pedaço de queijo forte, que tenha sido ralado, duas colheres das de chá de maionese e uma colher das de sopa de creme de nata. Depois, junte um quarto de colher das de chá de mostarda em pó, alguns grãos de pimenta caiena, e algumas gotas de môlho inglês. Misture tudo muito bem. Espalhe por cima de torradinhas frescas ou biscoitinhos salgados e ponha no forno por dois ou três minutos. Sirva logo em seguida.

★ Falando em «hors d'oeuvres» quentes, não se pode esquecer os **«croquettes» de carne.** Faz-se assim:

Misture meio quilo de carne picadinha com uma xícara de miolo de pão, uma colher das de chá de cebolinhas verdes picadas, duas colheres das de chá de cebolinhas brancas picadas, duas colheres das de sopa de salsa picadinha, uma colher de manjericão picado, meia colher das de chá de sal e uma pitadinha de pimenta do reino. Depois junte um ôvo, sem bater, e misture. Faça bolas pequeninas com essa mistura. Passe-as de leve em farinha de trigo e toste-as bem, em manteiga quente. Depois, cubra-os com o «môlho infernal» (receita adiante) e deixe uns dez minutos sôbre uma chama baixa, antes de servir. Com essa receita fazem-se 20 «croquettes» que deliciarão seus hóspedes e farão de sua festa um sucesso!

★ Eis a receita do **môlho infernal:**

Ponha quatro cebolinhas brancas picadinhas, e quatro colheres de vinagre numa panela. Cozinhe em fogo forte até reduzir o líquido à metade. Junte uma xícara de caldo de carne, três colheres das de sopa de pasta de tomate, uma colher das de chá de mostarda em pó, um cravo, uma fôlha de louro, uma pitada de pimenta do reino, uma pitada de paprika. Cozinhe lentamente durante 15 minutos, não deixando que ferva. Depois, engrosse-os com uma pasta feita com uma colher raza das de sopa de farinha, dissolvida num pouquinho dágua. Um pouco antes de pôr o môlho sôbre os «croquettes» junte uma colher das de sopa de manteiga. Realmente, é tão gostoso como parece!

★ «E' difícil saber do que as mulheres gostam em matéria de «hors d'oeuvres» e devem ter sido elas as inventoras dos canapés misteriosos» — diz um conhecido meu. Os homens, depois de terem tomado alguns coquetéis gostam de alguma coisa que possam identificar. Por isso, prepare o seguinte **canapé de sardinhas:**

Faça primeiro seis torradas. Em cada uma coloque quatro sardinhas. Em cima destas ponha duas ou três fatias de «bacon» parcialmente cozido. Pode usar palitos para que tudo fique bem arrumado. Ponta no forno e deixe assar até o bacon ficar totalmente tostadinho. Tire os palitos e termine de temperar com limão ou môlho inglês.

★ Eis um **canapé de roquefort**, que se situa na mesma categoria do anterior:

Amoleça 120 gramas de queijo roquefort com uma colher das de sopa de creme de leite. Adicione uma colher das de chá de môlho inglês e uma colher das de chá de catsup. Misture bem. Espalhe em torradas pequeninas ou em casquinhas salgadas. Ponha por cima amêndoas picadas. Esquente no forno e sirva.

● **Se quer uma entrada que pareça uma refeição inteira, experimente esta** pirâmide:

Sôbre uma torrada coloque uma fatia de tomate. Sôbre esta, uma fatia de cebola. Em cima desta, outra de pepino, e a seguir uma de carne fria. Outra fatia de pepino, e finalmente meio ôvo cozido, que constituirá o pico da pirâmide. Depois amasse um abacate e misture com uma colher das de sopa de maionese, uma colher das de sopa de caldo de limão e uma colher das de chá de salsa picada. Cubra a pirâmide com isso, e, se quiser, enfeite com caviar negro.

● **Voltando ao outro extremo, um «hors d'oeuvre» muito apreciado pelos homens é uma fatia fina de cebola com uma pasta de enchovas ou caviar por cima.**

Conversa de MULHER

★ ★

● **A PITEIRA DE MARGARET**



Freqüentemente a princesa Margaret é vista fumando em público numa longa piteira de marfim. os inglêses tradicionalistas, naturalmente, reprovam tal fato numa princesa. Mas, a realidade, é que as mulheres inglêsas em vez de reprovar imitam e... estão também fumando de piteira. A procura dêsse accessório elegante cresceu vertiginosamente nos últimos tempos. Nos salões grã-finos, nos restaurantes, nos teatros, em tôda parte, afinal, as inglêsas têm sido vistas de piteira de marfim (como a da princesa), de tartaruga, de ébano, de prata ou de ouro. Uma conhecida atriz cinematográfica chegou ao requinte de mandar fazer para si uma piteira totalmente cravejada de brilhantes... que lhe ficou por uma fortuna!

● **MULHERES NO FUTEBOL?**

Uma vez, há muito tempo atrás, os alemães fizeram uma proposta de muito bom senso: que os juízes de futebol passassem a ser mulheres, pois, assim, os jogadores teriam mais respeito por suas decisões e acatariam-nas com maior boa vontade. O assunto foi discutido mas nada ficou resolvido.

A notícia que nos chega da Albânia, agora, é, porém, muito mais curiosa. Num time albanês, o de Scutari, o meia direita é uma bela jovem, Myriam Teliti. Joga admiràvelmente, e provoca sempre aplausos dos espectadores pelos seus lances. Além do mais, demonstra extraordinário espírito de equipe (o que é raro entre as mulheres, que em geral gostam de brilhar sòzinhas). Certa vez, tendo um time adversário estranhado a presença de uma mulher em campo, interpelou o treinador do Scutari, que respondeu:

— Não existe nenhuma lei que proíba a uma representante do sexo fraco participar de uma partida de futebol...

E não existe mesmo.

● **... E NO VÔO A VELA**

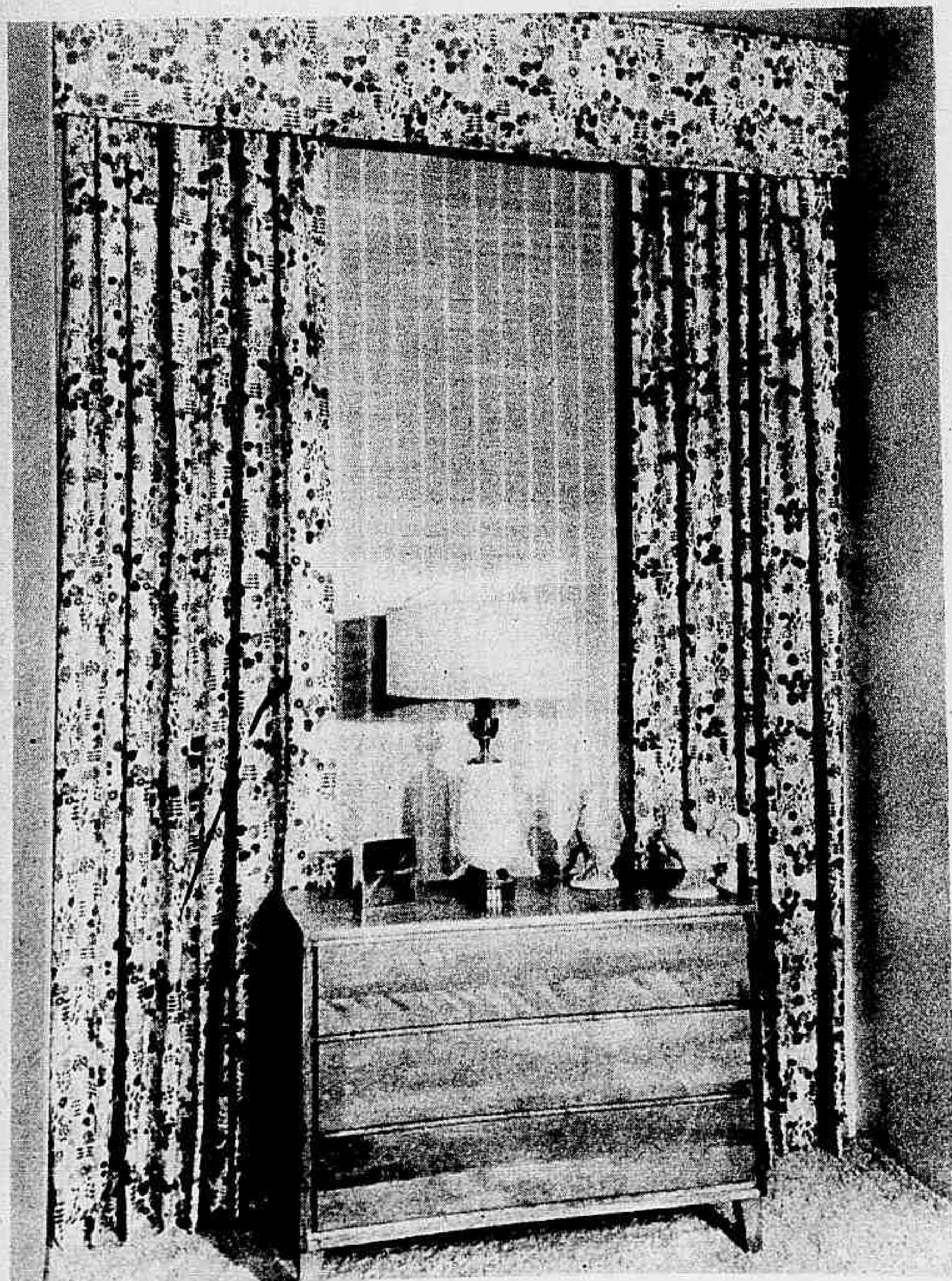
O grande público não tomou muito conhecimento, mas o fato lá está, anotado e registrado nos anais da aviação a vela. No ano passado, a aviadora francesa Jacqueline Leroy bateu o recorde de vôo em planador com rumo fixado, perfazendo uma distância de 400 quilômetros. Até então, o recorde, que era de 364 quilômetros, pertencia a um pilôto russo.



Jacqueline não é uma mulher diferente das outras, nem faz da aviação sua ocupação principal, considera o vôo como um esporte, apenas. Nos outros dias, ela trabalha como esteno dactilógrafa, num dos ecritórios de Paris.

● **O TESOURO DE FARUK**

Em fins do corrente mês de fevereiro e princípios de março, vamos assistir a uma fabulosa corrida dos antiquários e colecionadores de antiguidades, para Cairo, no Egito. Haverá naquela cidade o maior leilão de jóias e objetos de arte de que têm memória os tempos atuais. Entre os objetos preciosos postos a venda, contam-se: 250 frascos preciosos de perfumes, em filigrama de ouro e prata e crajevados de pedras preciosas; 400 caixinhas, também em metal precioso, trabalhado e cravejado, para jóias, bombons ou fumo; uma baixela de ouro suficiente para servir um almôço a 2.500 convidados... sem contar jóias, pedras preciosas, braceletes, peças preciosas de mobiliário. Tudo faz parte da fabulosa coleção do ex-rei Faruk, e está sendo pôsto a venda por Naguib. **L. Junqueira**



Sugestão para o lar

AS cortinas são indispensáveis para se dar ao aposento um ambiente de intimidade. Janelas sem cortinas são frias e impessoais, não agradam, nem constituem moldura adequada para a vista que se descortina da mesma. Com a moda atual das cortinas venezianas, de varetas, ou das cortinas-esteiras, indicadas quando o sol incide muito diretamente sôbre a janela, muita dona de casa acha que — já havendo êsse accessório que controla a luz e a maior ou menor devassabilidade do aposento — as cortinas são supérfluas ou dispensáveis. Assim, vemos, às vêzes, aposentos mobiliados com muito bom gôsto, mas onde falta «qualquer coisa», e, essa qualquer coisa são as cortinas.

● A fotografia (uma sugestão de Waverly) — ilustra o que dissemos acima. A janela possui uma interessante cortina de bambu, de tonalidade natural. Sôbre a mesma, porém, foi colocado um reposteiro, estampado em prêto e «citron», sôbre fundo branco pérola. A sanefa larga cobre tôda a caixa onde se enrola a esteirinha. Como se vê, o resultado é muito agradável e decorativo. — NIKE.

UM POUCO DE BELEZA

A duração dos permanentes

QUANDO você entrega seus cabelos a um profissional para que os ondule naturalmente desejará que a ondulação permaneça por bastante tempo — o maior tempo possível. Isso não apenas por uma medida de economia de dinheiro, mas também de tempo, pois não é sempre fácil arranjar-se duas horas de folga para renovação da permanente. Se você faz sua permanente em casa com algum dos muitos produtos que existem no mercado quererá ainda que a permanente dure, da mesma forma. No entanto, só pelo fato de fazê-la apertadinha, com cachinhos miúdos como palha de aço não conseguirá uma permanente duradoura, e passará muitos dias com a cabeleira horrorosamente colada à cabeça. A duração de uma permanente depende do trato que você dá a seus cabelos muito mais do que da maior ondulação dos mesmos.

★ **A primeira condição para que durem é você prender os cabelos com freqüência, de forma que as ondas conservem seu feitio. Pode prendê-los tôdas as noites, por exemplo.**

★ **Escová-los não desmancha a permanente; ao contrário. Procure escovar seus cabelos no mínimo três vêzes por dia, com uma boa escôva de cerdas naturais.**

★ **Se seus cabelos são compridos naturalmente que a permanente durará muito mais, pois, depois de certo comprimento, os cabelos crescem mais devagar.**

E por falar em cabelos compridos, êsses precisam de muito mais trato, de muito mais escôva, do que os cabelos curtos. Nada é mais feio do que se ver uma jovem com a cabeleira desleixada, caindo por sôbre os ombros. A moda agora é de cabelos mais curtos, mas sempre existem aquelas que preferem conservá-los mais longos, e são muitas, como a atriz Jarmila Novotna — que aparece na foto. — **JÚLIA DE MILO.**





MÃOS ÚMIDAS

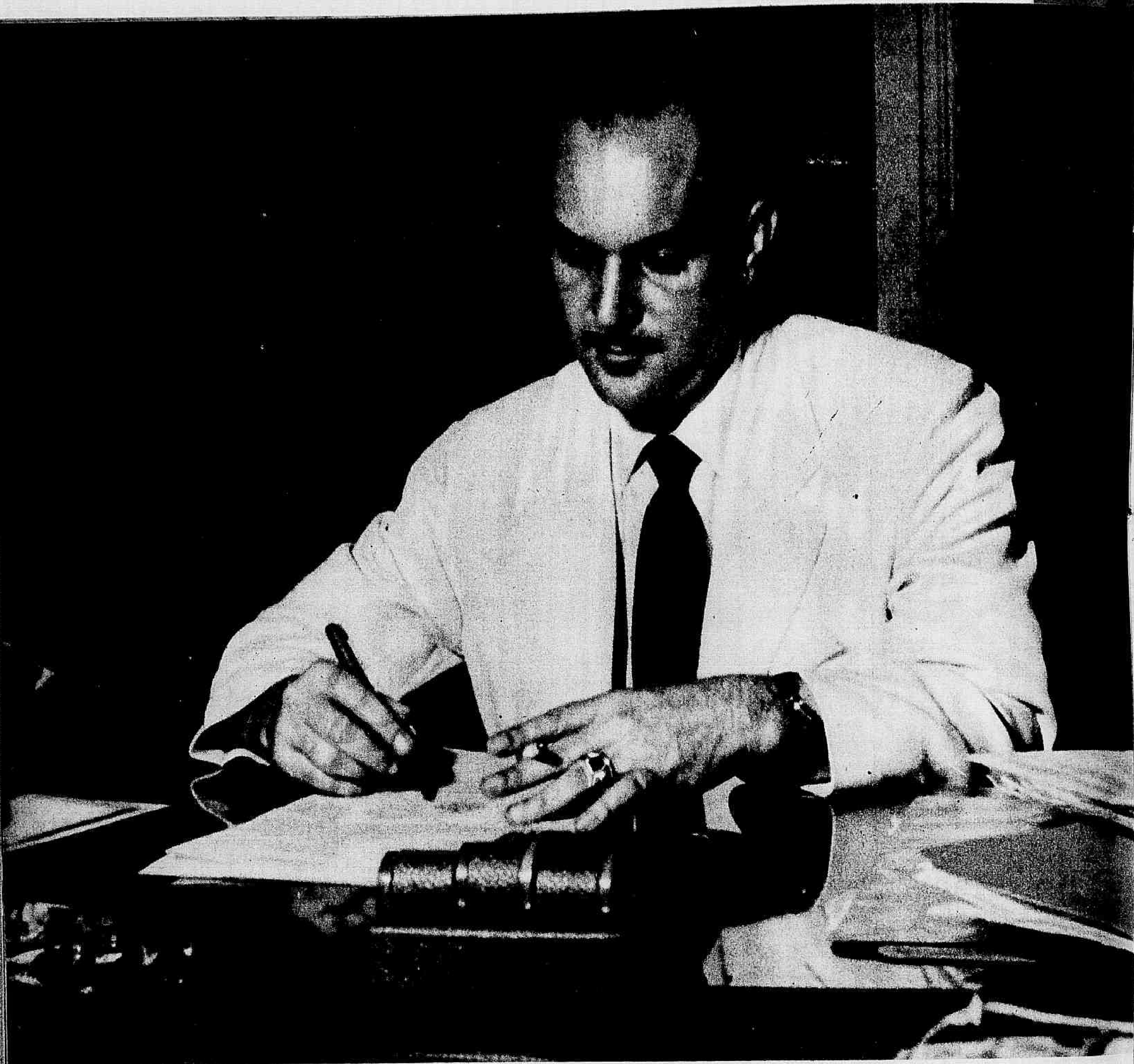
É desagradável comprimentar-se uma pessoa que tenha sempre as mãos úmidas. Se êsse é o seu caso, há um meio de torná-las mais sêcas. Aplique sôbre as mesmas uma loção — que você mesmo poderá preparar em casa — com: 200 gramas de água de colônia e 5 gramas de tintura de benjoim. Friccione as mãos com essa loção no mínimo umas três vêzes ao dia, e sempre quando se preparar para sair ou para receber uma visita.

NÃO USE SAIAS JUSTAS

SE você tem os quadris muito largos. Ao contrário, procure dar mais largura às suas saias, porque assim parecerá que elas é que são largas e não você. As saias justas e lisas ficam bem nas pessoas de corpo bem formado, com curvas não muito acentuadas.

DEPOIS DO BANHO

DEPOIS que você tiver tomado seu banho diário, tome uma toalha de tamanho médio e faça com ela uma vigorosa massagem pelo corpo todo. Contribuirá para conservar a rigidez dos músculos, o que lhe dará um aspecto ágil e jovem. Além disso, essa fricção lhe proporcionará uma sensação agradável de bem-estar e descanso. Só depois dessa fricção é que deve aplicar os desodorantes, talcos e perfumes. (Na foto: Dolores Doru — da Warner).



Barjas Filho: fiel realizador da obra de assistência social criada e consolidada por Vargas.

NO IV CENTENÁRIO DE SÃO PAULO O I.A.P.C. ENTREGA AOS COMERCIÁRIOS PAULISTAS O SEU MAIOR HOSPITAL

Barjas Filho prossegue na obra de assistência social consolidada por Vargas ★ Presentes ao ato inaugural o presidente da República e o governador de São Paulo.

UM dos exemplos magníficos da política da Previdência Social levada pelo presidente Getúlio Vargas, está, sem dúvida, no Hospital do Instituto dos Comerciários que inaugurou-se a 25 último em São Paulo. Trata-se, realmente, de uma obra de extraordinário porte, e, sem favor, a mais completa organização hospitalar do país, onde tudo foi previsto, nada faltando para que assim seja classificado. Dotado de 350 leitos, cuja capacidade poderá estender-se a 400 leitos, sem que seus serviços sofram solução de continuidade, o Hospital dos Comerciários de São Paulo está aparelhado para fazer face a todo tipo de cirurgia, possuindo 13 salas para suas especialidades, a saber: 4 para obstetrícia, 4 para alta cirurgia, 2 para otorrinolaringologia, 1 para operações ortopédicas, 1 para operações oftalmológicas e um grande centro de cirurgia toráxica. A solenidade de inauguração do moderno Hospital que atenderá aos 200.000 comerciários de S. Paulo foi presi-

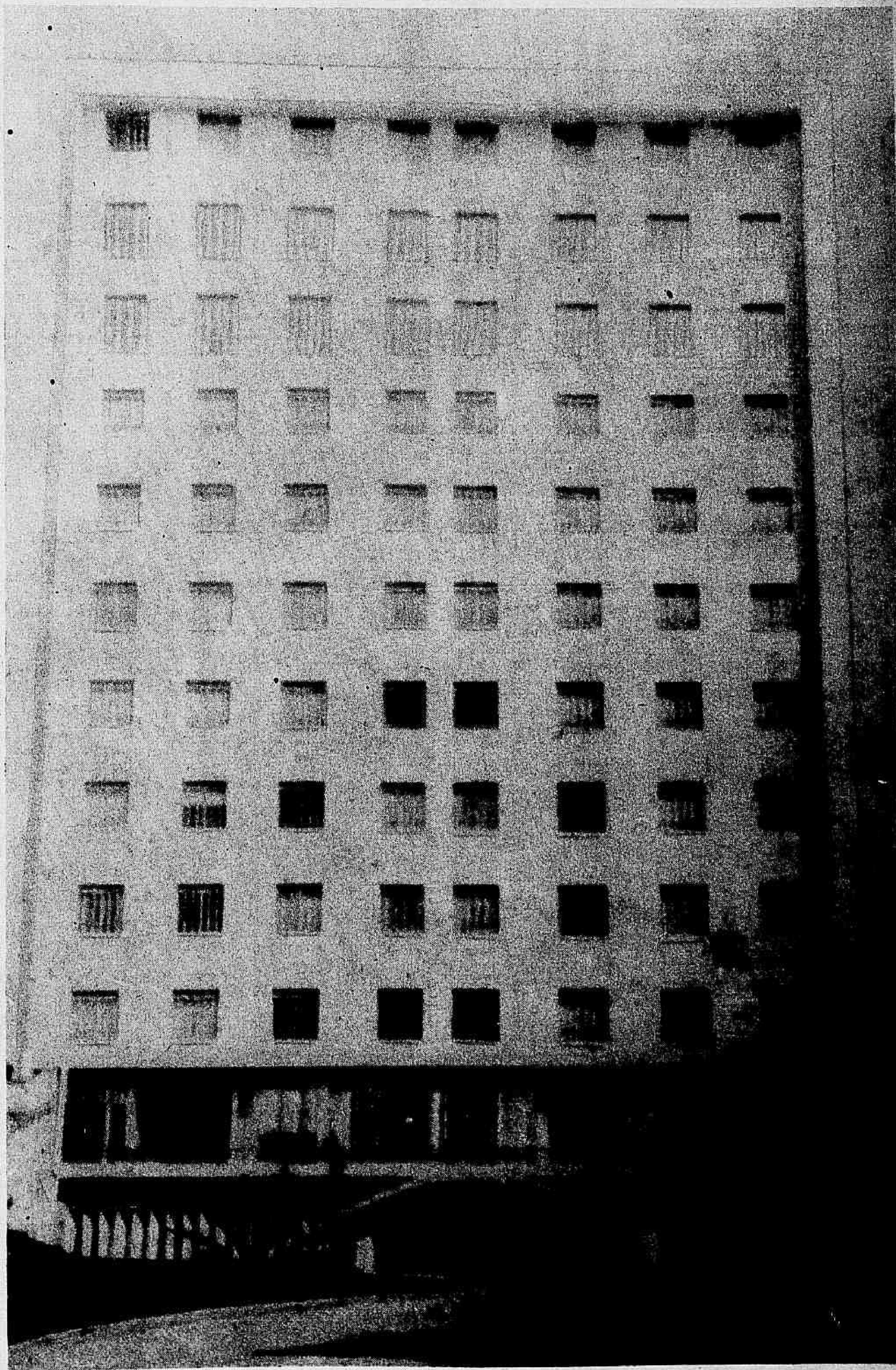
dida pelo presidente da República, sr. Getúlio Vargas, e a ela compareceram o governador do Estado, professor Lucas Nogueira Garcez; general Caiado de Castro, chefe da Casa Militar da Presidência da República; presidente do IAPC, sr. Rodrigo Barjas Filho; deputado Lutero Vargas, secretário dos Negócios Internos e Jurídicos da Prefeitura; sr. Marrey Júnior, representando o prefeito da Capital; autoridades civis, militares, eclesiásticas; delegado regional e chefes de departamento do IAPC; presidentes e diretores dos sindicatos e federações de empregados no comércio; enfermeiros, trabalhadores do comércio hoteleiro; dos jornalistas e de outras categorias profissionais; de figuras representativas da sociedade e de comerciários paulistas.

O DISCURSO DO PRESIDENTE DO IAPC

Dirigindo-se às autoridades presentes e à classe comerciária, o sr. Rodrigo Barjas Filho, presidente do IAPC, disse: «O poder do destino é uma fôrça incógnita que a todos surpreende. O mesmo Getúlio Vargas, criador da Previdência Social no Brasil é também o seu verdadeiro consolidador, inaugura hoje, mercê da Providência, sua própria obra inspirada nesse patriotismo que se tornou padrão de exemplo cívico. O Hospital dos Comerciários é um monumento que custou sérias preocupações; árduas abnegações. E' a concretização de ideais, é a realização de sonhos de um estadista que ultrapassou os limites do sentido de humanidade e solidariedade. No exame biológico dêsse govêrno de conquistas sociais vemos nìtidamente que o prognóstico estava exato na radiografia em que apreciamos contentes o organismo de tantas reivindicações satisfeitas dos trabalhadores.


Vargas: «O Hospital do IAPC — uma das maiores realizações nos festejos do IV Centenário».


Barjas Filho, o presidente do IAPC, ao inaugurar o novo hospital dos comerciários em São Paulo, cercado por diretores daquela autarquia.


200 mil comerciários paulistas serão atendidos pelo novo hospital do IAPC inaugurado pelo Presidente da República

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA COLUNA DE TESTES

1 **De quem é esta frase: «A amizade é como os títulos honoríficos: quanto mais velha mais preciosa»:**

— Victor Hugo?
— Goethe?
— La Rochefoucauld?

2 **Que quer dizer «Alice», em grego:**

— Moça ilustre?
— Viúva?
— Mulher sem alma?

3 **Qual a língua mais falada do mundo:**

— O francês?
— O inglês?
— O chinês?

4 **Qual destas edificações é a mais alta:**

— O edifício Empire State?
— A tôrre Eiffel?
— O obelisco de Washington?

5 **Qual o deus que, na mitologia grega, conduzia o carro do sol:**

— Júpiter?
— Vulcano?
— Apolo?

6 **Onde fica um dos maiores templos do mundo, a mesquita de Santa Sofia:**

— Em Londres?
— Em Constantinopla?
— Em Roma?

7 **Calcutá é cidade da:**

— Índia?
— Austrália?
— China?

8 **Em que cidade se encontra o Santo Sepulcro de Jesus:**

— Roma?
— Nazaré?
— Jerusalém?

9 **O maior sino do mundo está:**

— Em Londres?
— Em Cantão?
— Em Nápoles?

10 **Em qual dêstes municípios fluminenses nasceu Euclides da Cunha:**

— Cantagalo?
— Rezende?
— Campos?

11 **José Bonifácio de Andrada e Silva, grande figura de nossa independência, era:**

— Pernambucano?
— Paulista?
— Mineiro?

12 **Quem foi o primeiro Ministro da Fazenda do período republicano:**

— Washington Luís?
— Campos Sales?
— Rui Barbosa?

13 **Quantos anos tem a cidade de Petrópolis, atualmente:**

— 80?
— 110?
— 200?

14 **Que acontecimento lembra, no Brasil, a data de 25 de janeiro de 1663:**

— Chegada de D. João VI?
— Criação dos serviços postais?
— Domínio do Rio por Duguay Trouin?

15 **Em qual destas cidades se expôs, pela primeira vez, o telefone:**

— Rio de Janeiro?
— Filadélfia?
— Nova York?

(Respostas na página 57)

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº.......

NOME.........................
RUA.................. Nº.....
CIDADE.......................
ESTADO.......................

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00

Aprenda a Embalsamar!

CURSO PRÁTICO POR CORRESPONDÊNCIA

O INSTITUTO FLORESTA lhe ensinará, em curso rápido, eficiente e intensivo como dissecar aves, animais, reptis, crustáceos bem como curtir pele para taxidermia, preparar tapetes com pêle, montagem de chifre, preparação de borboletas, etc.

Curso único e interessante no Brasil
MENSALIDADE: CR$ 100,00

Para obter mais informações remeta o cupon ao lado.

INSTITUTO FLORESTA
Caixa Postal, 6410 - SÃO PAULO - BRASIL
Nome.........................
Endereço.....................
Cidade.......................

INSTITUTO FLORESTA
Caixa Postal, 6410 - S. PAULO - BRASIL

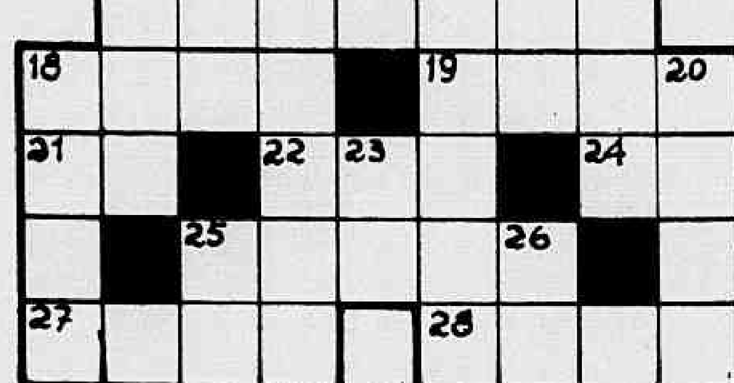
Palavras CRUZADAS

PROBLEMA Nº 5

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — 1. Bananas — 8. Célebre — 10. Planta sarmentosa e aromática da Índia — 11. Mulher de Xangô — 12. Distinção — 14. Sufixo vernáculo longo, que denota lugar — 16. Forma arcaica de rã — 17. Montanha do Espírito Santo — 18. Nome de homem — 20. Segundo filho de Adão — 21. Estilo pomposo — 22. Espécie de concha bivalve (pl.) — 23. (Earl van) General confederado norte-americano (1820-1863) — 24. Oásis do Saara Central — 25. Declaração — 27. Irmão e inimigo de Osiris, encarnação do inverno — 28. Símbolo do escândio — 29. Mexerico — 31. Psiu! — 32. Humilde — 35. Embotai.

VERTICAIS: — 1. Azo — 2. Aranha amazônica — 3. Penetrar vencendo obstáculos — 4. Próprios para adôrno — 5. Degradação moral — 6. Espécie de pimenteira das ilhas da Sociedade — 7. Medida japonêsa de superfície, equivalente a pouco mais de 99 metros quadrados — 8. Atraente, encantador — 9. Tratantada — 10. Septicemia (pl.) — 13. Arbítrio, vontade — 15. Dispor em feixes (lenha) — 17. Planta leguminosa da África e da Índia (pl.) — 19 — Feminino plural de ão — 20. Juiz de Israel (1496-1416 A.C.) — 25. Poeta, cantor, na Grécia antiga — 26. Composição poética (pl.) — 29. Nome de Homem — 30. Nome de mulher — 33. Segunda letra do alfabeto árabe — 34. Planta da família das Liliáceas.



PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — 1. Cantiga — 4. Instrumento de ataque ou de defesa — 7. Diz-se do cavalo que tem duas côres, preta e branca — 9. Artigo (pl.) — 11. Unidade das medidas agrárias — 12. Antes de Cristo — 13. Corroer — 15 Pequeno mamífero roedor — 17. O novo continente — 18. Terra arroteada e própria para cultura — 19. De preço elevado — 21. Sisa — 22. Camareira — 24. Outra coisa — 25. Do verbo adunar — 27. Grande estensão de água cercada de terra — 28. Rezar.

VERTICAIS: — 1. Comediante — 2. Seguia — 3. Um tanto amarelo — 4. Da América — 5. Criminosa — 6. Qualquer porção de circunferência — 8. Brisa — 10. Retumbara — 12. Ligara — 14. Bebedeira — 16. Mau cheiro — 18. Caução — 20. Odor — 23. Gênero de palmeiras do Brasil — 25. Símbolo da prata — 26. Atmosfera.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 4

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — cala — amar — ali — iró — rama — ária — amada — ôco — arara — eira — auto — ita — rir — sêlo — sala.

VERTICAIS: — caro — ala — Lima — mira — Ari — roam — amora — adora — aca — seis — aral — aura — mora — ité — til.

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — menorita — acatadura — ga — cis — ad — Rum — ostento — irás — olear — paradisíaca — emitir — tar — ni — Ded — Hsi — enamoram — alaterno.

VERTICAIS: — Ma — ec — naco — otis — rastos — id — Tu — aratacas — agripene — adoraria — auramina — mari — Eli — Neath — sat — Didot — irerê — dar — Al — má — Mn.

METALÚRGICA MATARAZZO S. A.

Matriz: Rua Carneiro Leão n.º 439
Escritório: Rua Caetano Pinto n.º 575 } São Paulo

Filiais e Fábricas

Recife (Pernambuco) e Lavras (Minas Gerais)

TELEFONE 33-2133

(Rêde interna ligando dependências)

TELEGRAMAS "METALMA" – Caixa Postal, 2400

CÓDIGOS: Borges, Ribeiro, Lieber, Mascote (1.ª e 2.ª edição)



Moderníssima instalação completamente automática, para a fabricação de lataria branca e litografada, de todos os tipos e para todos os fins desejados. — Confecção aprimorada, sob direção de desenhistas técnicos competentes, de cartazes, para reclames litografados em fôlhas de flandres pelo processo norte-americano mais moderno. — Fabricação de artísticos brinquedos litografados em fôlhas de flandres. — Artigos de uso doméstico da famosa marca "METALMA"



«CEIA», PINTADO EM 1949 E EXPOSTO PELA 1ª VEZ.

Portinari em grande gala



[illegible] Portinari: — «Nada tenho contra a II Bienal

NO Museu de Arte de S. Paulo, Portinari volta a público. Em grande gala. Combatido por uns, exaltado por outros, ou simplesmente apreciado, sem paixão, com restrições. Mas discutido sempre. Como se sente êle diante de tudo isto? Dos chapéus e das plumas, que fazem (e fizeram mais uma vez) o êxito social das inaugurações artísticas? Do bate-bôca superficial e inconseqüente, onde os ataques e os louvores ao pintor são remoídos no amendoim torrado e conservados, num crescendo de temperatura, no martini vespertino? Uma das boas coisas das exposições de Portinari é conversar com Portinari, ouvir palavrões acadêmicos, receber explicações as mais simplistas sôbre questões sociais — e logo de quem é colocado nas elites comunistas:

— «O que sou? Nada! Eu quero é que todo mundo tenha escolas, hospitais! Não é o que você também quer? Não obedeço a partidos, nem sigo programas partidários.»

- De novo com o público, no Museu de Arte de São Paulo.
- Bienal, boatos e desabafo [illegible] Jorge Amado.
- «Guerra» e «Paz», 14 metros [illegible] e dois anos de execução.
- Não obedeço a partidos, nem sigo programas partidários, [illegible] quero que todos tenham [illegible] e escolas.
- As grandes amizades.

Reportagem de NEWTON C[illegible]

CONTRA A LUZ

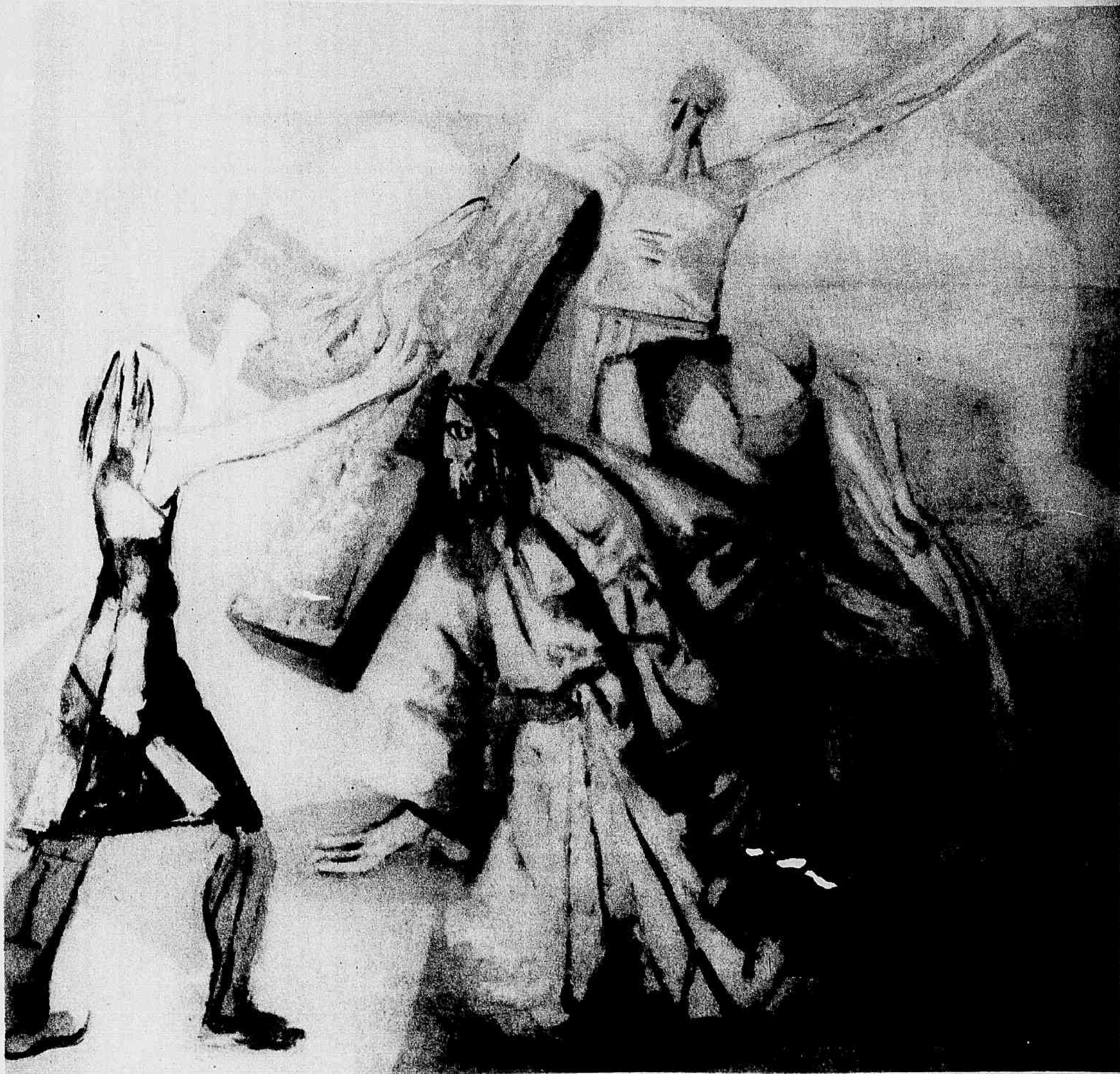
Horas antes da inauguração, Portinari acompanhava de perto os últimos preparativos. Telas,



«Guerra», estudo de painel para a ONU, de 14x10.



«Os músicos», um dos cento e doze trabalhos expostos.



«VIA SACRA», PINTADO PARA A IGREJA DE BATATAIS.

Portinari em

painéis e desenhos foram colocados segundo técnica especial, em contrastes, luz e cartões de identificação. Foi êle quem disse tudo isto, e o fato é que estão muito bem colocados. Contou:

— «Uma vez, não reconheci uma tela de Velasquez, porque estava mal colocada. Disse até que era de pintor sem expressão, desconhecido, rastaquera. É o que nos falta: técnica na colocação dos quadros e muitos quadros se perdem por estarem mal colocados.»

Até então, foi o que logo nos pareceu, havíamos visto Portinari contra a luz. «Vivot» de tantas discussões sisudas, mas, na realidade, um sujeito escrachado, que logo nos coloca inteiramente à vontade.

Horas depois, dia 5 de fevereiro, os salões do Museu eram abertos para a inauguração. E ninguém pode negar: sucesso absoluto, tanto social, como artístico, do ponto de vista da presença de gente destacada nos meios artísticos. Quanto aos trabalhos, cabe aos críticos analisá-los — isto é uma reportagem.

HOMENAGEM

Dos ataques e louvores, às notícias e boatos, sem que ninguém saiba como começaram. Perguntamos a Portinari se a exposição era uma réplica à Bienal, justamente porque corria êsse boato.

— «Bobagem. É uma homenagem ao povo de S. Paulo» — respondeu, sem mostrar rancor. Insistindo:

— «Já disse que não fui à Bienal porque não tinha nada para mandar. E que não me esforcei para ir, porque não dispunha de uma sala. Esta, é a verdade. Nada tenho contra a Bienal.»

Diante de tanta insistência, lembramos a acusação, feita a êle, de que escrevera a Rivera e Orozco, pedindo que boicotassem a Bienal. Ainda sem mostrar rancor:

— «Intriga. E consta que o autor foi Jorge Amado, no Congresso de intelectuais, no Chile. Êle teria dito a Rivera e Orozco que eu iria escrever-lhes sôbre a Bienal, pedindo que não mandassem quadros. Já que fazem a acusação, que mostrem as cartas. Paulo Bitencourt, diretor do Correio da Manhã, quando estêve no México para a Conferência Interamericana de Imprensa, procurou pelas cartas e nada encontrou. De volta, no Rio, providenciou a minha defesa. Por que, então, continuar com essa acusação tola e leviana?»

Desenho de S. Francisco, para a igreja da Pampulha.



SEQUÊNCIA DO PAINEL «TIRADENTES», DE CATAGUAZES

grande gala

Não respondemos. Portinari calou por momentos, olhou os quadros a volta, catucou a ponta do sapato com o guarda-chuva que levava, refez-se e comentou:

— «Estou meio doente. Depois de amanhã irei para Águas do Prata, devendo voltar ao Rio no fim do mês. Para o meu apartamento no Leme.»

AS AMIZADES

— «Nunca me dei bem com Jorge Amado» — para um desabafo dessa natureza, Portinari devia estar bastante incomodado com os boatos, que persistem, apesar dos desmentidos. Continuando:

— «Não me fale em gente de partido. Minhas amizades são Manoel Bandeira, Carlos Drumond de Andrade, José Lins do Rêgo, Rubem Braga e alguns outros.»

Mas a sua grande amizade é João Cândido, seu filho, hoje com 15 anos.

— «O menino precisa estudar — diz. Pretendo ir para o Rio, matriculá-lo e guardar acampamento por algum tempo. Êle já viajou bastante e foi muito bom. Mas é preciso parar um pouco.»

No Rio, Portinari fará os dois painéis encomendados pela ONU: «Guerra» e «Paz». Os estudos que fêz, estão entre os melhores trabalhos da exposição em S. Paulo. Os painéis terão 14 metros de altura, por 10 de largura. Na sua execução, espera levar dois anos. E informa que ainda não organizou a equipe que trabalhará com êle.

O painel sôbre a paz, segundo diz, foi inspirado numa obra de Ésquilo. No Apocalipse de São João, o sôbre a guerra.

A EXPOSIÇÃO

Portinari expõe 112 trabalhos. Destacamos: «Guerra» e «Paz», dois estudos para a ONU; desenhos para o romance «Cangaceiros», de José Lins do Rêgo; série da «Via Crucis», pintada há pouco tempo para a igreja de Batatais; a «Ceia», pintado em 1949, mas exposto pela primeira vez, pois é a primeira vez que sai de Cataguazes; projeto para o painel «Tiradentes», do Colégio de Cataguazes; estudos para um mural na nova sede da revista «O Cruzeiro»; estudo para um painel no Pavilhão Brasileiro de New York.

A mesma mostra tem convites para visitar a Holanda e a Bélgica, terminado o período paulista.



«João Cândido», seu filho, hoje com quinze anos.



«O ENFORCAMENTO DE TIRADENTES», FASE DO PAINEL.



GARCEZ: lúcido, modesto, decente, acabará sendo traído pelas circunstâncias (às vêzes ignóbeis) da política.

GARCEZ

CASTELLO

DIGAM o que disserem do professor Lucas Garcez, erre êle como errar nos seus cálculos políticos, o certo é que a impressão que dêle me ficou foi a primeira: a de um homem lúcido, modesto, decente, bem intencionado. É possível que êle tenha a estranha habilidade de transmitir no contato pessoal uma impressão diferente da que se terá ao vê-lo em plena ação. Mas por que haveremos de dizer que o verdadeiro Garcez é o que age e não o que fala? Por que o verdadeiro há de ser essa observação da indecisão ou do cálculo que nos aponta a exege da sua conduta política?

De mim prefiro o professor que conheci pessoalmente na véspera da eleição de Jânio Quadros, que me expôs com firmeza mas sem jactância, assim como quem demonstra um postulado científico, que no dia seguinte seria eleito prefeito de São Paulo o professor Cardoso. É verdade que quem se elegeu foi Jânio Quadros, mas não creio que Garcez errasse: o resultado é que terá sido errado. O candidato foi bem escolhido, a soma de fôrças era impressionante e, dando-se um largo desconto ao espírito oposicionista de uma grande cidade repleta de problemas, ainda assim Cardoso devia vencer.

•

RECEBEU-ME êle numa sala do pavilhão residencial do Palácio. Não me deu tempo a perguntas. Durante dez minutos traçou o panorama da vitória com objetividade, com realismo, com pureza dalma.

Dez dias depois voltei à sua presença. Jânio ganhara. Havia uma estranha preparação grevista. Rumores anunciavam que o prefeito não tomaria posse. O govêrno federal, diante do desprestígio do govêrno estadual e da ameaça de anarquia social, decretaria intervenção no Estado. O professor Queiroz Filho (haja professôres em São Paulo) chegara a ser sondado para assumir a interventoria. Ao me anunciar, mandou que eu entrasse imediatamente na sala de despachos, onde atendia a um secretário de Estado. Contei-lhe o que me haviam dito na Câmara Municipal, coisas aliás alardeadas no discurso de um vereador. Garcez me respondeu que reagiria com a fôrça a qualquer tentativa de destruí-lo. São Paulo faria valer a autoridade dos seus governantes. Ponderei-lhe que, esboçando-se uma situação difícil, talvez não conviesse divulgar suas declarações.

— Como não? Pode publicar o que estou lhe dizendo — respondeu.

Outras vêzes encontrei-me com o governador. Uma delas, pela manhã, comi com êle no Palácio uma talhada do seu mamão-matinal. Vi-o em São Paulo, no Rio, no Recife, em Minas. Em tôdas, êle recorda aos circunstantes: «O Castello me entrevistou antes e depois do 22 de março».

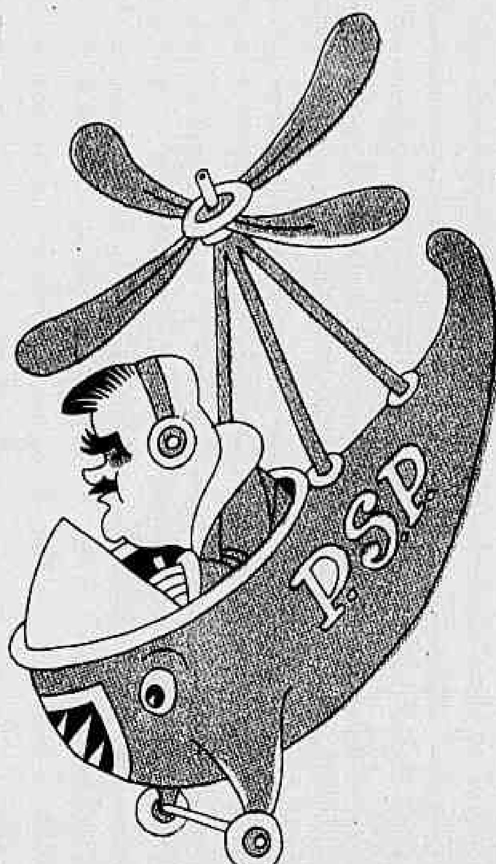
MAS A MINHA maior experiência com o governador de São Paulo foi durante sua viagem ao norte. Fui esperá-lo no Recife, onde se encontrava êle com o governador de Pernambuco. Pleiteei voltar no seu avião, coisa que fàcilmente me concedeu. O ambiente vinha saturado do esquema Etelvino, mas Garcez tinha muito cuidado em evitar que se pensasse que seu recente rompimento com Ademar tivesse alguma coisa a ver com sua excursão ao

norte. Não rompera para facilitar sua candidatura, não agira visando a beneficiar-se pessoalmente. Soube que eu lera uma carta de Sobral Pinto comentando em têrmos duros o rompimento, cuja conseqüência, segundo Sobral, moralmente seria a renúncia do governador. Contei a Garcez o que era a carta e, depois de me pedir indicações, chamou seu secretaário e ordenou:

— Quando chegar a São Paulo quero ler o «Diário de Notícias» com a carta do dr. Sobral. Prezo muito a opinião do dr. Sobral.

Acrescentou que iria esclarecer a opinião pública integralmente a respeito do seu ato, imprescindível à manutenção da moralidade pública no seu Estado.

DO PODER de convicção política de Garcez tive uma prova na Bahia. Às 7 e meia da manhã, antes da visita ao Bonfim, conversei com o governador Régis na presença do seu colega de São Paulo e êle me declarou que não só era contrário ao esquema Etelvino, por precipitar o problema sucessório, como não compreendia que o governador de Pernambuco tomasse uma atitude dessas sem consultar o seu partido. Êle, Régis, sòmente depois de consultar o PSD, poderia se pronunciar sôbre o assunto. Pouco depois, seguíamos, tôda a comitiva, de automóvel, para o Bonfim e daí para o aeroporto. Às 8 e meia, Régis chamou-me à parte para substituir suas declarações: considerava o esquema Etelvino um «instrumento adequado» para encaminhar a sucessão presidencial. Em tôda a viagem o governador foi de uma perfeita simplicidade, a tal ponto que não se sentia um minuto sequer que aquêle companheiro de viagem se investisse de tão alta autoridade. De tudo, porém, na viagem, o que mais me agradou, foram os comentários em tôrno da bela residência, com piscina e vista para o mar, do governador do Rio Grande do Norte. O bom-gôsto do sr. Sílvio Pedrosa foi muito admirado.



— Me dessem a fortuna dêle — comentou Garcez — e vocês veriam como eu também teria muito bom-gôsto.

Essas palavras singelas me punham diante de um contraste: a riqueza pessoal do governador de um Estado pequeno e pobre e a pobreza do governador do mais rico Estado do Brasil. Difícil pobreza, que anima e conforta. É ela que me faz ter sempre respeito, sejam quais forem os seus erros políticos, por Lucas Nogueira Garcez.



Garcez não fala muito. Mas quando fala, revela-se sempre um homem sagaz e de «humor» por vêzes sarcástico.

Semana LITERÁRIA

Roupa de domingo

● Nunca os suplementos andaram em crise como agora. Aparecem em roupas domingueiras, mas que lástima, que pobreza, que relaxamento! Veja-se o «Diário Carioca», de tão boas tradições. Um sr. Frederic Schwers escreve um quarto catatau sôbre a «Geopolítica da Fome», o que apenas confirma a fome insaciável de glória que tem êsse novo Josué, capaz de fazer parar o Sol para servir ao seu cabotinismo. O sr. Antônio Bento, num artigo que ficaria bem se ficasse em sua coluna habitual, fala da «Representação Brasileira na II Bienal de São Paulo»; o sr. Carlos David, homem de além-mar, leva a sério a reabilitação de Coelho Neto; e a dona Olga Obry, de Viena, plange lacrimosamente a morte de Oscar Straus. Não houve «De tôda parte», a viva secção do sr. Carlos Castelo Branco. Em compensação, o sr. Marques Rebelo, com 48 anos de idade, deita entrevista ao repórter Antônio Rocha a propósito de seu cinqüentenário. De qualquer forma, registre-se a promessa: daqui a dois anos, abandonará a literatura.

● Mas nada como o suplemento de «O Jornal». Até o sr. Valdemar Cavalcânti, envergonhado, desapareceu. A coisa parece agora diretamente organizada pelo sr. Atílio Milano, que é infatigável. O sr. Gilberto Freire, cansado de Nordestes e Brasis, invade o Paraguai, com uma «Formação Paraguaia». A pátria, por vasta que seja, não contém mais a grandeza do mestre de Apipucos. E como se não bastassem o sr. Mozart Monteiro (o homem que passou o «paco» no velho Orlando Dantas) e o sr. Antônio Osmar Gomes, lá está, de novo, o sr. Osvaldo Orico, numa competição da empáfia com o vácuo. No mais, o sr. João Clímaco Bezerra, do Ceará, puxa a brasa para uma de suas sardinhas, o jovem poeta Manuel Lopes, que ainda não desceu até cá.

● No «Diário de Notícias», que vinha mantendo um bom nível, dona Cecília Meireles está ainda, no melhor estilo ocidental, em plena Índia. O sr. Homero Sena emerge da burocracia para recordar Jorge de Lima. E o sr. Xavier Placer croniqueia a propósito da «Paisagem Fluminense». Felizmente, a primeira página está bem estaqueada no rodapé do sólido sr. Tristão de Ataíde, que pergunta: «Tolerância ou Intolerância?» Na segunda página, dá gôsto ler «Casos e Epigramas» do sr. Newton Braga, o mais sereno dos Bragas de Cachoeiro. O mais é Chiang Sing, espécie de china-pau, A. C. Vilaça, Nunes Pereira, José Alípio Goulart (até parece lista de telefone) e o coronel Silo Meireles, que não faz literatura, mas pede socorro para o Serviço de Proteção aos Índios. Até a coluna do sr. Raul Lima emagreceu dessa vez. O sr. Afrânio Coutinho clama e reclama contra a falta de formação universitária do brasileiro e explica como manter o bom-humor (que êle perdeu, na polêmica com o sr. Gustavo Corção) quando debatem as nossas idéias (nossas, isto é, dêle). O suplemento do «Diário de Notícias» tem, pelo menos, isto: é extenso. Pois ainda há espaço para mais uma louvação ao dr. Josué, o que não para o sol do cabotinismo. Se o professor Castro empregasse, para matar a fome alheia, a energia que consome em sua auto-propaganda, certamente o mundo já estaria alimentado. E registre-se, sem emoção, a reportagem de dona Eneida, sôbre a Bienal de São Paulo.

● Quanto ao «Correio da Manhã», há tempos que vem usando a sua roupa de domingo no sábado. E a usa tão modestamente, que até passa despercebida. Se não fôsse o aviso na primeira página do primeiro caderno, nem a gente ficaria sabendo que há, naquela edição, um suplemento de literatura e arte. Não é suplemento (apenas uma página), não é literatura, nem é arte. Muito melhor (literàriamente) é a sua quarta página, onde há Carlos Drummond de Andrade, Rubem Braga, Costa Rêgo (agora afastado, temporàriamente, por doença) e há tópicos mais bem escritos do que os artigos suplementeiros que o «Correio» estampa na sua página de literatura e arte. Página pobre, incolor e sem data.

● No sábado, também sai endomingada a «Tribuna da Imprensa». E com razão, porque não circula no domingo. O poema de Geir Campos («Semana da Asa») vale a pena. Vale a pena também o artigo do sr. Homero Icaza Sanchez. O mais, além do pontualíssimo e fecundo sr. Tristão de Ataíde, são calços para encher a página.

● Afinal, o que é que há com os suplementos?

UM POEMA POR SEMANA



Desenho de AMÉLIA

O Banho

Junto à ponte do ribeirão
Meninos brincam nus dentro da água faiscante.
O sol brilha nos corpos molhados,
Cobertos de escamas líquidas.

Da igreja velha, no alto do morro,
O sino manda lentamente um dobre fúnebre.

Na esquina da cadeia desemboca o entêrro.
O caixão negro, listado de amarelo,
Pende dos braços de quatro homens de prêto,
Vêm a passo cadenciado os amigos, seguindo,
O chapéu na mão, a cabeça baixa.
As botas rústicas, no completo silêncio,
Fazem na areia do chão o áspero rumor de vidro moído.

O sino dobra vagaroso: dobre triste
Na tarde clara que dá pena de morrer.

Cheios do inexplicável respeito da morte
Os meninos correram para baixo da ponte,
Como se a sua nudez pura pudesse ofender a morte.

Vai agora subindo o morro do cemitério
O caixão negro listado de ouro.
Já não se vê mais, desapareceu atrás do mato.

E na água fugitiva do ribeirão
Os corpos nus cambalhoteiam de novo
Com o sentimento espontâneo e invencível da vida.

RIBEIRO COUTO

Cineac Literário

EVANGELHO DO POETA» é o título do livro de estréia do poeta Clóvis Ramos, prefaciado pelo crítico Fausto Cunha. Outro poeta que comparece em livro (bonita edição) é o pernambucano Edmir Domingues da Silva, dotado de bons recursos técnicos e considerável veio lírico.

★

NUM CADERNINHO SIMPÁTICO, de Curitiba, Dalton Trevisan aparece com uma série de crônicas que comprovam o seu bom teor literário. Na mesma coleção, Trevisan, que estreou há tempos como contista, publica uma novela curta.

★

AUGUSTO MEYER, um poeta raro, será divulgado, êste ano, pela editôra da revista «Orfeu», com «Cemitério Campestre e outros poemas».

★

DOIS CADERNOS «Cultura»: um de Adonias Filho, reunindo estudos sôbre poetas brasileiros; outro de A. Casemiro da Silva, sôbre livros e autores inglêses, sua especialidade. Fazem parte do vasto programa que Simeão Leal está cumprindo na diretoria do Serviço de Documentação do M.E.C.

★

DE 14 A 20 de fevereiro, realiza-se, em Curitiba, a Terceira Semana de Intelectuais Católicos do Brasil. O tema proposto para a reunião é «Disciplina Cristã e Liberdade». No mesmo dia, inaugura-se em Goiânia o I Congresso Nacional de Intelectuais, reunindo duas centenas de congressistas, entre os quais alguns escritores. A convocação do congresso garante que lá se irão debater problemas da cultura brasileira.

★

MAIS UM ROMANCISTA para engrossar o número dos prosadores (aliás muito menos numerosos do que o dos poetas): Ângelo Raimundo, que estréia com «Correnteza». E Gastão de Holanda (prêmio de romance do IV Centenário) denuncia a presença de mais um romancista no Norte, Osman Lins, que tem dois romances prontos. Um, que Holanda considera ótimo, se chama «O Visitante» e pertence ao gênero noturno, na linha Julien Green. Lúcio Cardoso está alerta, com vários volumes inéditos.

★

JOSÉ PAULO Moreira da Fonseca publicou, por conta própria, «Dido e Enéas», sua primeira peça. O poeta de «Duas Elegias» tem duas outras peças inéditas. Poeta, teatrólogo (porém inédito) e também Ariano Suassuma, do Recife. Outro nome que está vesprando lançamento no Rio é de José Laurênio, poeta.

★

RUBEM BRAGA andou três vêzes pelo interior do Espírito Santo, seu Estado natal, para escrever um livro encomendado pelo govêrno daquele Estado. Carybé, que o acompanhou, já preparou cêrca de duzentas belíssimas ilustrações para o livro, que contará também com fotografias de um artista alemão que está trabalhando no interior do Espírito Santo.

★

«CADERNOS DO NOSSO TEMPO» é uma nova publicação, órgão do Instituto Brasileiro de Economia, Sociologia e Política. Procura realizar um «esfôrço para compreender o nosso tempo» e «postula a exigência de uma compreensão concreta da vida». Tudo retorcido, vago, abstrato e confuso, como convém aos jovens profundos, de resto mais profundos do que jovens.

★

UMA LEI ESTADUAL criou, em Minas, o «Salão Mineiro de Belas Artes» e o «Salão Mineiro de Arte Moderna», para exposições anuais, com prêmios até o limite de Cr$ 50.000,00 (aquisição do trabalho para decorar edifícios públicos). Artistas de todo o país poderão concorrer aos salões de Minas.



TRINTA ANOS DE "O RITMO DISSOLUTO"

● O modernismo está ficando velho. Há dois anos, fêz trinta de idade a famosa e barulhenta «Semana de Arte Moderna», de São Paulo. No ano atrasado, também trintão ficou o célebre «Essa Nega Fulô», de Jorge de Lima, recentemente falecido.

Agora, em 1954, faz também trinta anos o livro com que Manuel Bandeira aderiu ao modernismo: «O Ritmo Dissoluto». Foi impresso na «Revista de Língua Portuguêsa», por obra e graça de Goulart de Andrade, um parnasiano amigo de Ribeiro Couto que levou Laudelino Freire a publicar, pela primeira vez, um volume de poesia moderna.

Os dois primeiros livros de Bandeira (R. D.» foi o terceiro) foram custeados por seu pai.

Os poemas que figuram em «O Ritmo Dissoluto» (um título altamente revolucionário para a época) foram escritos entre 1919 e 1924, exceto «Mar Bravo», que é de 1913, e «Carinho Triste», que é de 1912, e que só foi publicado 12 anos depois porque o poeta temia que identificassem, na sua família, a musa a quem se dirigiam os versos.

Em «O Ritmo Dissoluto» estão os seguintes poemas de Manuel Bandeira: «O Silêncio», «O Menino Doente», «Balada de Santa Maria Egipcíaca», «O Espelho», «Na Solidão das Noites Úmidas», «Felicidade», «Murmúrio Dágua», «Mar Bravo», «Carinho Triste», «Bélgica», «A Vigília de Hero», «Os Sinos», «Madrigal Melancólico», «Quando Perderes o Gôsto Humilde da Tristeza», «A Estrada», «Meninos Carvoeiros», «Sob o Céu Todo Estrelado», «Noturno da Mosela», «Gêsso», «A Mata», «Noite Morta», «Berimbau» e «Balõezinhos».

ESPELHO DE ESCRITORES



MOACIR FELIX DE OLIVEIRA — Nasceu em Copacabana, a 11 de março de 1926. Filho de Saturnino de Oliveiro Filho, mineiro de Ouro Prêto, general (da reserva) do Serviço de Saúde do Exército, e de Georgina Felix de Souza, goiana. Do pai, herdou aquêle jeitão triste de farmácia do interior (seu avô foi farmacêutico em Ouro Prêto) e o gênio desconfiado; de sua mãe, certa ternura em face do mundo. Aos dois anos, foi para Minas: estudou em Juiz de Fora. No grupo «Mariano Procópio», brigou, pela primeira vez, por causa de mulher: disputou o direito de sentar-se junto de uma menina. Na Academia de Comércio, foi presidente da Cruzada Eucarística e arrebatou sempre o prêmio de melhor aluno do colégio. Voltou ao Rio em 1939, completou o ginásio no Santo Inácio (outros prêmios de bom aluno) e concluiu o curso de Direito (Faculdade Católica), bacharelando-se em 1948, já convencido de que a luta pela Justiça nada tem a ver com o palavrório jurídico. Na Faculdade, dirigiu uma revista, «Ensaios», uma feira de páginas impressas perfeitamente inútil. Numa revista colegial estão os seus primeiros poemas. Um dia, quando advogava, ganhou uma passagem de avião para a Europa. Embarcou, tendo no bôlso apenas uns trocados, que lhe sobraram de uma temporada de vida realmente noturna. Viveu dois anos e pouco em Paris, no Quartier Latin, seguindo cursos de Filosofia na Sorbonne, como aluno livre. Teve como professôres Merleau-Ponty, Jean Hypolitte e Jean Wahl, figura humana que, pela doçura e humildade, é antípoda de todos os figurões. Por três vêzes estêve na Suécia e casou-se com uma sueca, Brigitta, numa cidadezinha de dez mil habitantes, a vinte graus abaixo de zero. Na Europa, escreveu «Itinerário de uma tarde» (poemas), aproveitando a sua evolução desde uma fase de individualismo doentio até trazer para o seu quarto as ruas do mundo. Nesse livro, na parte denominada «Fragmentos», procura delinear suas experiências com o absoluto, com o mistério, com o sagrado. Mas sua estréia em livro se deu com «Cubo de Trevas», adolescente e descabelado. Publicou também uma plaquete, «Lenda e Areia». Dois autores que admira: Kierkegaard e Karl Marx, ambos se completam, pois o que um viu bem o outro deixou de ver. O fato religioso é, a seu ver, o fundamental da vida humana. Todavia, pensa que o que se conhece, hoje, como religião merece, geralmente, a crítica marxista. Os poetas que mais ama: Sófocles, Isaías, Holderlin e Rimbaud. Sustenta que Valéry, como poeta, é um chato, apesar de sua inteligência rara e de sua habilidade literária. De tôda a História, a figura que acha mais impressionante é a de Cristo. Pessoalmente, considera-se muito triste, com depressões mais fundas que o mar. Acha importantíssimo o conhecimento de Van Gogh, um dos maiores exemplos de homem que há. Está certo de que o mundo em que vive, tal como existe agora, é o grande assassino dos homens. Jamais dirá, porém, que a vida não é bela e grande, imensa. Maiakovski é a pessoa com quem mais gostaria de conversar. O Maiakovski da noite em que se matou. No mais, Moacir Felix de Souza, depois de ler uma tragédia grega, onde toca de perto o que é realmente grandeza e fôrça, fica encabulado de ver os poemas dóceis e dicionarentos que predominam numa época como a nossa, tão pedinte de cantos, de luta e de esperanças.

A. L.

NOVE PEQUENAS PARA UM RAPAZ

Por MICHEL DUCHEMIM

Tradução de SÍLVIA JAMBEIRO

— NÃO obstante (digo eu) a paisagem é bem interessante.

— Pelo amor de Deus, Michel, pare de defender Léna e a tal da paisagem!

— Em linguagem militar creio que isso é o que se chama traição (diz Gisèle separando cuidadosamente as sílabas).

Chegamos finalmente às cascatas.

Com lentidão majestosa as enormes massas de água se precipitam no espaço e se chocam contra as rochas num canto meio bárbaro e trazendo até nós uma onda fria e vaporosa que nos arrepia.

Belezas tais elevam a nossa alma a alturas incalculáveis e convidam à meditação.

Percebo de repente que minhas nove meninas parecem se ter transformado em estátuas de sal. Assumindo poses suaves que lembram figurinhas de Tanagra elas admiram lá de cima do belvedere o espetáculo prodigioso. Umas sentadas na amurada quietas concentradas como se ouvissem uma fuga de Bach; outras positivamente enlevadas tomam aspetos de figuras fugidas aos cartões postais de 1900 e ainda outras enfim reclinadas e iluminadas pelo sol parecem procurar com os olhos no céu um reflexo daquela visão mágica.

Tanta imobilidade me contagia, me paralisa, me enche de impaciência. Chego junto a Nicole para dizer qualquer coisa, não importa o que, assim como as crianças quando têm mêdo à noite.

— Que coisa formidável, hein? Estou emocionado!

Nicole vira a cabeça, olha para mim como se acabasse de ver um fantasma nas alamedas de um parque inglês e reassume sua posição de estátua.

Viro-me para Colette:

— Na sua opinião qual pode ser a altura desta queda dágua?

Um olhar de desprêzo responde à minha pergunta.

Sinto-me como um menino impaciente num circo indagando qual a hora em que entram em cena os trapesistas.

Sim, estou evidentemente errado mas aquela sensação de que o mundo parou, de que paramos de respirar se está tornando realmente insuportável.

Imagino o pessoal das Belas Artes aqui, sempre pilheriando, e suas exclamações desconcertantes como:

— Preparemos os salva-vidas!

Ou então uma outra observação do gênero:

— Esta água tôda me faz lembrar que deixei a torneira do banheiro aberta.

Naturalmente cairíamos todos na gargalhada e manteríamos o firme propósito de não levar coisa alguma a sério.

Mas uma moça não, é diferente, se concentra, se aprofunda e se torna muito séria. Não convém gracejar com elas num momento dêstes. A não ser que se pretenda dizer «eu te amo» ou «o teu penteado está maravilhoso».

Viro-me então para Léna que parece aceitar o espetáculo com a mesma naturalidade de uma dona-de-casa que abre a janela e olha o jarro de flores do vizinho sempre o mesmo. Digo:

— Você tem razão, Léna, e eu agradeço a sua idéia de nos trazer até aqui.

— Ah! Você está vendo!

E ela sorri, sua vitória é completa e o triunfo ilumina a sua bela fisionomia. E, ela fica realmente adorável assim. Agora é preciso fazer confidências, meu coração cigano pula dentro do meu peito. Com ela sinto vontade de ser romântico, de fazer poesia...

— Sim... É maravilhoso (diz ela encorajada pela minha boa disposição). Ali atrás, por exemplo, há uma usina de alumínio magnífica!

— Ah! (respondo eu completamente desapontado).

— A visão é emocionante, os operários trabalham noite e dia. Uma energia e um entusiasmo que nos garantem que recuperaremos o tempo perdido enquanto estas usinas estiveram inativas nas mãos atrozes dos capitalistas que não nos deixavam trabalhar.

Ouço de cabeça baixa pensando que na verdade o que eu queria mesmo era visitar a cidade de Sibenik e que eu não viera à Dalmácia para percorrer usinas de alumínio.

Geralmente quando repito esta frase diante de estudantes da escola de Ciências, por exemplo, êles sorriem com indulgência ante tal futilidade de espírito e por delicadeza passamos a outro assunto.

Com voz forte comento que já é tempo de voltarmos e de comer qualquer coisa e a estas palavras minhas meninas parecem acordar do encantamento, se ajeitam com movimentos rápidos e olham para mim sem desprêzo mas com certo interêsse e é com disciplina que a caravana toma o caminho de volta.

★

Um estudante foi incumbido de nos guiar numa visita à Catedral. Por um instante me preparo para enfrentar um tipo igual ao encarregado do museu mas não, desta vez é um jovem tímido que murmura num leve sôpro de voz:

Parado no meio da nave êle olhava com incerteza e certo temor como um estudante aflito frente à banca examinadora.

E com gestos inseguros e tímidos, como um adolescente que pela primeira vez abraça uma pequena, êle nos mostra detalhes trabalhados que nós já estamos vendo tão bem ou melhor do que êle.

Então êle nos revela que daí por diante nós devemos esperar um outro guia que conhece a catedral pedra por pedra como se êle mesmo a tivesse construído nas horas de folga.

Vinte minutos depois nós ainda contemplávamos a nave; nós, isto é, os cinco que restávamos porque algumas pequenas já haviam saído à inglêsa.

Curvo-me para o grupo restante e um pouco sorridente e certo de sua aprovação murmuro a meia voz:

— Já estou saturado de esperar o tal guia, vamos andando?

Helena se volta admirada e responde:

— Eu acho que vale a pena esperar, esta Catedral é bem bonita.

— Realmente, há vinte minutos que estou vendo isso (replico).

Ela então esboça um sorriso generoso e diz amàvelmente:

— Meu pobre Michel... Isto não o está interessando, não é?

— Positivamente não!

E agora que Léna está de costas eu fico na ponta dos pés e olho pela porta a cidade e sinto que aquelas ruas e casas originais aguardam a minha visita com a impaciência de uma recém-casada.

Nem o encarregado do museu, nem o rapazinho de agora satisfizeram a minha curiosidade de turista.

— Se quiserem ter a bondade de me seguir...

Nós fazemos com que êle repita a frase e êle nos olha espantado achando talvez que somos todos surdos.

Acontece que o rapazinho parecia estar, como nós, entrando pela primeira vez na Catedral.

Sei que muitos colegas meus, arquitetos, não compartilham da minha opinião e temos tido acaloradas discussões a respeito mas continuo fiel à minha opinião de que não me agrada passar horas dentro da mesma igreja enquanto o tempo passa e ainda há tanta coisa para ver.

Certa vez com mais três amigos da minha opinião visitamos a Espanha tôda em um mês e guardo desta visita lembranças das mais agradáveis.

Na Suécia, por exemplo, o organizador encarregado de nos orientar nos fêz ver num dia uma aldeia com uma igreja maravilhosa, um lago delicioso e construções pitorescas e depois de dez horas e meia de visita tínhamos conseguido não apenas ver tudo como também fazer croquis e esboços interessantes e ainda nos restava tempo para rever tudo de cabeça para baixo ou de trás para frente a fim de variar os ângulos. Como já tive ocasião de frisar, eu não sou contemplativo.

Percorrendo as ruas tortuosas de Sibenik tive a impressão de ter fugido do colégio e de estar gozando as melhores férias de minha vida. Lá para as quatro horas voltei, todo feliz com a minha fuga, e encontrei as meninas no terraço do hotel, tomando café turco, mais negro do que a mais negra tinta. Bati palmas e pedi também um café.

Helena se voltou para mim:

— Sabe, Michel, você deu um golpe errado escapando. Aquêle outro guia é um verdadeiro sábio.

Ah! Êle disse a vocês, de cor, a data da construção, o comprimento, a largura, o pêso total e também o número de filhos da família do construtor da Catedral.

— Você está sendo injusto e tolo.

Perguntei então com certo interêsse onde estava Léna.

Oh! Léna!

E tôdas se curvam e revelam que Léna está inteiramente furiosa com as nossas respectivas condutas e que trocou com Peter olhares e opiniões e no momento ela se havia refugiado no quarto para ponderar sôbre o assunto e ostentar seu desagrado.

— Ela esperava, com certeza (disse Nicole) que nós a seguíssemos sem discutir e em coluna de três. Infeliz! Ela já deve ter visto rebanhos de carneiros mas não de franceses!

Chegamos de acôrdo à conclusão de que os franceses são do tipo de pessoas que menos se sujeitam a uma viagem organizada. «Viagem organizada de franceses» parece um grupo de palavras inteiramente sem sentido e sem lógica. Digo às meninas:

— É preciso convencer Léna de que nós somos por índole incapazes de seguir um programa traçado com muita antecedência.

— Lá vem Léna (avisa Andrea em voz baixa).

Nada na aparência exterior de Léna deixa transparecer o desagrado que me anunciaram. Ela nos fita com olhar sêco e anuncia que o vapor de Split aparecerá de um momento para outro na curva do «fjord».

Será o «Dalmatia», o colossal, o melhor da linha. E ela nos garante também que há neste muito mais confôrto que no anterior. Isto no entanto não nos parece coisa muito difícil.

Com olhar distraído observamos o povo, os passageiros no tombadilho do navio e de repente, como por milagre, descobrimos Montenegro misteriosamente surgido não sei de onde e que nos acena frenèticamente com as mãos.

As minhas meninas se precipitam para êle afobadas. Dir-se-ia que era Frank Sinatra que chegava e era atacado pelas «bobby-soxers».

(Continua no próximo número)

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

● O jovem Michel resolve gozar as férias na Iugoslávia mas só no dia da partida descobre que viajará em companhia de várias moças. Partem e êle se vê as voltas com Catherine, Nicole, Denise, Andrea, Colette e outras que embarcam depois. Em Rijeka o guia que os espera é também uma moça. Hospedam-se numa Casa de Estudantes. Vão à praia, comem num restaurante socialista, andam de trem subterrâneo e à noite vão a uma «boite». No dia seguinte embarcam num vaporzinho superlotado para Sibenik onde depois de alguma dificuldade conseguem hospedagem num hotel. Fazem uma visita ao museu da cidade, depois vão às cataratas de Krka onde todos se deslumbram ante o cenário grandioso. Depois disso está programada uma visita à Catedral mas Michel se esquiva e vai dar uma volta pela cidade. De volta é informado de que embarcarão num grande navio para prosseguir viagem. Saindo do pôrto Michel quer tirar uma fotografia mas avisam-no que estão em zona militar. O navio começa a jogar e êle se sente tonto mas as pequenas resolvem cantar velhas canções francesas e querem que êle cante também. Finalmente o coitado concorda embora se sinta cada vez mais mareado. Os iugoslavos aplaudem o grupo esganiçado e em retribuição cantam em côro velhas canções tradicionais de sua terra, cheios de expressão, enquanto os turistas ouvem sem entender uma palavra sequer daquela estranha língua mas simulando estar gostando e sentindo tôda a emoção das letras, Michel finge que entende e sorri deliciado mas intimamente só pensa em correr a deitar-se e repousar.



Semana POLÍTICA



LUTA NA PARAÍBA

● Na Paraíba os campos se definiram e a luta deflagrou com um violento artigo do senador Assis Chateaubriand contra João Agripino, provável candidato da UDN ao govêrno do Estado.

Chateaubriand viajou de avião para o norte com Agripino, com quem conviveu também por um ou dois dias no Recife, inteiramente encantado com o rijo sertanejo. «O Jornal» publicou fotografias do deputado udenista, com legendas encomiásticas. Ao mesmo tempo, João Agripino, num discurso em João Pessoa, incitava a campanha eleitoral, dentro das combinações UDN-PTB que excluem apoio à candidatura de Chateaubriand. O PSD e o ministro José Américo terão de arcar sòzinhos com a responsabilidade da reeleição do diretor dos «Diários Associados». O resultado imediato foi o artigo de Chateaubriand pintando Agripino como um «canalha», coisa que o chefe udenista não parece ser...

TÓPICO

● *JANGO GOULART é oficialmente o articulador getulista da sucessão de São Paulo. É êle quem leva a palavra do Catete ao PTB e ao governador Garcez. É com êle que o Presidente manda se entenderem os candidatos. Foi com êle que Jânio, de malograda memória, acertou os detalhes da sua participação na futura República Sindicalista. Pois bem, quando Jango intervém no PTB, dissolvendo-o para alijar Borghi e quando Borghi, rebelde, se lança candidato numa autoconvenção, aparece em São Paulo na convenção clandestina nada mais nada menos do que um emissário pessoal de Getúlio Vargas, o inesquecível Roberto Alves, a estimular a rebeldia de Borghi e, òbviamente, sua candidatura. O Presidente mandou dizer a Borghi que não autorizou ninguém a coordenar candidato ao govêrno do Estado. Todos e cada um estão agindo por conta própria. Inclusive Jango. E durma-se com um barulho dêsses. — C. C. B.*



PORQUE ALENCASTRO GUIMARÃES CAIU EM DESGRAÇA

● O senador Napoleão Alencastro Guimarães, que alia à condição de petebista à de líder da oposição no Senado, caiu em desgraça junto ao seu chefe ainda antes da posse. Foi êle quem preparou a hospedagem do Presidente eleito em Paineiras e foi êle quem realizou as primeiras consultas nos meios militares referente às possibilidades de posse de Getúlio Vargas. Muito preocupado, entretanto, disse ao seu chefe, na primeira visita de Paineiras, que desta vez êle precisava se comportar bem, pois não havia mais clima para golpe. O que lhe competia fazer, na sua opinião, era governar bem, com moderação, para limpar o seu nome, e recomendar-se aos pósteros.

Desde êsse momento, o prestígio do senador junto ao Presidente cessou como por encanto.

BIOGRAFIA POLÍTICA



● **Antônio Balbino de Carvalho, ministro da Educação, é sobrinho do jornalista Geraldo Rocha, que lhe deu assistência na mocidade, enviando-o inclusive a passar dois anos na Europa. Êle, o tio e o deputado Tarsilo Vieira de Melo, seu rival no PSD, nasceram em Barreiras, na região do São Francisco. Balbino, formado em Direito na Faculdade Nacional, fez-se jornalista, sendo por algum tempo redator de «A Noite». Mangabeira descobriu-o aos 23 anos de idade, fazendo dêle deputado estadual e vice-líder dos autonomistas na Assembléia estadual dissolvida com o golpe de 10 de novembro. Balbino viveu o Estado Novo advogando e fazendo jornal. Fêz inclusive o «Diário de Notícias» baiano da fase pro-nazistas. Quando o Brasil se envolveu na guerra, Balbino abandonou o jornal, vindo para o Rio, onde advogou até 1945. Nesta data tentou reaproximar-se do grupo autonomista, que o repeliu.**

● **Entrou no Partido Sindicalista, chefiado por Pacheco de Oliveira e Teodulo Lins. Candidato a deputado federal, não se elegeu. Em 47 conseguia entrar no PSD voltando à Assembléia estadual, onde conquistou a liderança da sua bancada. Deputado federal em 1950, agiu na Câmara e fora dela com um objetivo: chegar ao Ministério. Apenas lhe trocaram a pasta na hora da nomeação. Êle aspirava a da Justiça. Sua segunda aspiração — o govêrno da Bahia — parece agora condenada. Incompatibilizou-se com o governador Régis Pacheco e não se impôs como chefe federal da política baiana. E' entretanto bastante jovem e paciente para esperar.**

Dicionário político brasileiro

PARTIDO DEMOCRATA CRISTÃO — Um pouco de demòcracia e um pouco de cristandade; a batina do padre Arruda Câmara e a vassoura do prefeito Jânio Quadros. Partido em que traição passa a chamar-se pecado, expulsão se chama castigo, e Ademar se chama o Diabo. O Cristo, por enquanto, é o sr. Jânio Quadros mesmo.

MINISTÉRIO DA GUERRA — Como tudo no Brasil é diferente, os negócios da guerra, entre nós, são dirigidos por um Espírito Santo.

TANCREDO NEVES — Às vêzes Tancredo, às vêzes Tancrado. Quando se destranca produz uma entrevista-tancredo. Amolado com a falta de oposição no Brasil, assegura que o govêrno ainda vai ficar pior, para ver se assim a «eterna vigilância» dá pelo menos um espirro.

AGÊNCIA NACIONAL — O ângulo côr-derosa do govêrno. Sua função, como agência, é transformar abacaxis em creme de abacate. Tôda baboseira presidencial passa a maná celeste com os temperos do antigo DIP. E até o «tenente» Gregório vira excelentíssimo de olhos azuis.

CHEFE DE POLÍCIA — O polícia mais especial da República. Chefe de polícia que se preza tem que matar quatro estudantes no Largo da Carioca e três criancinhas no Recife. O atual ainda está de jejum: enquanto isso se distrai armando âncoras.

LOURIVAL FONTES — Se fôsse alemão em vez de sergipano, talvez se chamasse dr. Goebbels. E se usasse Glostora talvez não tivesse sido de vilão o seu papel no dramalhão da democracia brasileira.

UM NOME, UMA NOTÍCIA


Ferreira de Sousa


Brochado da Rocha

BROCHADO DA ROCHA, que é candidato ao govêrno do Rio Grande do Sul hostilizado pelo Catete e pelo PTB-Jango, diz que conhece muito bem o seu chefe Getúlio Vargas. «Êle jamais me surpreenderá. Sei direitinho o que êle vai fazer». Isso, contudo, não impede que Brochado continue getulista.

ARMANDO FALCÃO foi atacado nos jornais do Ceará por conta do presidente do PTB, Paulo Jereissati, que exibiu contra êle inclusive «fac-simile» de carta na qual se transacionava emprêgo por votos. Em resposta Falcão publicou a relação de licenças de importação que Jereissati falsificou e utilizou (46 milhões).

PRUDENTE DE MORAIS NETO, teve sua candidatura ao Senado pleiteada junto à Aliança Popular pelos cronistas e repórteres políticos que redigiram, subscreveram e entregaram aos dirigentes aliancistas um memorial contendo a sugestão. Prudente, cronista do «Diário Carioca», é o presidente do PR do Distrito.

FERREIRA DE SOUZA está com sua reeleição de senador ameaçada. Dinarte Mariz, poderoso chefe eleitoral da UDN, teve sua candidatura ao pôsto levantada por seus amigos. O nome de José Augusto apareceu como do possível «tertius», dobrando assim a ameaça ao líder udenista no Monroe.

LÚCIO BITENCOURT, que começou sua carreira política elegendo-se deputado federal pelo PTB de Minas em 1950, é um prócer impaciente com a UDN. Acontece que Milton Campos prefere não concorrer a fazê-lo em companhia de Lúcio.

INFORMANDO DE SÃO PAULO

FLÁVIO PÔRTO


Almirante


Leon Eliachar


Ademar de Barros

Oscar Pedroso d'Horta, advogado, jornalista e «gentleman», está encarando sèriamente a possibilidade de lançar um grande semanário em São Paulo, nos moldes do «Paris-Match» parisiense.

★ Fala-se na vinda de Leon Eliachar para uma das televisões de São Paulo.

★ Em São Paulo é ao contrário do Rio. No verão, o carioca vai para a montanha sentir frio. O paulista vai para o Guarujá sentir calor.

★ Almirante, a maior patente do rádio, recebeu o maior prêmio anual que em São Paulo se confere a um radialista.

★ Por falar em Almirante, conta-se que êle resolveu não permitir mais que se assista à montagem de seus programas no estúdio da Rádio Record, pois o afluxo de curiosos era tal que Almirante achava que o ruído provocado prejudicava a montagem. Araci de Almeida, na semana passada, ainda não inteirada da nova ordem, quando procurou entrar no estúdio foi barrada pelo porteiro. «Quem deu essa ordem marota?», perguntou Araci, e o porteiro respondeu: — «Foi seu Almirante que mandou barrar todo mundo». Araci então saiu da sala carregando tôda aquela «Bossa», e comentando: — «Temos agora um Almirante Barroso aqui na rádio».

★ Encontrei o professor Mário Facini no futebol. Estranhando a presença do físico no Pacaembu, perguntei-lhe qual o motivo da presença. «Estou fazendo um estudo científico sôbre a libertação de complexos», me disse, e arrematou: — «Jôgo do Palmeiras é ótimo material colhido. O Flamengo, contudo, foi o maior manancial encontrado».

★ O simpático Cunha Bueno ainda não se definiu, continua nas encolhas. Vê lá, rapaz, se vais ficar parado na fita.

★ A briga do momento em São Paulo é a travada entre o prefeito Jânio Quadros e o governador Lucas Garcez. Jânio diz, Garcez desmente, e vice-versa.

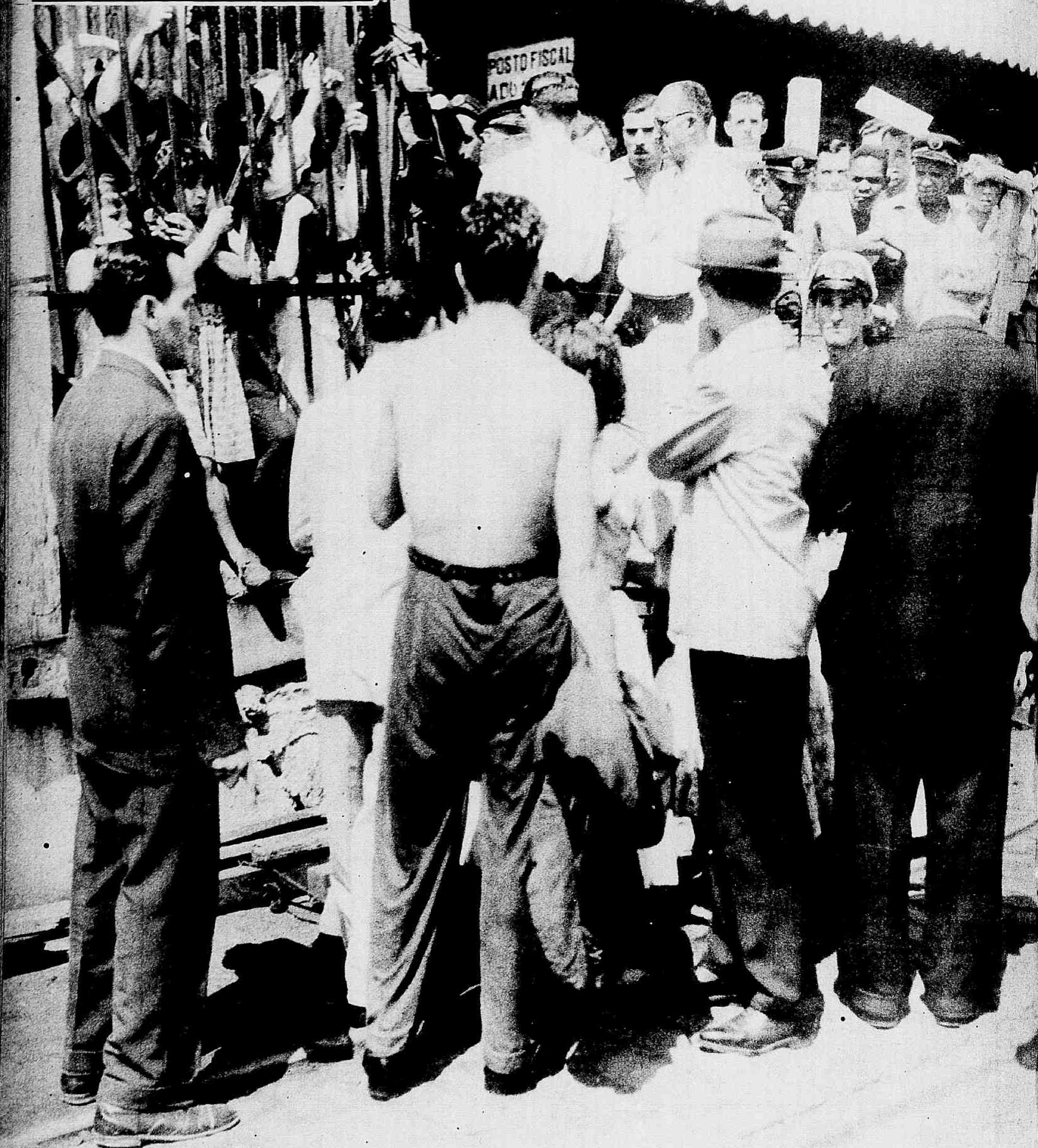
★ Borghi está querendo «tomar na raça» a direção do Partido Trabalhista Brasileiro de São Paulo. Parece que vai conseguir. Aliás se simpatia valesse voto, Borghi já estava eleito.

★ Com a vinda de um grande número de pessoas a São Paulo para o Festival do Cinema, na hora do «drink» é uma verdadeira «tourada» se conseguir uma mesa no «Captain's Bar» do Hotel Comodoro.

★ Segundo o pintor Antônio Bandeira, já se pode ir almoçar na casa de Aldemir Martins, depois que o jovem cearense ganhou um prêmio de cinqüenta mil cruzeiros na exposição da Bienal.

★ Camilinha Cardoso, figura muito conhecida na sociedade paulista, está encarregada de organizar a parte social do Festival de Cinema. O número de pessoas que desejam oferecer «cocktails» e recepções aos artistas estrangeiros é tão grande, que o difícil para Camilinha é selecionar.

★ Dizem os entendidos, que Ademar é uma das maiores barbadas eleitorais para os próximos pleitos eletivos do Brasil. Por outro lado fui informado que o mesmo sr. Ademar de Barros recebeu, ou vai receber dos bicheiros de São Paulo a quantia de duzentos milhões de cruzeiros «para ajudar» sua campanha eleitoral.



A data foi de 15 de fevereiro de 1954. O local foi o Cais do Pôrto do Rio de Janeiro. Famílias inteiras ficaram enlutadas e viram seus entes queridos serem tragados pelas águas traiçoeiras da Guanabara. Que lhes serviu de túmulo.

MORTE E DESESPÊRO NA GUANABARA

Texto de LUÍS SODRÉ

Fotos «O GLOBO» e «ÚLTIMA HORA»

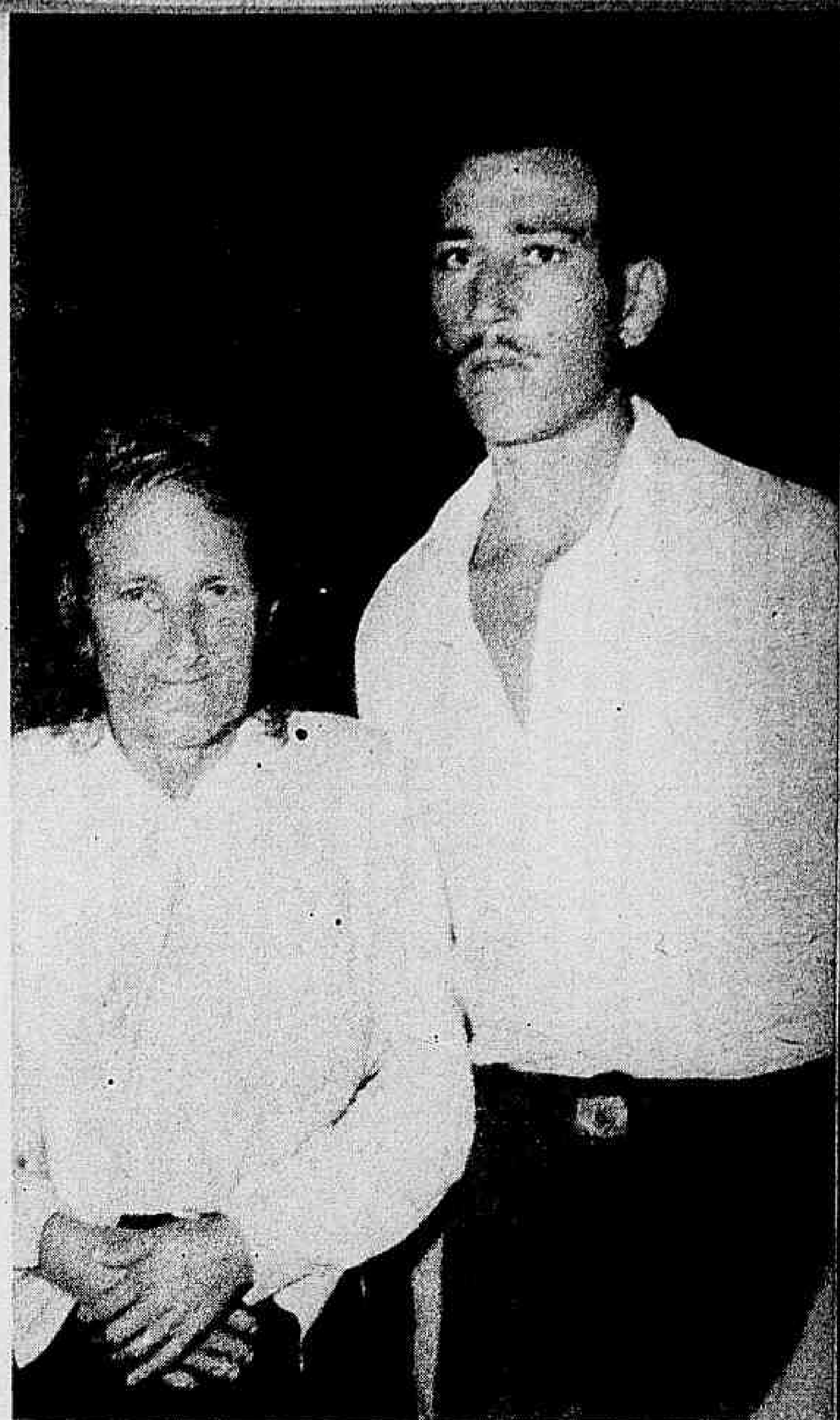
O transatlântico «Vera Cruz» vinha de Portugal. Superlotado. Famílias traziam esperanças e saudades. Gente de tôda sorte, uns para tentar a vida, outros para rever parentes — mas todos traziam nos lábios um sorriso. O sorriso otimista de um futuro feliz ou o sorriso comprimido de uma saudade.

Nada poderia prever a catástrofe de logo depois. Era a chegada rotineira e festiva, de um navio da «terrinha». Outros espetáculos idênticos já se haviam repetido antes; e em nenhum dêles a morte imprimira a sua marca violenta e fatal. Naquela manhã, contudo, os fados se manifestariam de outra maneira; e o que começara, como das vêzes anteriores, entre sorrisos e lágrimas de alegria, acabaria, dramàticamente, entre rictos de dor e pungentes lágrimas daqueles que imprevistamente iriam ser atingidos em cheio por uma desgraça sem nome.

Entre o navio que chegava e a multidão de gente que aguardava no cais, havia todo um mundo de tempo, de recordações, de saudade, de sonhos, que se comprimiam nas águas, cada vez menos distantes. Corações palpitavam de alegria, mãos acenavam eufòricamente. Lanchas começaram a ser fretadas. A impaciência da espera era torturante e ninguém suportava aguardar mais duas horas até que a belonave atracasse. Iam, êles próprios, ao seu encontro, encurtando o espaço com a velocidade dos motores. Quarenta, cinqüenta, sessenta pessoas em cada lancha, ao encontro do «Vera Cruz». As imagens cresciam, de lado a lado, à medida que as lanchas se aproximavam. Começavam a desenhar-se no céu claro e nas águas frias, os rostos dos parentes e amigos. Os acenos de mão, os sorrisos e os gritos de alegria eram o único meio de comunicação.

Mas eis que o transatlântico se locomove, deslocando aquela imensidão de água. Uma onda mais forte, vira uma lancha. Todos os seus passageiros (cêrca de 70) mergulham no mar. A alegria teransforma-se ràpidamente em tumulto. Gritos de desespêro e de dor. Chôro violento, reboliço, angústia, sofrimento. Pânico total. A tragédia boiava sôbre a Guanabara.

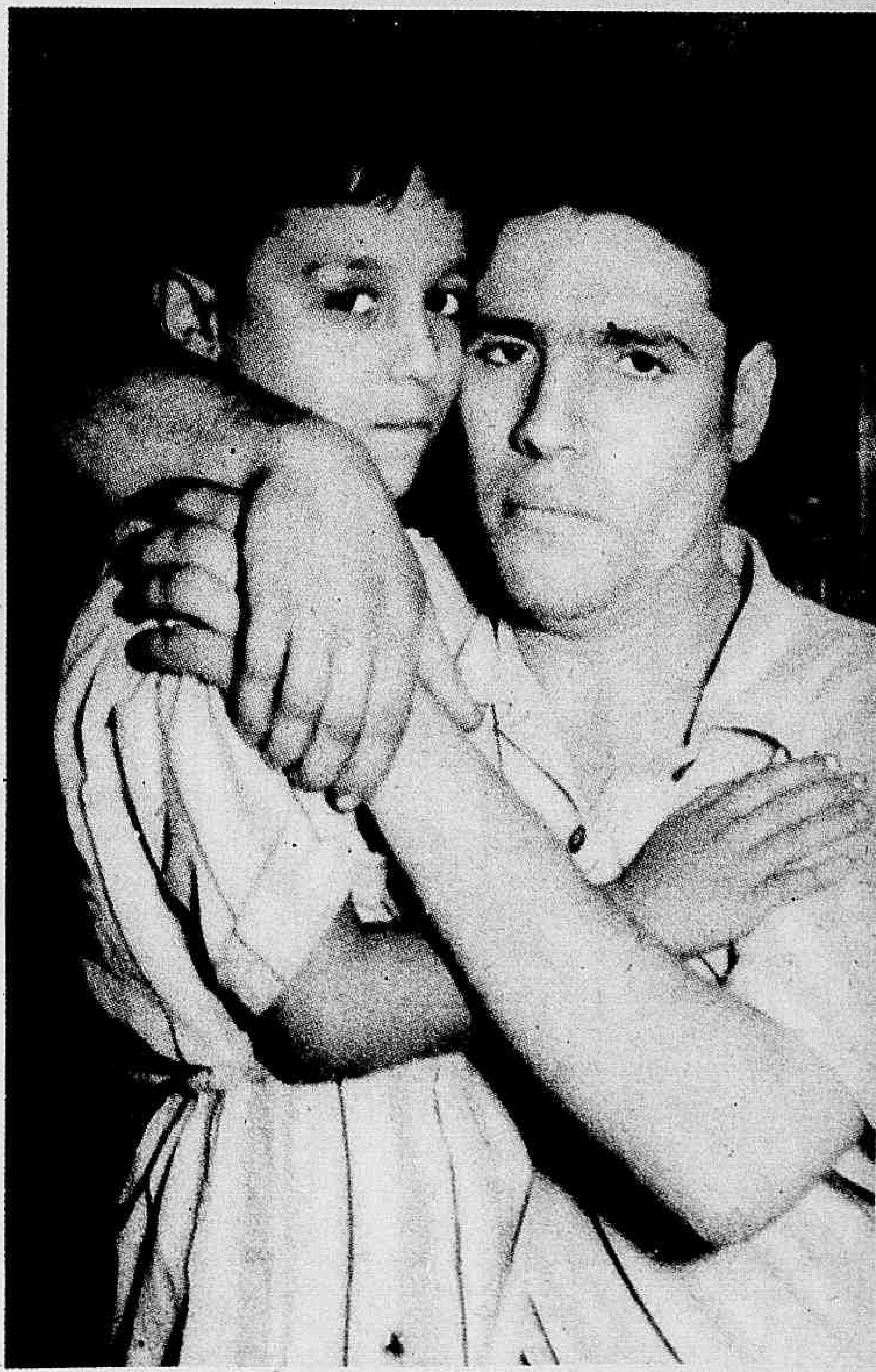
No mar, todos se debatiam, procuravam uma tábua de salvação. Homens, mulheres e crianças lutando num último alento pela sobrevivência. O socorro partiu de todos os lados, mas a morte andava mais depressa. Pessoas agarrando-se a outras, mães procurando filhos, homens nadando sem rumo certo. E corpos boiando, sem vida. Pequenas embarcações iam recolhendo os poucos sobreviventes, alguns em estado grave, que eram conduzidos logo aos hospitais. Para outros não restava mais que uma simples identificação. E o sorriso dos amigos e parentes nada mais era agora senão um breve olhar de despedida.



A sra. Felicidade Monteiro salvou-se, mas assistiu à morte de Maria Amália, sua amiga.



D. Maria Judith Teixeira procura consolar a jovem Nilda Gomes da Rocha. Mas ninguém lhe poderá restituir o ente querido.



Na foto, o senhor Manoel Carneiro, que perdeu o irmão, abraçado ao seu sobrinho José Carlos, por êle salvo milagrosamente.



Morte e desespêro na Guanabara

A TRAGÉDIA NA BÔCA DE ALGUNS SOBREVIVENTES

Sra. Felicidade Monteiro Barros:
"Pensei que era chegado o dia do Juizo."

— A lancha ia cheia que não cabia mais ninguém. Todos estavam radiantes. Cada um de nós esperava rever um parente. Não tivemos paciência de esperar no cais. A visita sempre demora muito. Sabia que só uma ou duas horas depois, é que o "Vera Cruz" encostaria. A lancha alcançou o navio e todos gritavam de contentes e havia até quem chorasse de alegria ao reconhecer um parente, lá, a bordo. Todos gritavam a um tempo só. Em dado momento, a lancha deu uma volta e corremos todos para o mesmo lado. Não queríamos perder de vista o "Santa Cruz". Foi aí que se deu o desastre. A lancha virou e fomos lançados ao mar. Pensei que era chegado o Dia do Juizo. Vi criancinhas se batendo. Marido gritando pela mulher, pai por filho, uma confusão que não se pode imaginar. Mais de uma vez subi e desci. Já estava entregando a alma a Deus quando alguém me agarrou fortemente e me lançou num bote. Eu não queria acreditar que estava salva. Pensava em minha amiga, meus parentes. Depois, foi como os senhores viram: perdi minha amiga, coitada.

Sr. Antônio Conceição Rocha:
"Eu não morri!"

— Como meu nome surgiu entre os desaparecidos não sei. Esperamos o navio no cais, recebemos o amigo, e contristados soubemos da tragédia. O ambiente já não comportava festas e por isso logo que João Rodrigues Mota desembarcou, vim para minha residência. Agora, minha família já ouviu pelo rádio a minha "morte", mas felizmente estou vivo e espero continuar assim por muitos anos...

WENCESLAU, O HERÓI

Entre os que puseram suas embarcações à disposição dos náufragos, destacou-se um modesto rapaz de [illegible] anos: Wenceslau dos Santos, catraeiro da lancha «Divisa de Ouro», com capacidade para 15 passageiros. No momento em que passava por perto, a reparar a tragédia, mesmo contra a forte oposição de 3 tripulantes que com êle iam, manobrou ao encontro dos náufragos, recolhendo [illegible] pessoas, salvando-as de morte certa. Seu relógio, paralisado pela água, marcava exatamente 9,25 — [illegible] o novo nascimento das vítimas.



[illegible] Vera Cruz, [illegible] dos [illegible], foi uma das [illegible] vítimas da lamentável tragédia. Seu estado de saúde inspira cuidados.



Os avós da menor Maria Isabel aguardavam ansiosos no cais notícias de sua querida neta. Mas foi em vão; elas não chegaram.



A lancha «D-25» do C.T. «Marcílio Dias», da Marinha de Guerra, chega com os primeiros sobreviventes ao cais do «Pier-Mauá».

CHAMPANHOTA

PETER

● Com o progresso e o IV Centenário, a distância entre Rio e São Paulo tornou-se menor. Já é possível, sem necessidade de reabastecer, fazer ida e volta, na bela Ferrari do sr. Artur de Sousa Costa, a uma velocidade de 200 kms por hora. No dia 19, a revista «São Paulo Magazine», filha da «Rio Magazine», ofereceu um «cock-tail» em Guarujá ao pessoal do Festival Cinematográfico. No dia seguinte, o sr. Tomé estava aqui mesmo na rua Senador Dantas. No Hotel Comodoro você poderá encontrar qualquer carioca com quem deseje falar e «O Boteco», com sua bela francesinha (a dona), lembra muito o «Vogue», com o arquiteto Murilo Moreira, sr. e sra. Luís Fernando Bocaiúva, sr. Paulo Martins e srtas. Mirian Rêgo, Teresa Simões Soares e Maria Eugênia Romaneli que ficou encantada com a barba e o turbante do embaixador da Índia. E, no meio desta confusão de artistas vindos de todos os cantos do mundo e mais a expectativa da chega dos americanos do norte, a sra. Marjory Prado ofereceu um almôço e um «cock-tail» a êste mundo de gente que é o Festival. Os empregados fantasiados de personagens de Debret. Enfim, tudo que se podia levar do Rio foi para São Paulo. Para o consôlo e alegria dos que ainda não embarcaram ou não embarcarão, ficou (felizmente) a bela e preguiçosa Copacabana, docemente estendida à beira-mar, logo depois do túnel...

● **FÊZ ANOS**

No dia 12, com muitos vivas e alguma champanhota, comemorou seu aniversário a srta. Helena Teixeira.

● **FUNCIONANDO A HÍPICA**

A Hípica no alto da Tijuca tem funcionado regularmente com associados praticando salto. Sábado passado, a atividade foi grande. O sr. Luciano Crespi podia ser visto com seu novo cachorro malhado. A velocidade do carro era grande demais para se verificar a raça do mesmo.

● ÊLE BATE PALMAS

Se o tempo em cartaz e casa cheia são reflexos de um bom programa, sem dúvida, o «show» atual de uma das nossas buates é excelente. Caso contrário, teria casa branca. O fato é que, já com três meses de idade, ainda temos, quase tôdas as noites, o sr. Renato Bandeira batendo palmas com o mesmo entusiasmo do primeiro dia. No meio tempo, a cantora Iris, com sua bela voz, faz o encanto do filho do embaixador-estancieiro.

● AFINAL, QUEM É ?

Causou grande sensação na nossa Imprensa o fato da sra. Nicole Hime ter sido vista, por várias vêzes, em companhia do príncipe Ali Khan. Foi feito mesmo um flagrante dos dois, perguntando-se quem era a bela mulher ao lado do famoso indiano. Ùltimamente, porém, Tony Mayrink Veiga tem sido visto, freqüentemente, com a sra. Nicole Hime. Muito freqüentemente e em vários lugares.

● **COM SANTA ROSA**

Parece que o departamento encarregado de enfeitar a cidade para os três dias de carnaval tomou juízo. Resolveu contratar alguém que tem senso de estética e muito jeito para o negócio: Santa Rosa. Temos certeza de que irá tudo bem.

● **O SEGRÊDO DO BARÃO**

Embora ainda seja delicioso, muita gente tem estranhado o gôsto do café no «Vogue». É bom, mas não é aquela maravilha que sempre foi. Aos que perguntam, os garçons respondem entre cochichos, como se fôsse segrêdo maior que o da bomba atômica: — «O Barão (Stuckar) levou a máquina (de fazer café) para o Quitandinha». Esperamos que a máquina volte logo.

● PIRES DO RIO NA PISTA

Tôdas as noites o industrial Pires do Rio pode ser visto entrando em alguma buate ou restaurante, em companhia de uma bela morena que, segundo pudemos apurar com um informadíssimo senhor, chama-se Dóris. Muito bem, sr. Pires!

RESPOSTAS AS PERGUNTAS DA PAGINA 40

1 — Goethe ★ 2 — Moça ilustre ★ 3 — O chinês ★ 4 — O edifício Empire State ★ 5 — Apolo ★ 6 — Em Constantinopla ★ 7 — Índia ★ 8 — Jerusalém ★ 9 — Cantão ★ 10 — Cantagalo ★ 11 — Paulista (de Santos) ★ 12 — Rui Barbosa ★ 13 — 110 (fundada em 1844) ★ 14 — Criação dos serviços postais ★ 15 — Rio de Janeiro.

ÚLTIMO FLASH



BANHO À FANTASIA — Acontece todo ano. As Escolas de Samba descem o morro e vêm pisar o asfalto quente da Avenida Atlântica, no Pôsto 6. Desfilam sob os aplausos de milhares de pessoas, dentro de suas fantasias de papel crepon. Rebolam, remexem, cantam, suam. E o ritmo do samba não pára um só momento, esquentando o seu sangue por dentro enquanto o sol queima por fora. Tamborins, cuícas, tambores, pistons — tudo é ritmo, tudo é alegria, tudo é calor. Um calor carnavalesco como só as escolas de samba sabem apresentar.





Quando protelamos esclarecer uma dúvida, no íntimo já temos certeza

10 MANEIRAS DE SUICÍDIO LENTO



- Literatura
- Cinema brasileiro
- Mulher ciumenta
- Restaurante
- Casamento
- Roleta
- Cadeira de dentista
- Cigarro Liberty
- Avião a jato
- Democracia

Eis uma pequena capaz de virar a cabeça de qualquer um. Não disse?





— "... até que a morte vos separe."

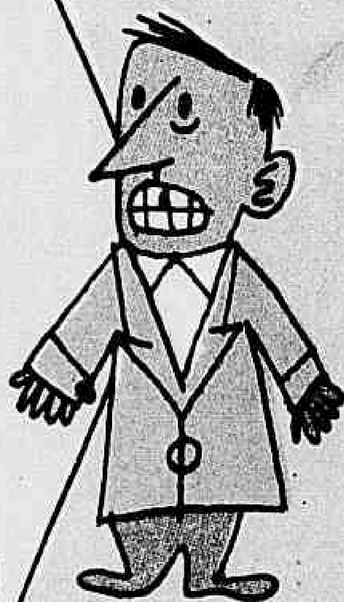


NÃO COMPREENDO

... porque sempre que pedimos um copo dágua, alguém ao lado diz "dois".

Ilustrado por PIQUÍ

SUJEITO PRONTO ERA ÊSSE: SEMPRE QUE IA AO DENTISTA LEVAVA A CÁRIE E A CORAGEM.



Quando a professôra acabou de dar a explicação, notou que o gurizinho da primeira fila dormia tranqüilamente.

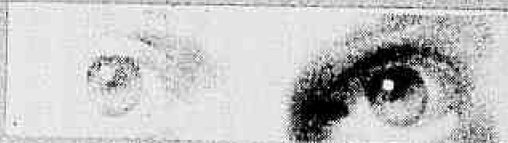
Bateu-lhe no ombro, despertando-o:

— E então, que foi que eu disse?

O gurizinho bocejou e respondeu:

— Bolas, a senhora vem perguntar logo a mim que estava dormindo?

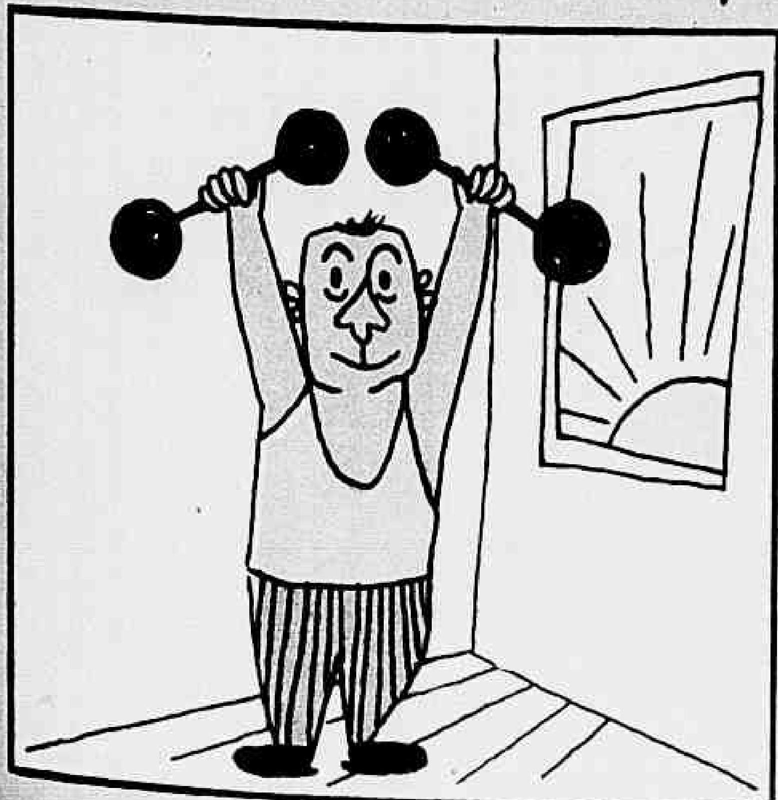
PONTOS DE VISTA



PÊSAMES são essas palavras de gentileza que são sempre recebidas com a cara fechada.

●

HUMILDADE é um orgulho que nunca vem à tona.







Um armista...

... é aquêle que distingue, entre os artísticos brazões de uma coleção heráldica, o de mais sugestiva significação e bom gôsto. E é êsse dom de discernir o melhor que leva os fumantes a preferir



hollywood

uma tradição de bom gôsto

H-88.247

UM PRODUTO SOUZA CRUZ